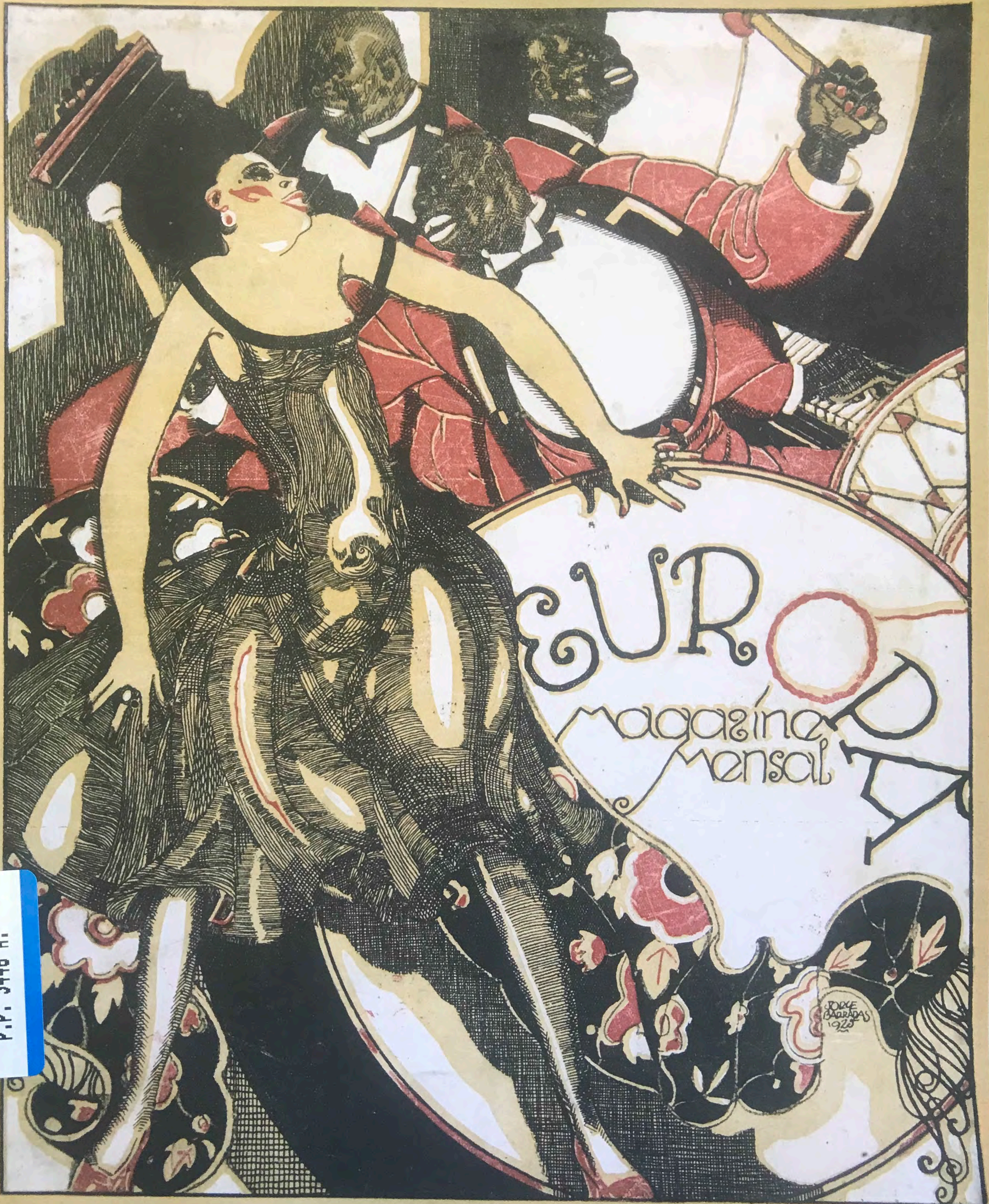


P.P. 5446 A.



EUROPA

magazine
mensal

JORGE BARRADAS
1928

Banco do Minho

Fundado em 1864

Capital
Esc. 10.000.000\$00

Reservas
Esc. 11.203.000\$00

Séde em Braga—Filiais em Lisboa e Porto
Agencia em Guimarães

Correspondentes em todo o país e estrangeiro

Operações bancarias, cambiaes e ordens de Bolsa

Cofres fortes para alugar na Séde e Filiais

Agente geral no Brasil — SOCIEDADE BANCARIA DO MINHO

Rua da Quitanda, 117—Caixa Postal 3065—Rio de Janeiro

Operações bancarias de todo o genero, no Rio de Janeiro, S. Paulo
e em todos os Estados do Brasil

*Serviço montado especialmente para a cobrança de juros
e dividendos, administração de propriedades
e liquidação de heranças*

Palmira Calixto

Calçada do Sacramento, 7-2.º

Telefone 4359

Tratamento de Beleza por Eletricidade
aplicada sob todas as fórmulas

ALTA FREQUENCIA

Ginástica Médica — Massagem Médica
vibratoria e manual

Lavagem e secagem dos cabelos e seus tratamentos,
descoloração e aplicações de Henné,
Ondulação «Marcel» Manucure

CREME PALMIRA

Dom Sebastião

Poema simbolista

por

Correia da Costa

A' venda em todas
as livrarias

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS

“ULTRAMARINA”

FUNDADA EM 1901

Séde na sua propriedade em Lisboa

Rua da Prata, 108, 1.º

Endereço telegrafico:
MARITIMA

Telefones: } C. 1281
 } C. 1113

Delegação na sua propriedade no Porto

Rua Mousinho da Silveira, 80 1.º

Endereço telegrafico: ULTRAMARINA
Telefone 694

Agencias em todo o país

Capital e Reservas, Esc. 2.267:478\$40

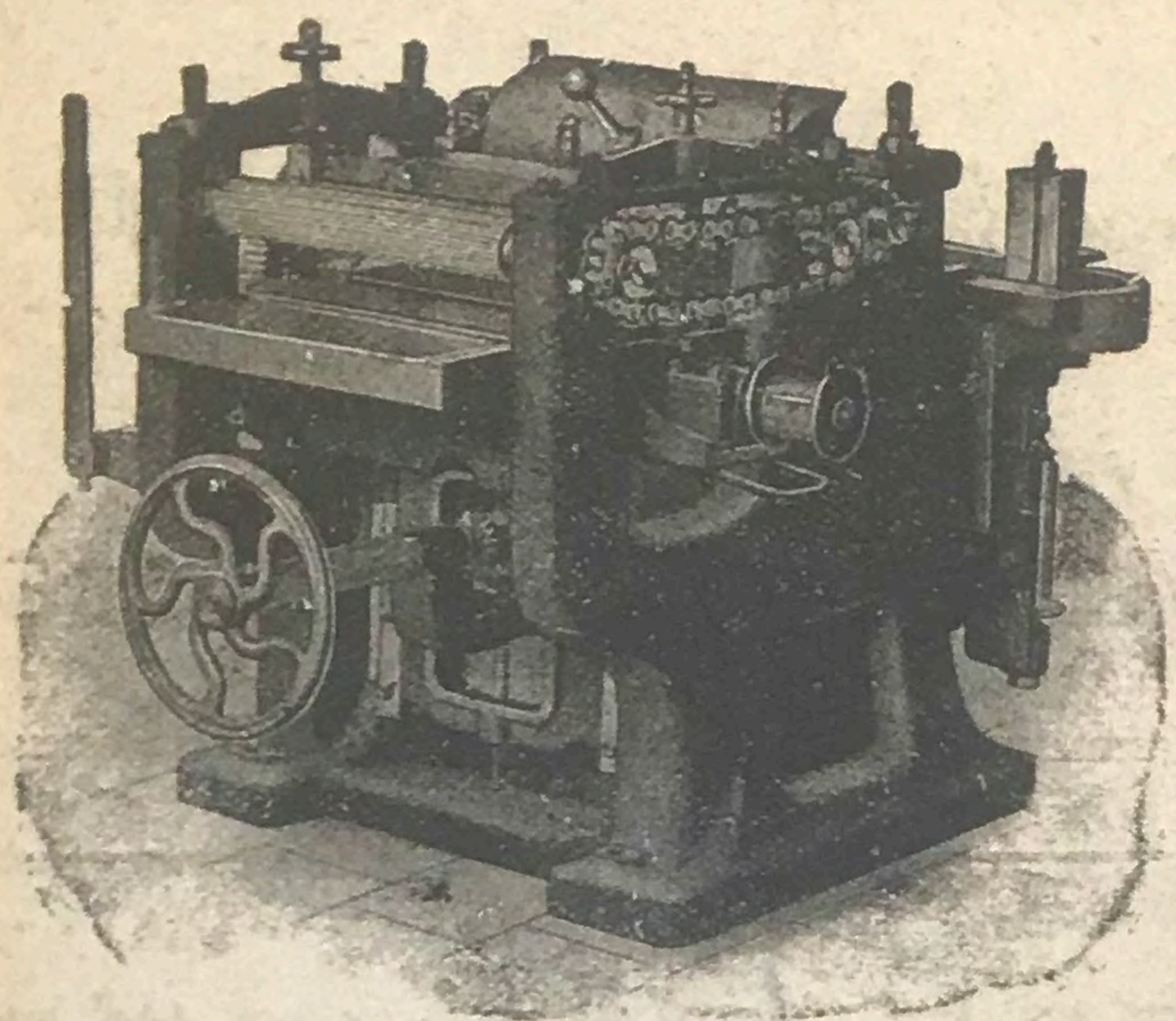
Sinistros pagos até 31/12/924, Esc. 6.349:609\$77

Efectua Seguros Maritimos e Fluviaes, Terrestres contra fogo,
Agrícolas contra fogo e Acidentes de Trabalho

AD. M. ELIAS

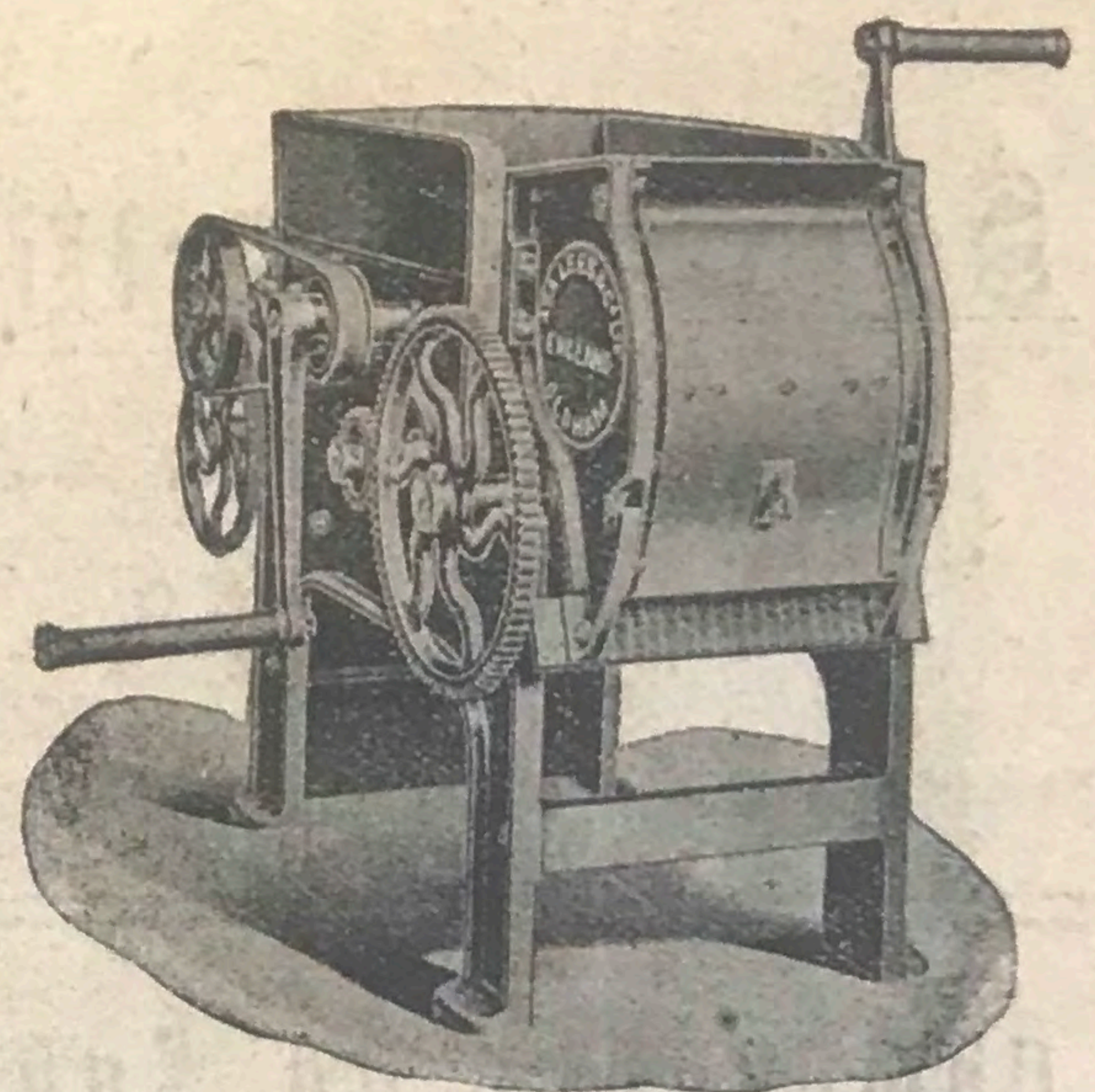
REPRESENTANTE DE
BAERLEIN & SONS, LTD.
(MANCHESTER)

ENGENHEIROS-ESPECIALISTAS



**Maquinas de serrar e trabalhar
madeira - Plaina de 4 Faces**

MAQUINAS
E SEUS
ACESSORIOS
PARA AS
COLONIAS



**Descaroçador d'aigodão manual
de 16 serras**

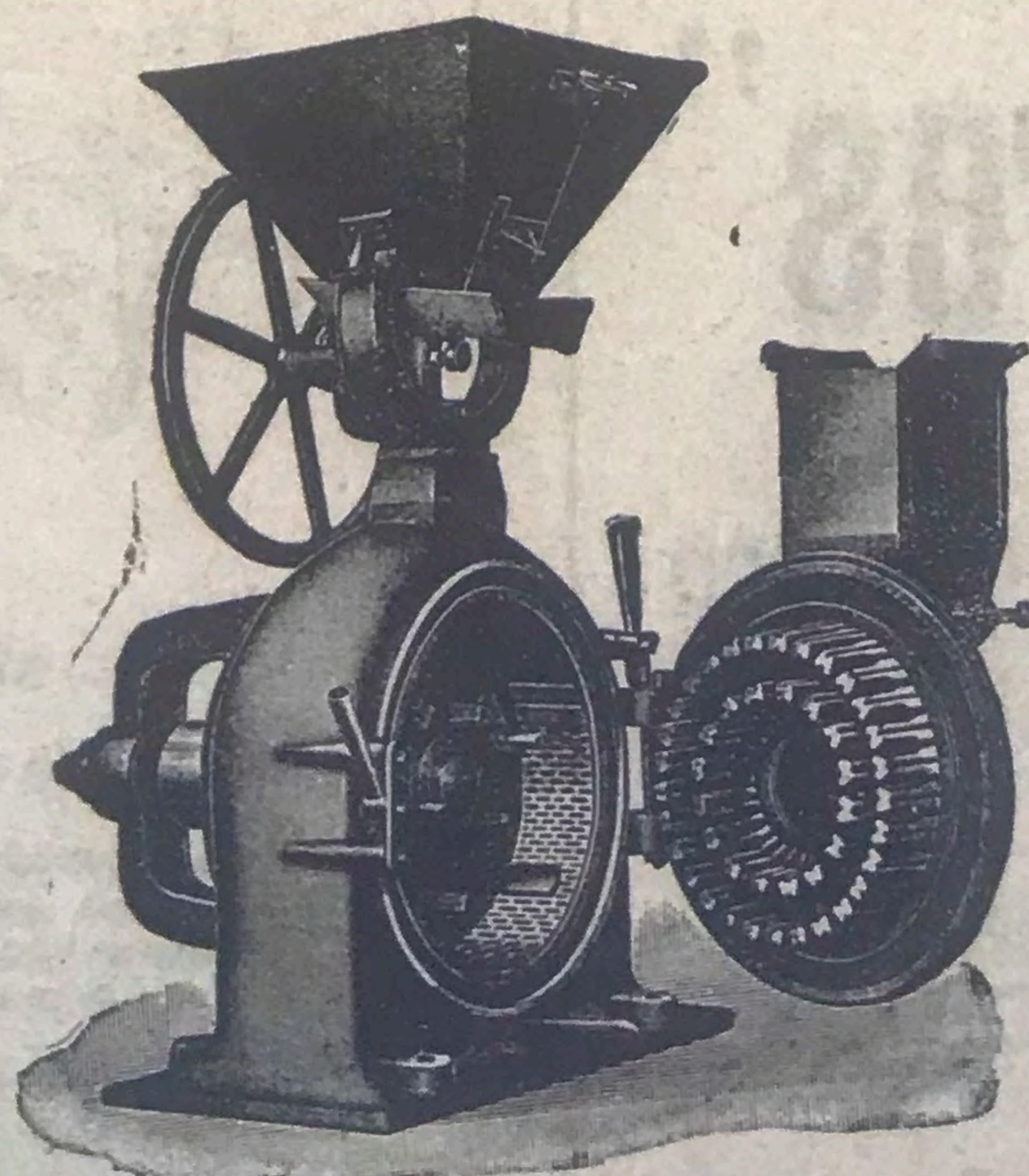
MOINHOS

"IDEAL-TRIUMPH,"

Para CEREAIS

e outros produtos
sêcos

Moem e peneiram



Largo

do

Conde Barão, 37

LISBOA

TELE } FONE 3344 C.
GRAMAS -Selfacting.

BORGES & IRMÃO

BANQUEIROS

PORTO

Rua do Bomjardim

LISBOA

Largo de S. Julião

RIO DE JANEIRO

Rua da Alfandega

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO
E DE BOLSA

Secção Maritima

Caes do Sodré, 84

TELEFONE } 1525 C.
 } 1575 C.

Representantes em Portugal
da

THE ANGLO-PORTUGUESE
STEAMSHIP C.^o L.^o e ISAACS LINE

Companhia de Seguros
Luzo-Brazileira

“A Sagres”

Efectua seguros em ouro

SÉDE:

RUA DO OURO, 191

LISBOA

Casa Africana



Séde:

R. Augusta, 161

LISBOA

Sucursal:

R. 31 de Janeiro, 220

PORTO

ESTAÇÃO DE VERÃO

Grande sortido em todos os artigos de alta
novidade para Homem, Senhora e Criança,
adquiridos recentemente nas princi-
pais capitães estrangeiras

PREÇOS SEM COMPETENCIA!

Freire da Cruz & C.^a

ANO 1.º — N.º 1

ABRIL

DE

1925

EUROPA MENSAL MAGAZINE

REDAÇÃO PROVISÓRIA:

TIPOGRAFIA DE

"O SPORT DE LISBOA,"

LARGO DO CALHARIZ: 29

LISBOA

DIREÇÃO E EDIÇÃO DE JUDITH TEIXEIRA
SECRETARIO DA REDAÇÃO JOSE ADOLFO COELHO



Lisboa a voo de passaro

(Cliché Serra Ribeiro)

1.^o
D'OUTONO



SALÃO
1925

O pintor Eduardo Viana organizador do Salão d'Outono
na Sociedade Nacional de Belas-Artes



Eduardo Viana — Paisagem

Bugigangas



chinezissas

CAMILLO PESSANHA, artista de nascença, auctor de versos que teem scintillações de pedrarias raras e que rescendem mil perfumes inebriantes, entreteve-se, ha annos, na China das porcellanas de museu e dos brocados de liturgia, a formar carinhosamente uma collecção de preciosidades artísticas orientaes.

Homem de gosto e homem de saber, amando as coisas bellas e conhecendo o seu valor intrinseco, não teve a pretensão de reunir um numero desmedido de objectos simplesmente rutilantes. Deixou esse trabalho desacreditado aos judeus de bric-à-brac e, com a paciencia da abelha, buscou aqui, acolá, mais alem, as pequeninas maravilhas, as joias de feitiço, as raridades artisticas dignas de abrigo na sua mansão de poeta e de contemplativo...

Mais tarde, sempre insatisfeito, insaciavel de belleza, Camillo Pessanha seleccionou ainda, com rigor, o que tão amorosamente havia escolhido nas suas peregrinações pelas terras mysteriosas do Oriente. E assim compoz, sacrificando como um nababo muitas coisas formosas e ricas, um esplendoroso grupo de obras primas, documentadoras eloquentes do prestigioso espirito creador dos artistas asiaticos.

Mas os poetas são sonhadores immortaes. E Camillo Pessanha, arguto na destriça complicada do que é authenticico e do que é falso em materia de arte, tem ás vezes sonhos cor de rosa, ingenuos e risonhos como os das

crianças, e depois d'elles, quando desprta na sua thebaida, crê em chimeras, em apparções de fadas e até na eliminação subita dos defeitos seculares do povo portuguez

Só assim se explica que elle te ha offerecido ao nosso paiz — onde os esteticistas ligam ás coisas de arte a mesma importancia que os gallegos ligam á limpeza — todo o seu thesouro, tão amado, tão rico, tão bello, composto de reliquias de uma civilização millenaria que não cessa de maravihar-nos. O poeta não quiz certamente que um coro de hossanas patrioteiras galardoasse a sua acção despretenciosa e singular. Mas suppóz, é claro, que o seu nobre intuito educativo seria, pelo menos, comprehendido e secundado por essa entidade, imponente e distrahida, que se

chama, em linguagem juridica, «o governo da nação».

Requintada ingenuidade a de Camillo Pessanha! A sua dádiva principesca, obra do seu coração e da sua intelligencia, jaz ha longos dez annos, talvez envolta em bolor e acompanhada de lixo, n'alguns vulgares caixotes de pinho tóso depositos nos armazens do Museu de Arte Antiga. E provavelmente alli ficará seculos e seculos, no esquecimento que se offerecer-se ás coisas inuteis, para gaudio dos archeologos vindouros que sejam mexediços e que façam pesquisas n'aquelle logar.

Isto apesar de se tratar de objectos de arte provenientes da China e de Portugal ser o paiz das chinezissas...



vícios portugueses

PEUÇO desculpa a todos os maviosos poetas lusitadas, que não se cansam de exaltar as mais imaginarias virtudes do nosso povo, se firo a sua susceptibilidade patriotica, mas aqui declaro, bem contrafeito e pesaroso, que difficilmente se encontrará no mundo gente com defeitos tão variados como a gente da nossa terra. E' claro que esses defeitos não teem nada de horrivel nem nos deprimem moralmente perante os outros povos, assediados a seu turno pelas mais repugnantes imperfeições. Os nossos defeitos são também portugueses e caracterizam-se, como é natural, pela pobreza disfarçada que revelam e pelo ridiculo intellectual que não conseguem encobrir.

Um dos nossos defeitos mais caricatos é o de apagar-mos tolamente o timbre nacional em tudo quanto usamos, desde a indumenta-

ria, que era original e commoda, até o idioma, d'uma riqueza inaudita e d'uma suavidade inegalavel. Construimos as nossas phrases á franceza, trajamos á ingleza, bazofiamos á hespanhola, dansamos á argentina e se amamos ainda as mulheres á portugueza, com arrebato e sofreguidão, é porque o sol intenso de Portugal nos abrasa o sangue e não deixa extinguir em nós aquella impetuosidade que sempre nos conduziu aos maiores desvarios e ás maiores glorias.

D'esse habito damninho de desnacionalisação injustificavel provém o vicio de imitação generalisada, systematica, que corroe a personalidade da mór parte dos portuguezes e os faz regressar, babosos, á categoria de orangotangos. Esse vicio não tem já hoje limites e os patricios de Bismark, mestres na

arte da falsificação e do arremedo, viriam certamente aproveitar a nossa tendencia, se não soubessem, pelas informações policiaes dos seus diplomatas, que a ociosidade é a mãe carinhosa de todos os nossos vicios. De resto, entre nós e os allemães ha esta pequena differença: elles imitam por interesse, aconselhados pela intelligencia; nós imitamos por habito, impellidos pela estupidez...

Como, certamente, julgam que exaggero a pintura d'este quadro d'après nature, vou-lhes contar um caso engraçado e que não é uma historia da carochinha. Um sapateiro lisboeta arranjou fortuna. Comprou na linha de Cascaes um terreno amplo. Fez construir no mesmo, apparatusamente, uma casa incarecteristica, de pedra e cal. Na casa mandou erigir, em tijolo furado, uma chaminé enorme, d'uma enormidade desnecessaria. Depois, fez revestir a chaminé, de cal e areia, para ficar mais bonita. Em seguida mandou-a pintar á sua moda, e a chaminé que era por baixo de tijolo authentico, ficou a ser por cima de tijolo fingido!!!

E agora digam-me, francamente, se um povo d'estes, em que ha sapateiros que sendo homens imitam os burros e burros que sendo sapateiros imitam os homens, merece que poetas mimosos, auctores de versos sentimentaes e lagrimantes, estalem as cordas doiras da lyra a gemer a cantata das suas virtudes...



JA devem ter notado que as duas nações peninsulares estão actualmente com a febre das consagrações posthumas e que essa febre, provocada pela mordedura do mosquito videirinho, é refractaria á acção curativa do bom-senso, especie de quinino que só os imbecis acham amargoso.

Os nossos amigos hespanhoes, gente alegre e expansiva, affeiçãoos a todas as pilherias e folganças, lembraram-se ha tempos de desanuviar o espirito inalteravelmente melanco-

lico dos portuguezes — cyprestes da raça latina, inventores declarados da saudade, chorões classicos de todas as tristuras e desgraças.

E assim nasceu a ideia de uma festança, em Madrid, em honra de Camões, com discursatas, beberetes, inauguração de lapidos, bôdo de commendas e pasmac ira nas ruas, tudo espontaneo e cordeal, tudo proveniente d'aquella boa-fé e d'aquella naturalidade que a diplomacia de todo o mundo costuma pôr ao serviço das suas intenções reservadas...

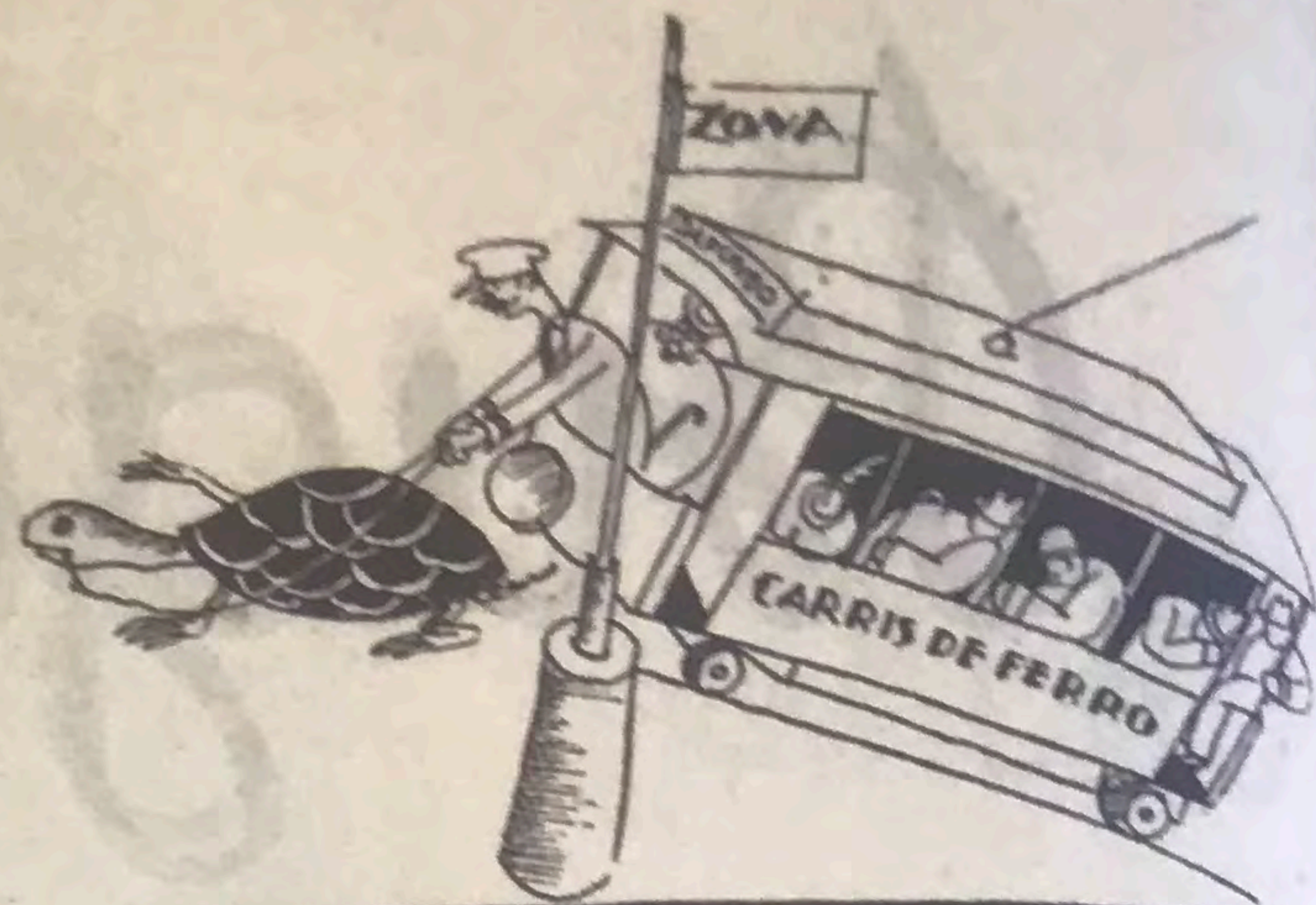
Executado á risca, como foi, o programma da homenagem, sem esquecimento de nenhuma haboseira oratoria e com todo o respeito pelos salamaleques do protocolo, pode já dizer-se, em voz alta, que a gloria de Camões ficou onde estava e que os Lusíadas continuam a ser o menos lido de todos os poemas immortaes.

O genio do nosso grande poeta epico, desconhecido da maioria dos portuguezes, foi o pretexto excelente, arranjado pelos excursionistas intellectuaes do nosso burgo, para mais uma pandega opipara pelas terras da estranja. Da parte dos hespanhoes, sempre amaveis e se luctores, houve simplesmente o desejo, habilmente encoberto pela sua diplomacia, de crear jús á nossa gratidão e á nossa confiança, amortecidas pelas inesqueciveis lições da nossa historia.

Essa gratidão está sendo já esboçada, com a pressa exigida pelas necessarias extremas, por um grupo, muito elogiado, de futuros esteiros da litteratura nacional. Prepara-se em Lisboa, com a actividade permittida pela generosidade publica, a glorificação espaventosa do insigne psychologo que se chamou Cervantes e que foi o creador, em Hespanha, da novela corta. E' equitativo. Camões tinha um olbo de menos. A nação visinha bomenageou-o. Cervantes perdeu em Lepanto a mão esquerda. E' justo que Portugal lhe dedique uma festança ruidosa...

Não seria, todavia, inconveniente, a meu vor, que alguém, dotado de bom coração e de regular cultura, explicasse a muitos dos festeiros, antes das solemnidades commemorativas, a origem da celebrade universal do auctor do *Don Quijote*. Cervantes é conhecido em Portugal, mesmo entre os intellectuaes, quasi só de ouvido. Sabe-se vagamente que elle tinha algum espirito e que escrevia em castelhano. Mas poucos conhecem, intrinsecamente, a sua obra viril e original, embora todos a pretendam glorificar como os charlatães.

Que ninguem deprehenda, porém, d'estas palavras, que tenho a velleidade de impedir o triunfo dos patáratas n'este paiz de gente bisonha e crendeira. Se escrevo a verdade, claramente, é pela mesma razão que levou o licenciado Vidriera, das *Novelas Ejemplares*, a dizer em certo dia: «*Aunque de vidrio, no soy tan frágil que me deje ir con la corriente del vulgo, las más veces engañado*».



maravilhas de Lisboa

GIRAM em Lisboa umas coisas com rodas, grandes e pequenas, a que tenho ouvido chamar carros electricos e de que eu me sirvo, infantilmente, quando pretendo deslocar-me, com rapidez, de um para outro sitio da cidade.

Ha quem me tenha assegurado, sob palavra de honra, que esses frequentadissimos vehiculos se movem com o auxilio de motores e que esses motores, a seu turno, funcionam por meio de electricidade.

Apesar de eu ser immensamente ingenuo, como o reconhecem os meus inimigos mais intimos, não me convenci até hoje de que uma viatura que marcha a passo de boi, com paragens successivas que denotam cansaço, possa ser impellida pela energia electrica.

Desde que, em petiz, soffii um certo abalo physico por haver tocado com os meus dedinhos mimosos no fio de um telephone, nasceu em mim a certeza de que a electricidade é uma coisa mysteriosa que anda sempre a correr e que não é para brincadeiras...

Ora os carros electricos são em Lisboa, para as pessoas crescidas, o que o Colyseu, com os palhaços, é para as pessoas miudas — um lugar onde a gente se r. de boamente, se o estomago está bem cheio e o figado se encontra em bom estado.

Façam, para experiencia, uma viagem no chamado expresso Lisboa-Dáfundo. Se podem dormir fóra de casa, levem uma almofadinha de sumama porque tem tempo para gosar uma somneca. Se padecem de insomnias, esbugalhem os olhos e escarafunchem os ouvidos porque não lhes faltarão, durante o percurso, motivos para rizota franca.

O carro electrico anda aos pulinhos, como certas aves cujos nomes por ignorancia não cito. O conductor é um sujeito muito curioso e desconfiado que existe para causticar os passageiros. Quer sempre saber para onde vamos e, depois de lh'o dizera os, vem innumeras vezes repetir-nos a pergunta, a ver se o enganámos na confidencia. A campanha é um objecto diabolico que representa materialmente aquillo a que é costume chamar-se «espirito de contradicção». Sôa sempre na plataforma opposta aquella onde manobra o guarda-freio.

O publico compõe-se de pessoas ignorantes, para quem «tomar o electrico» significa absurdamente «ter pressa» e decompõe-se em pessoas que dormem e pessoas que fazem dormir. As primeiras esonam d'assobio — *às vezes*. As segundas vociferam asneiras — *quasi sempre*. Quer umas, quer outras são extremamente engaçadas e sympathicas, como o leitor reconhecerá se for consciencioso e se tiver a coragem de fazer uma viagem de electrico e de recreio até ao Dáfundo.

Nas curvas de certas ruas, estreitas e perigosas, estão postados uns velhotes dotados de uniforme e de rheumatismo que agitam, quando podem, umas bandeirinhas esfarrapadas.

Quando a bandeira é encarnada — o electrico pode seguir. Quando a bandeirinha é verde — o electrico deve parar. A's vezes os velhotes, coitados, adormecem. N'essas occasiões, a Divina Providencia encarrega-se vantajosamente de os substituir, sem remuneração da Companhia Carris, e a gente salva-se da morte, o que nos dá, é claro, uma grande alegria.

Emfim, quem fizer uma serie de viagens, ascendentes e descendentes, ás horas de mais intenso movimento na cidade, sem entrar em Rilhafoles, pode ter grandes compensações. Eu tive a de poder escrever honestamente um livro que ha de immortalisar-me e que tem o titulo — *Elogio da paciencia...*

tos têm o aspecto e a conformação que cada um de nós imaginativamente lhes concede. O cerebro não exerce as mesmas funções da maquina photographica. A receptibilidade da chapa photographica não tem nenhuma similitude com a transmissibilidade do pensamento. Se essa similitude existisse, as faculdades intellectivas poderiam ser fabricadas em serie, a preço modico, como os automoveis Ford e os quodros do sr. José Campas.

Aquelles que consideram immoral a depravação ignoram que a moralidade é uma coisa tão artificial como o luxo. Os honcosumes são como as camisas de mulher — servem em qualquer corpo. Ser depravado é ser original. Os imbecis não conseguem nunca ser originaes.

A imbecilidade acompanha sempre a chamada ponderação. Um homem immensamente irreflectido é sempre, por conseguinte, um homem immensamente intelligente.

A intelligencia é, entre as coisas que existem n'este mundo, a unica natural. Pode ser intelligentemente artificial — é impossivel ser-se artificialmente intelligente.

A philosophia, que desconhece ainda a origem das origens, é uma phantasia curiosa executada pelos gymnastas intellectuais mais dextros. Se perguntarem a um sabio o que é o amor elle responderá que para o comprehender é necessario saber o que é o odio. Se lhe peirem que defina o odio, elle, se quiser respeitar a verdade, só poderá dizer que é a antithese do amor.

Definir é jogar com as palavras. As palavras são mais elasticas que o cautchu e prestam-se aos mais extranhos malabarismos.

Quem faz litteratura faz *jonglerie*, mas nos proprios *jongleurs* pode haver *gaucherie*. Quem não quizer ser *gauche* tem de parecer natural — empregando o artificio.

Não é licito perder tempo a pensar o valor da chamada realidade

A realidade, se existisse, como dizem, seria muito menos bella do que aquillo que pôde produzir a nossa imaginação.



SE em Portugal houvesse meia duzia de editores arrojados — Portugal seria um ninho de romancistas. Em cada portuguez existe um creador insoffrindo de contos fabulosos.

O que nos falta, para sermos enormes na litteratura futil, não é a futilidade — é a typographia. A machina de imprimir é o inimigo tradicional da imaginação portugueza. No dia em que cada um de nós construir, pela imaginação, uma Ma-

rinoni, cada um de nós será uma creatura absolutamente feliz.

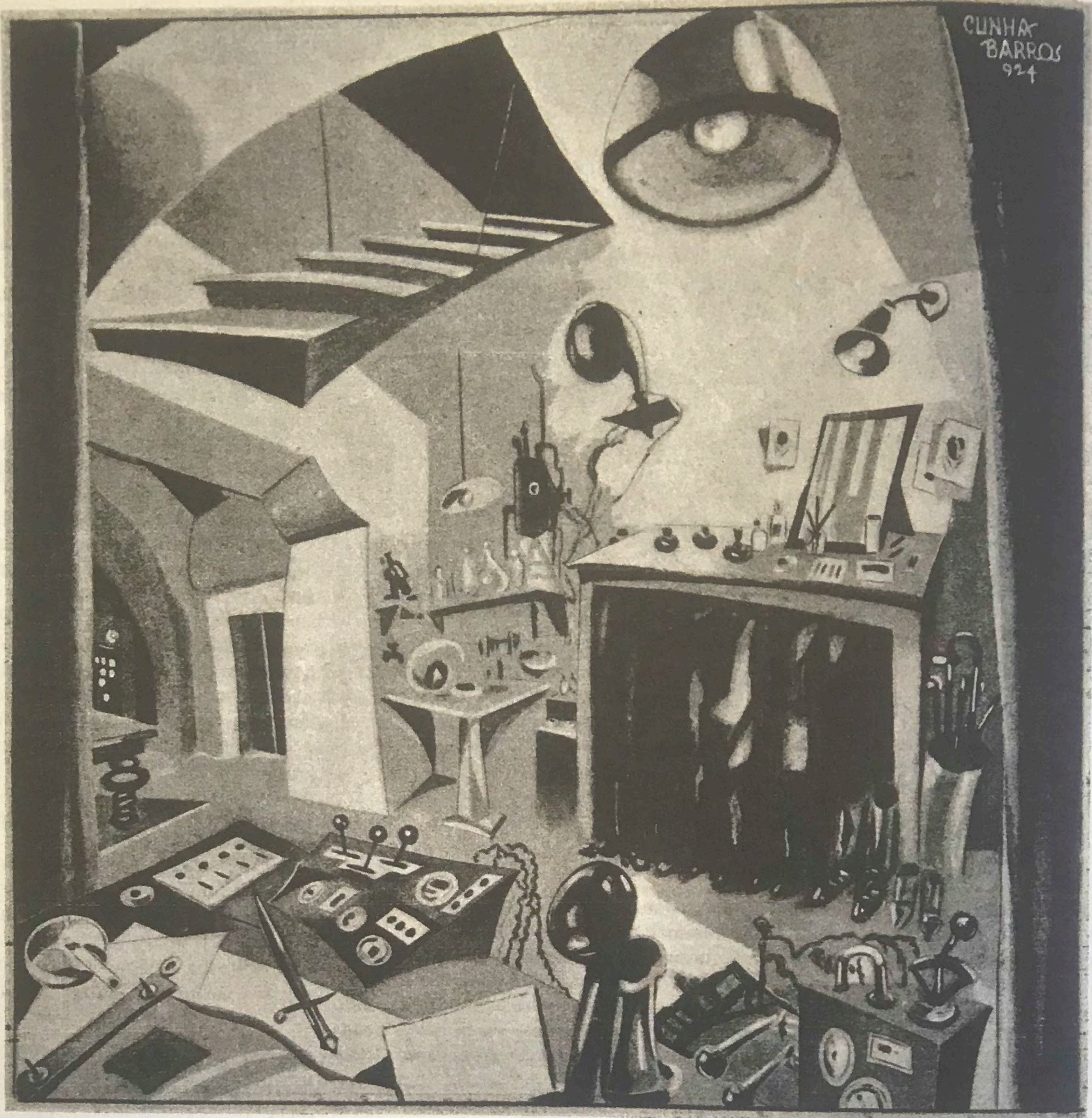
A nossa desventura existe, porque temos de atrophiar a nossa phantasia. Deixem-nos espalhar pelo mundo os *confetti* cõr de rosa, que são as nossas ideias e verão como o materialismo dos povos que progridem ficará envergonhado.

O especto da bancarrota financeira do paiz só pode assustar aquelles que julgam que a realidade não é uma coisa convencional. Se tudo o que é real existe e se tudo o que existe é real, porque se considera a chimera um absurdo?

Os individuos, as coisas e os acontecimen-

(Ilustrações de BERNARDO MARQUES)

VICTOR FALCÃO



O Mistério dos Bastidores

O QUE É O INTERIOR DA CASA
DUM GRANDE "DETECTIVE"

OS bastidores despertam nos curiosos, nos espíritos inquietos e sedentes de luz, muito mais interesse que o próprio palco. No fundo, esse sentimento de curiosidade para o que fica atrás, preparado, disposto, confeccionado, maquiado para a exibição e todos o podem ver, contemplar, mergulhando os olhos sob o jacto prodigo de luz das ribaltas. Mas os bastidores, não. Os bastidores são só para alguns, mesmo para poucos. Devas-

sar os bastidores é penetrar no segredo do além das coisas, no alçapão de todos os espectáculos, na intriga de todos os ilusionismos.

Por isso, todos nós desejávamos conhecer, bem a fundo os bastidores do espectáculo que mais fere a nossa sensibilidade. Para nós, a ambição seria entrar pela porta da caixa de um teatro e ver como os carpinteiros armam as scenas; como os artistas se vestem e se tratam entre si; outros desejavam apenas viver dentro de um grande jornal, de um *Times* ou do *Matin*, assistir á caça das noticias, á confecção dos artigos famosos; penetrar no gabinete dos jornalistas celebres e vê-los preparar as campanhas que hão-de afundar os governos ou provocar as guerras; outros ainda desejariam transpôr as portas dos grandes *studios* cinematograficos, ver filmar os *stars* e as estrelas; ensaiar as scenas de batalha, combinar os *trucs* das pontes que explodem e dos autos que se despenham nos abismos...

Pouco a pouco iremos dando ás visões fantasticas dos que sonham os misterios de todos os bastidores, uma forma grafica, clara, real — real

dentro da fantasia. E para começarmos, imaginaremos a invasão ao interior do lar de um grande «detective»; fantasiaremos uma visita a Black Street, 72, onde vivia Sherlock Holmes, ou a Canal Square, 49, onde morreu Nick Carter.

Uma rua silenciosa e tranquila, não longe do centro da cidade cosmopolita e agitada, mas defendida por um sossêgo provinciano. Uma casa isolada, de dois andares, cercada por um jardim.

Atravessamos o jardim e damos com um frontespicio cheio de campainhas ocultas; ralos misteriosamente iluminados... Janelas hermeticamente fechadas.

Batemos á porta. Um criado, com o rosto velado por uma mascara negra e sobraçando uma carabina, vem perguntar-nos a senha. E nós entramos... Um corredor sem saída. A parede ao fundo ergue-se, como um pano de teatro e uma escada, suspensa por correntes de ferro, conduz-nos ao subterraneo... Atravessámos primeiro uma sala cheia de detectives, que se vestem e se maquilham com a rapidez e a perfeição de *fregolis*. Uns metamorfoseiam-se de generais, outros de apaches, outros de negros ou de chineses; outros ainda preparam-se como damas aristocraticas ou como *Gigolettes*. São os ajudantes do

mestre que vão irradiar por mil pistas diferentes, através de palacios e de tabernas, de hoteis e de cafés.

Mais adiante... umas portas gradeadas. Lampadas verdes e amarelas perilampeiam num estranho marconismo. Entra-se. E' o gabinete do *mestre*. O *mestre* está vestido com um kimono japonês, apertando entre os dentes de perdigueiro um cachimbo interminavel. Sobre os tapetes descançam, esfalfados e rosmando, quatro *bull-doges*. Sobre o tampo de cristal da secretaria veem-se telefones, campainhas; serpenteiam centenas de fios pelas paredes. A' volta, travões, alavancas, contadores enigmaticos, caixas de caracterizações, albuns de retratos, lentes, binoculos e oculos astronomicos.....

Mas, é melhor determo-nos. Na concepção do estranho e do misterioso a fantasia humana não conhece limites. Vítimas da ilusão caíriamos nas armadilhas da nossa miragem. Estamos já mui perto do Manicomio. Na nossa cegueira eramos capazes de entrar e não sair mais.

TARDES doiradas de Lisboa, tardes do Chiado, tardes que morrem com suavidades de agonizante piedosamente injectado de morfina... Sonho de Paris, visão da Rue de la Paix, em bilhete postal; estampilha de civilização e de elegancia n'um curto envelope, amarfanhado e sujo pelos carimbos dos seculos...

Tardes de chá... Autos que passam, luzindo metaes espelhantes, quasi sem buzinar, sem fazer ruido, como n'uma projecção cinematografica... Casacos *mujiks*, quentes de peles; exposição de rostos maquilhados, desenhos de Penagos, fantasias de Bartolozzi, diabru-ras de Stuart, caprichos berrantes de Barradas... Olhos verdes e olhos negros, que são de louça; pestanas longas e frizadas por pinças miniaturaes; sobrance-lhas finas e brilhantes como virgulas pintadas com tinta da China; cabelos á *Garçonne*, masculinizando os rostos, ransformando as mulheres em gaiatos inglezes... Depois, o car-mim a pôr em braza os labios carnosos, as bocas rasgadas; os *batons* que desfolham rosas sobre as faces a que os cremes tiram a transparencia e dão um tom opalino e uma lisura de mar-more.

Os lampiões, ainda por acender parecem bolas de bilhar equilibradas nos topos dos candieiros; a cidade fecha-se n'uma cupula de cristal fosco; filtrando-se atravez dos *Stores* de seda, escorrem para a rua as luzes das casas de chá; as janelas iluminadas, reverberam na meia tinta da tarde, como chapas de ouro...

Os ruidos da cidade, o bru-ha-ha das conversas, transforma-se n'um zumbido cada vez mais distante... A chilreada dos pardaes do Largo Camões triunfa da musica jazz-bandesca dos sextetos.

— Onde vaes?

— Tomar uma chicara de chá...



COMO SE TOMA CHÁ EM LISBOA

E o desfile das *toilettes* continua; e as costureiras, olheirentas e de saltos cambados, costureiras de soneto e de mon-



que são palhetas espelhantes, vão mordendo os pasteis, derretendo crêmes e natas... O chá, doirado e acre, fume-ga nas chicaras japonezas... Os criados servem piramides de *sandwiches* triangulares... Os moços decadentes, com colarinhos *yankées* e sapatos polidos, entram lentamente, fulminando todas as mulheres com os seus olhares fatigados, fumando egipcios em longas boquilhas d'ébano; acertam o nó da gravata poli-croma; acamam o cabelo com os dedos esguios e as unhas ponteagudas e polidas na *manucure*...

E' a hora platonica, a hora suave, a hora nostalgica do chá...; a hora do *flirt* romantico; a hora japoneza, a hora da *geisha* e do sorriso; a hora em que se bebe sem beber, em que se come, sem comer, em que se ama sem beijar.

tra da Portugalia, as verdadeiras artistas das *toilettes* em desfile, acorrem ao outro passeio, chilreando como pardaes, acasallando-se pelo caminho fóra, com os donjuans que as espreitam pelas esquinas — donjuans de sobretudo sobre os hombros e chapaus tombados sobre os olhos...

— Onde vaes?

— Tomar uma chicara de chá...

O sexteto vae tocando musicas americanas, musicas com capas berrantes de cartaz de cinema. Pés miuditos, sapatos de tacão razo, á americana, de salto alto e fino, como alfinetes, á franceza; donde sur-jem meias de seda cór de gema d'ovo, moldando pernas de manequim, vão descendo os tres degraus alcatifados de vermelho... As mezas enchem-se... Quem circunvagasse a vista pela sala, d'olhos semi-

cerrados, teria a ilusão de estar num *salon* de cabeças futuristas...

Os dentes,

Dizem que o chá vem de longe, desse arquipélago florido do Pacífico, do Imperio do sol e dos artistas bizarros; dizem que o cultivam nos campos onde os miosotes perfumam o ar e os crisantemos desgrenham as suas cabeleiras de seda colorida...

Talvez...

Dizem que o habito do chá, o vicio do chá, foi imposto, com força de decreto ditatorial, a elegancia de todos os paizes, pelo gosto despotico da Inglaterra... Dizem que é preciso conhecer, a atmosfera acalentadora dos lares britânicos, para gozar o encanto misterioso e intimo do chá... Dizem outros que é necessario ter penetrado no scenario oriental das casas especialistas de Paris, no "Hindustain" ou no "George" com orques-

tras invisiveis, com creados de calção e meia, para trepidar em ritmo com essa hora misteriosa, decadente e civilisada que é o argentino da noite, do jantar de *smocking*, do espectáculo de bailados russos; da ceia no *cabaret*... Dizem ainda que não ha como os *halls* dos

grandes hotéis, de claraboias coloridas, onde se reúne o corpo diplomatico e os aventureiros; os *croupiers* e as rainhas da moda — para que, bebericando o chá, se sinta a falsa embriaguez desse



liquido dourado que é, afinal, o simbolo da artificialidade da epoca que vivemos.

Vaidades! Mentiras! O chá é a bebida natural dos portugueses e só em Portugal se saboreia e se compreende todas as suas virtudes. O vinho, entre nós, ou serve para saciar um vicio plebeu — ou serve de fonte de riqueza para a exportação. Os *silicores*, vermelhos e verdes, azues e grises, são extravagancias sem adeptos. O *colusky* é uma fanfarronada de *cabaret*; o *vermouth* e o *amerpicon*; o *Dubonnet* e o *Neu-Orange*, não tem, entre nós, mais adoradores do que a morfina ou a cocaina...

O chá sim... o chá satisfaz-nos; enerva-nos sem nos excitar; embriaga-nos sem alucinações desequilibradas e desilegantes; possui, no fundo vago do seu sabor, a semente da nossa melancolia... E quando nós,

portuguezes, tocamos com os labios no ouro quente do chá experimentamos a sensação de beijar os dedos delicados e acariciadores das *moussmés* amarelas, das bonecas de porcelana e seda que longe, entre as flores bizarras do Japão, o cultivam com carinhos amantes...

REINALDO FERREIRA

O Fundo do Mar

Não vai muito longe o tempo em que era crença geral, e corrente até entre os homens de sciencia, que a vida nos mares se achava circunscrita á região litoral e á região pelagica, isto é ás margens e á superficie, e que a partir de 400 metros não existia nenhuma fórma organica, encontrando-se absolutamente desabitadas as grandes profundidades oceanicas.

Foi em 1864 que o eminente zoologo portuguez Barbosa du Bucage surpreendeu o mundo sabio com a revelação inesperada da existencia nas nossas costas, a uma profundidade de 100 metros, de colonias de esponjas pertencentes a um genero que até então só fôra assinalado nos mares do Japão.

Hoje, em face dos resultados obtidos nas expedições oceanograficas do Challenger, do Travailleur, do Talisman, do Washington, do yacht Amelia, etc., ficou absolutamente estabelecido que até nos mais fundos abismos dos mares, até nas fossas cuja profundidade atinge o numero assombroso de 10.000 metros se manifesta a vida animal.

E bem extraordinarias são as condições em que se encontram esses seres: uma pressão de muitas dezenas de atmosferas, uma treva absoluta, uma calma de cripta, e uma temperatura que até 2.000 metros tem ido diminuindo progressivamente e que daí para baixo oscila nas proximidades de 0.

Para resistirem a esta temperatura glacial e á formidavel pressão dos abismos os animais revestem fórmas e aspectos estranhos.

Nos peixes nota-se a atrofia quasi completa dos órgãos da locomoção, os ossos tornam-se porosos, a pele sem escamas apresenta-se coberta por um induto mucoso, raramente apresentam cores brilhantes, sendo o tom geral o cinzento escuro ou negro aveludado.

A boca desmedida arma-se de dentes



aguçados e em geral o estomago apresenta um tão grande desenvolvimento que o corpo passa a constituir como que um anexo desse órgão.

Outros, completamente cegos, servem-se de longos filamentos tacteis como órgãos de exploração.

Para vencer a treva absoluta algumas formas apresentam-se providas de placas luminosas que lhes revestem o corpo, ou possuem uma fosforescencia que lhes imana dos olhos glaucos, outras ainda, como o *melacocephalus laevis*, peixe raro em todos os mares, mas comum nas aguas de Cezimbra, possuem uma bolsa abdominal com um liquido luminoso, separado do exterior por um corpo gelatinoso que funciona como a lente dum farol.

E todas estas formas, a que se juntam por vezes os braços terriveis dos gigantescos polvos, se entrechocam na conquista do alimento que cai eternamente do *Plancton*, conjunto incontavel de todos os organismos que se deixam arrastar no movimento perpetuo das correntes marinhas.

As sondagens realizadas nos ultimos anos permitiram fixar aproximadamente o relevo dos fundos. Assim observou-se que o Oceano Atlantico se encontra dividido por uma longa plataforma submarina, sobre a qual a espessura de agua é menos consideravel do que nas costas onde ultrapassa 8:000 metros; no Atlantico norte esta abobada estende-se desde a Islandia até á ilha de S. Paulo, passando pelos Açores, com uma lar-

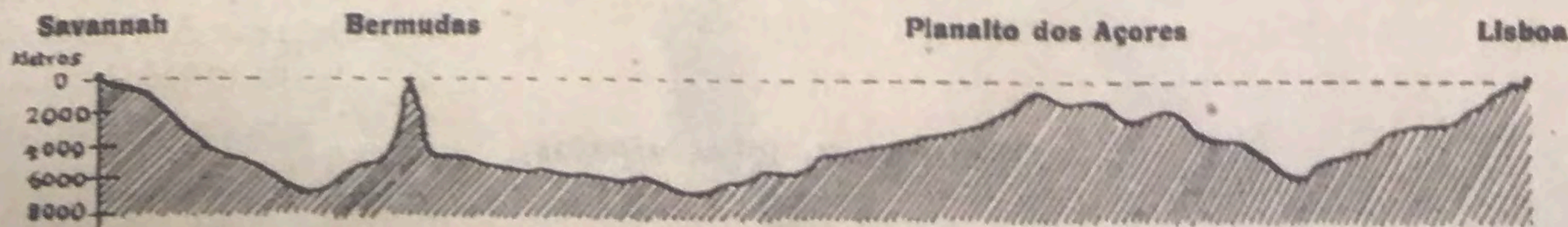
gura media de 1:000 quilometros. Grandes profundidades de mais de 5:000 metros desenvolvem-se a Este (no Golfo de Gasconha 5:100 metros) e a Oeste, sobretudo, entre os Açores e Cabo Verde 8:000 metros e nas Antilhas a *Fossa das Ilhas Virgens* atinge 8:341 metros. Menos acidentado, o Oceano Pacifico apresenta-se constituido por um imenso plano submarino que, junto ás ilhas Polinesias, desce aos abismos insondaveis de mais de 9:000 metros — Fossa de Nero: 9:630 metros.

Mas quantos abismos — hoje mesmo se anuncia a descoberta de maiores profundidades no Pacifico — quanto espaço por explorar, se atendermos á pequenez da draga e á imensidade do fundo do mar.

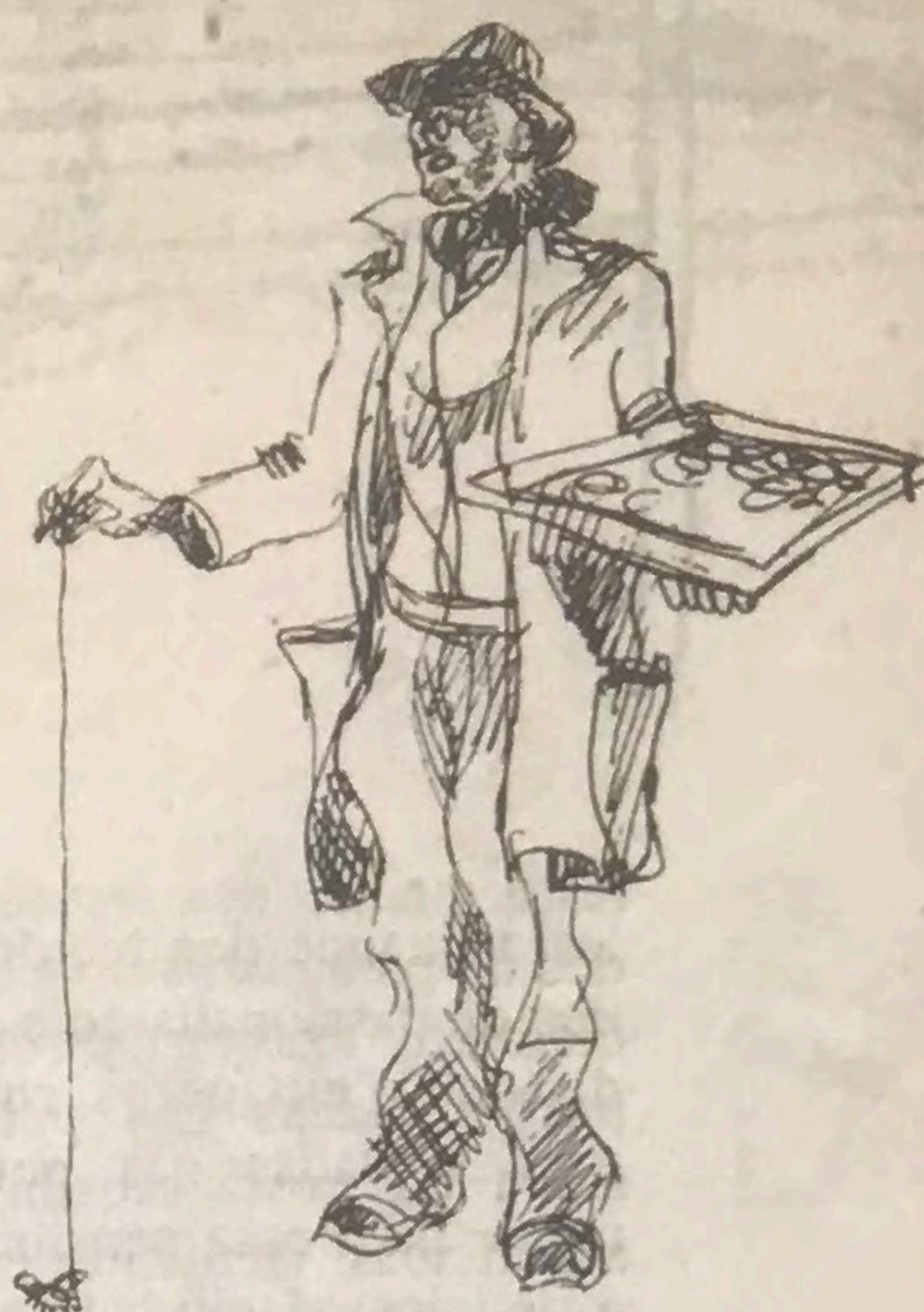
Quanta caverna, onde a sonda se perde sem achar o fundo, acolherá as formas arcaicas que na temperatura glacial e na calma eterna dos abismos encontraram um abrigo contra a destruição do tempo.

Formas confusas, potentes sombras maleficas que o homem apenas pode esboçar na fantasia do pesadelo, calmars gigantescos, formas desaparecidas ha milenios, que se riem dos pequenos instrumentos com que o homem quer desvendar o segredo do abismo.

E quem sabe, mesmo, se nesses fundos inacessiveis não encontrou guarida, como supôs um escritor audacioso, a monera primitiva, o ovo inicial que das aguas deu origem á vida.



(CORTE DO OCEANO ATLANTICO, SEGUNDO A LINHA LISBOA-SAVANNAH)



ELOGIO DO CHIADO

POR

ANTONIO DE CÉRTIMA



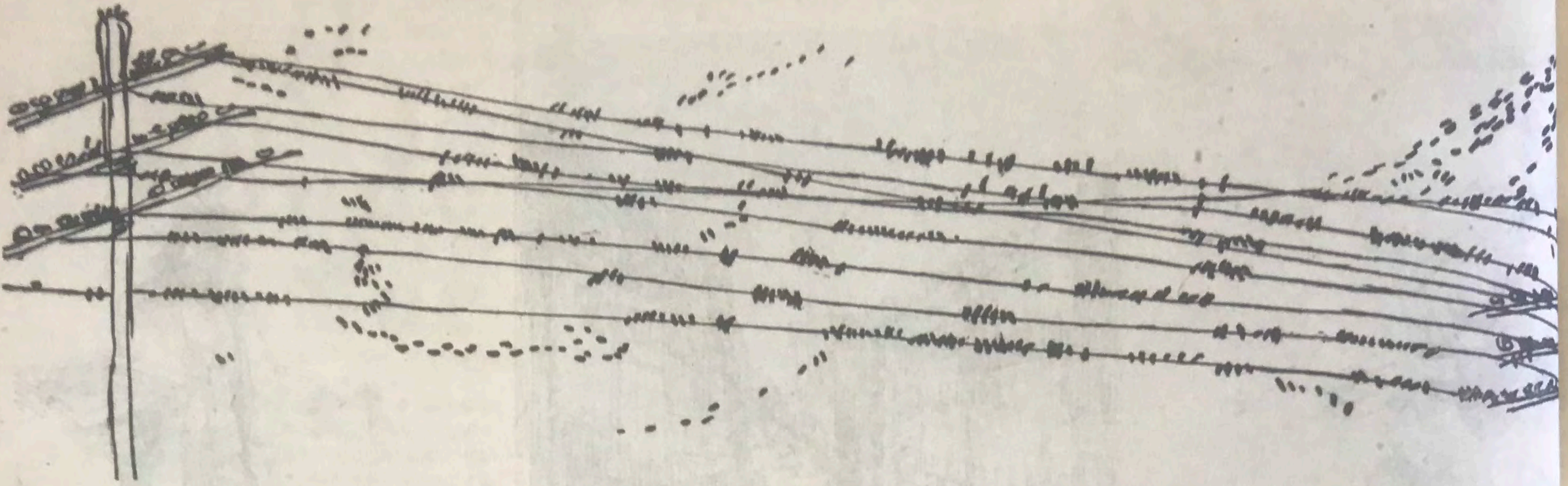
AS estações são o grande costureiro do Chiado. São elas que lhe talham a moda — a moda rítmica de se vestir. As páginas azuis do céu de Portugal, do céu alfacinha, as vinhetas aguareladas das nuvens da primavera, os acarvoados dos fundos dezembrinos, espreitando chuva, são outras tantas páginas

da "Vogue" e da "Fémina", orientando os golpes rituais da tesoura elegante de Poiret e Reville, ou as pinceladas cromáticas de Madeleine e as quimeras caprichosas de Molineux — *the captain of the fashion*.

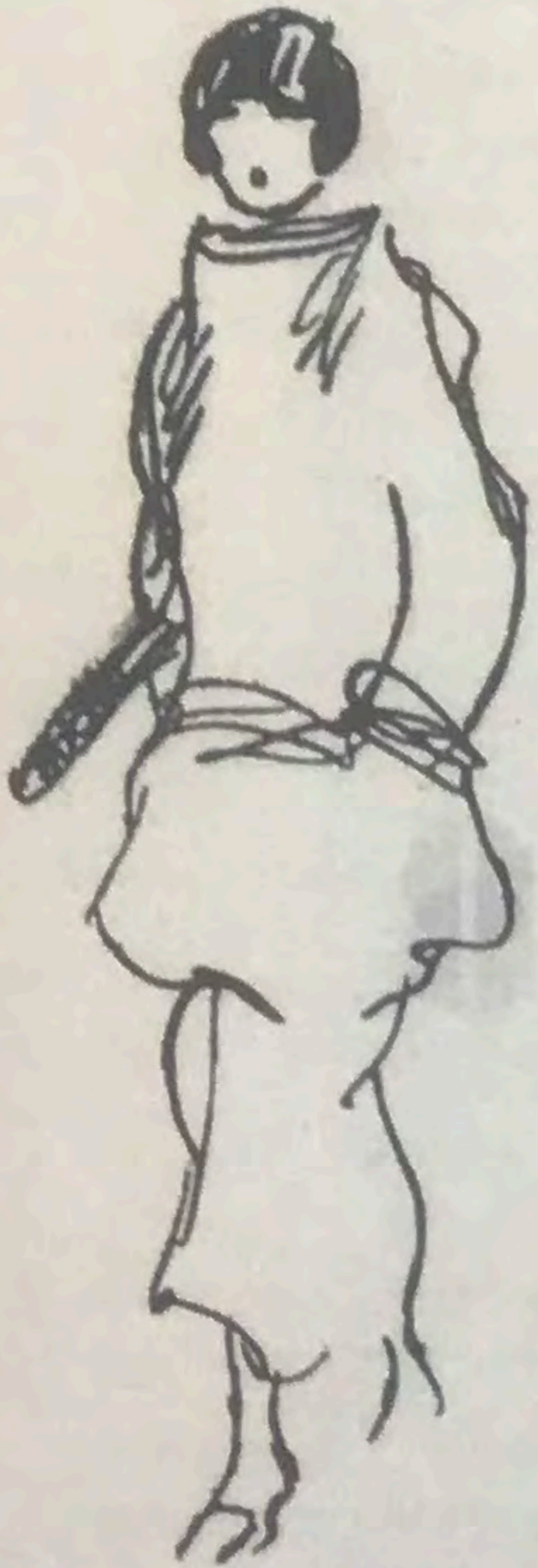
Por isso, subir o Chiado neste indeciso princípio de estação nova, quando nas folhas nevropatisadas das olaias e roxas tapeçarias dos jardins soluçam

ainda os últimos versos dolentes do Príncipe Outono, é vestirmos os olhos, em deslumbramento, num sortilegio de vestidos inéditos — os vestidos da estação.

E nenhuma outra estação sabe como esta pôr sobre os ombros aristocráticos do Chiado, mordidos de fausto, o divino "tailleur" da Beleza. Aparecem os veludos negros, abissais, toda a nove-



lesca nuance dos tecidos nervosos, opia dos de passionalismo e cine-drama, mordiscando exasperos românticos e crispções aladas nas petalas da begonia ruiva da nossa sensibilidade. E daqui a deliciosa facilidade em fazer o elogio desta arteria chic, perversamente chic, quando ela é já em si todo um Elogio — o elogio do seu dandismo salpicado de pó-de-arroz e prosas de Paris a 7,50 francos o tomo; o elogio das suas equipagens ás 5 da tarde, dos seus chás das 5, das suas rosas frescas sonhando violações, das suas vitrines luxuosas, bisantinadas de sedas e peles raras, para cuja aquisição esta pobre Lisboa tem — Senhor!... — de vender a pele...



O Chiado possui, imprópriamente, uma fisionomia propria: a da doce mulher lisboeta. Por que em nenhuma outra arteria a mulher se sente tão dentro do seu sexo — isto é, da sua elegante provocação e do dominio das suas frivolidades. Ela revê-se aqui como no cristal fulgente do seu espelho. Por isso mesmo o

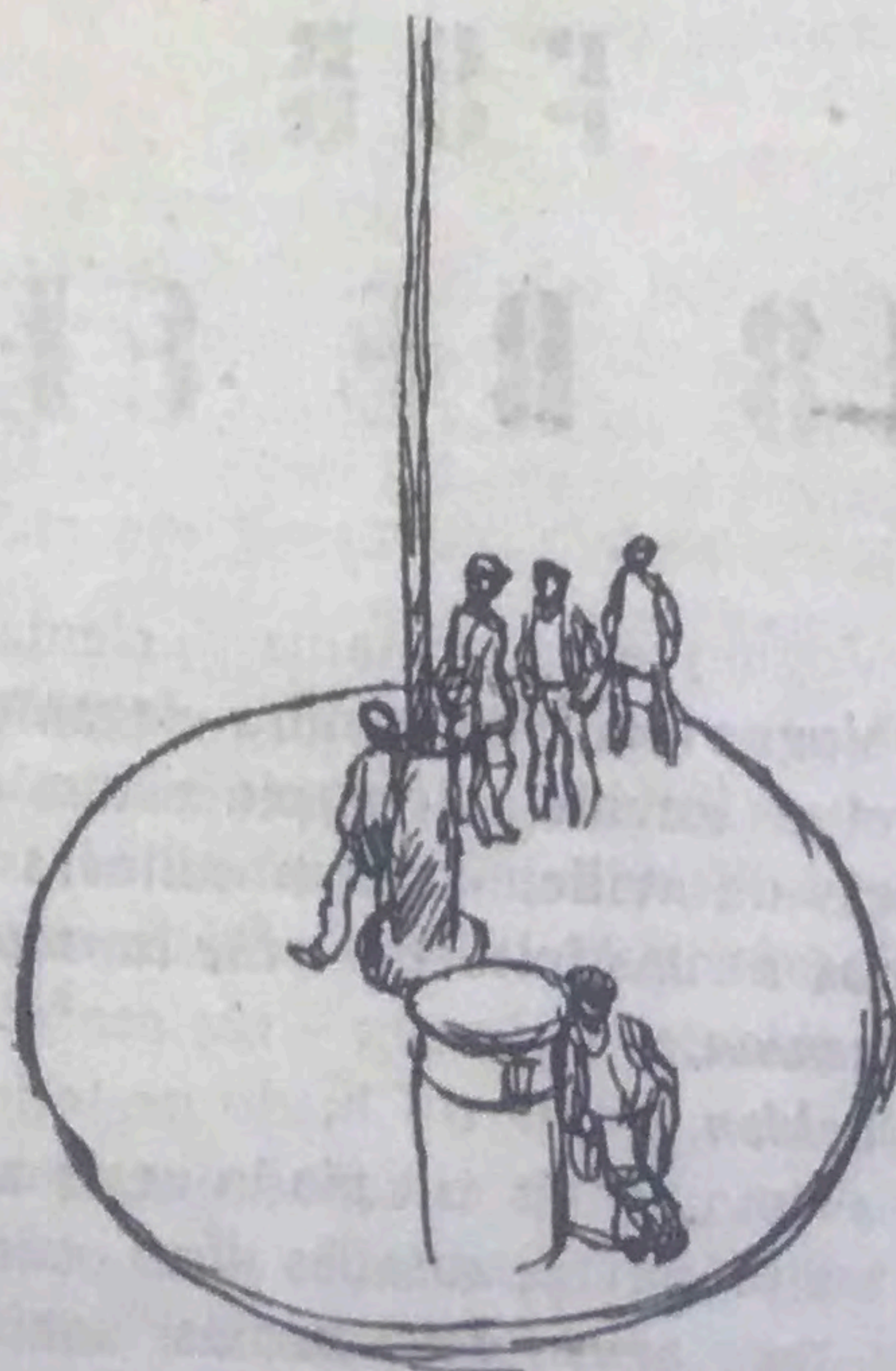
Chiado é o seu grande "boudoir". Nem lhe falta o perfumado arsenal de essencias, que as montras exibem em "boites" exquisitas, nem o secreto conflito do fremito amoroso dos corações.

Paixões e bijouterias, "manteaux" de terciopelos e angustias morais, confundem-se e chocam-se bizarramente, como labios em luta, nestes dois ambientes da mulher alfacinha.

Em casa, no seu quarto de "toilette", a mulher tem uma unica preocupação: o Chiado. A alcova torna-se assim a ante-camara da rua Garrett. Completa-se na "Benard" ou na Marques — gabinetes de leitura elegante — a carta que se começou a escrever em casa. E' mesmo para os epilogos cariciosos, fremindo misterio e encantamento, deste feerico tablado de corações, de *flirts*,

que existe a casa — que para a mulher, futil e amorosa sempre, a casa se explica. O lar é os bastidores deste palco mundano. Representa-se aqui toda a deliciosa e insinuante comedia de dandismo, que se estuda na alcova, ao espelho, olhando para dentro e fora da alma, numa estupenda e illusoria maquilhage dos sentidos.

Chiado... montra de Paquin bric-a-brac da vaidade feminina — vampiro de sedas e joias caras... E' no teu seio que a mulher sabe o que vale quanto á sua elegancia e á floração impressionante da sua mocidade gloriosa, e que os *imaginaveis* maridos averiguam, com terror ou sem ele, da solidez das suas algibeiras! E' no teu enfeitiçante museu de tentações, Chiado dos sadismos tentaculares! que a mulher adquire as mais extravagantes e variadas substancias para as sibilinas manipulações de... moral e de "toilette". Depois desta função de quimica galante, resolvido na intimidade entre reacções de costumes e verificações de leis de bom-tom, é então que ela sai para a rua, para a vida, embrulhando em veludos espessos e perfumes estonteantes, as mais divinas mentiras, as mais doiradas e ofuscadoras sugestões que nós — homens adoravelmente iludidos... — sempre recebemos de joelhos, jubilosos do nosso ludibrio, da nossa consciente e pe-



regrina ilusão! Ontem, á hora loura dos chás, á hora-vitral em que se lia Huysmans na luz catedralesca das frontarias, o Chiado, todo forrado de inverno, grave, recolhido, voluptual, tinha um ar morno de perversão. Havia veludos, dedos brancos, sensualizados, felinos, paixões e agua Lubin. Alguns corpos aristocraticos desenhavam liturgias do negro, litanicas — á Remy de Gouvement... Camélias brancas, como carne impubere, surgiam duma vitrine; a vê-

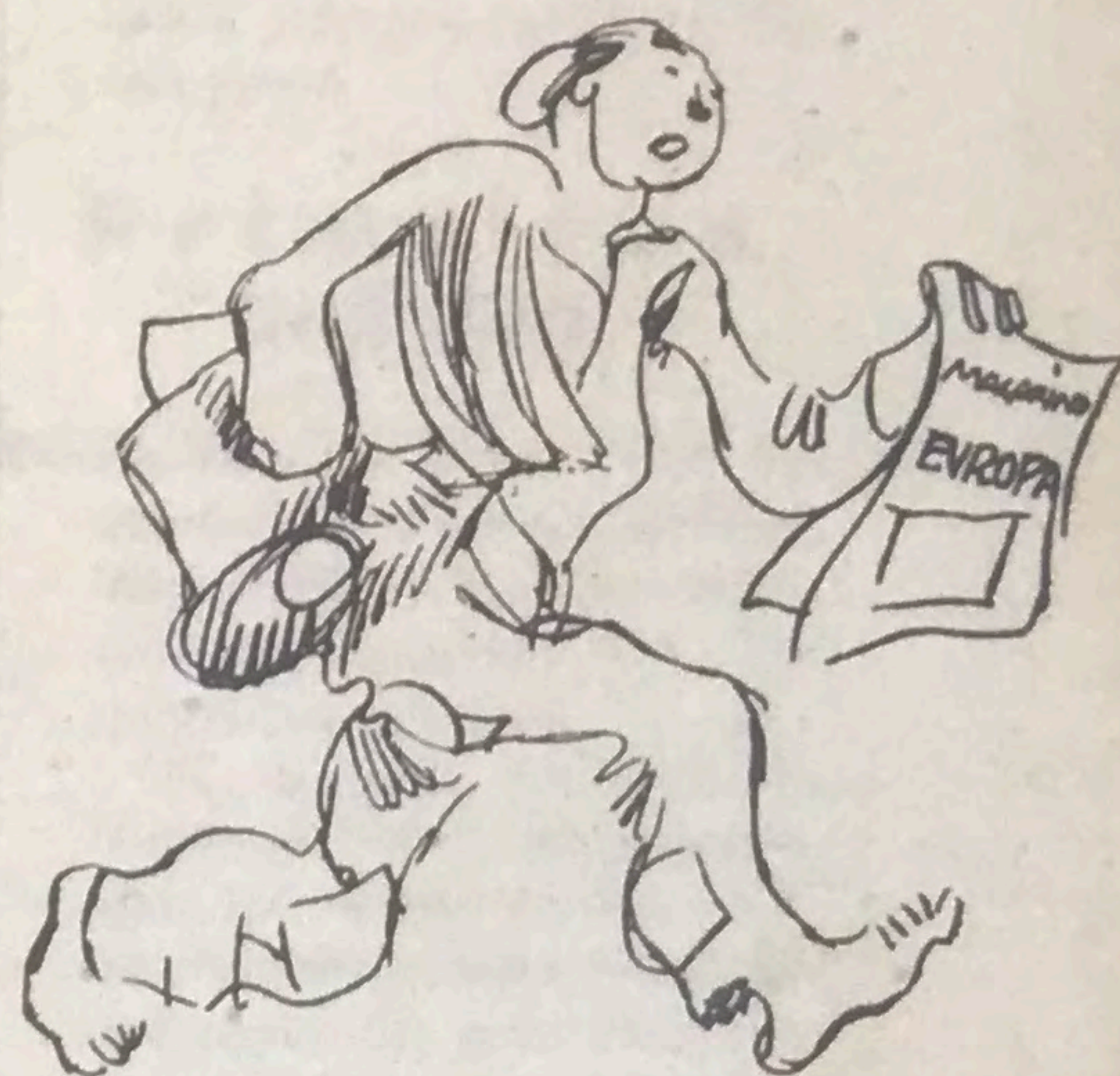
força uma boneca cõr de rosa, cõr de carne infantil, dum grupo de "mariottes".

Ah! meu lindo Chiado de caricias e deslumbramentos! como apesar do teu Elogio, eu te vi então todo despido até aos ossos e beijando como eu, como aquela criança rôta, a boneca ideal do nosso sonho — um grande sonho que a vida nos dá e a que jámais, jámais chegaremos a encostar a nossa boca ardente e sequiosa!

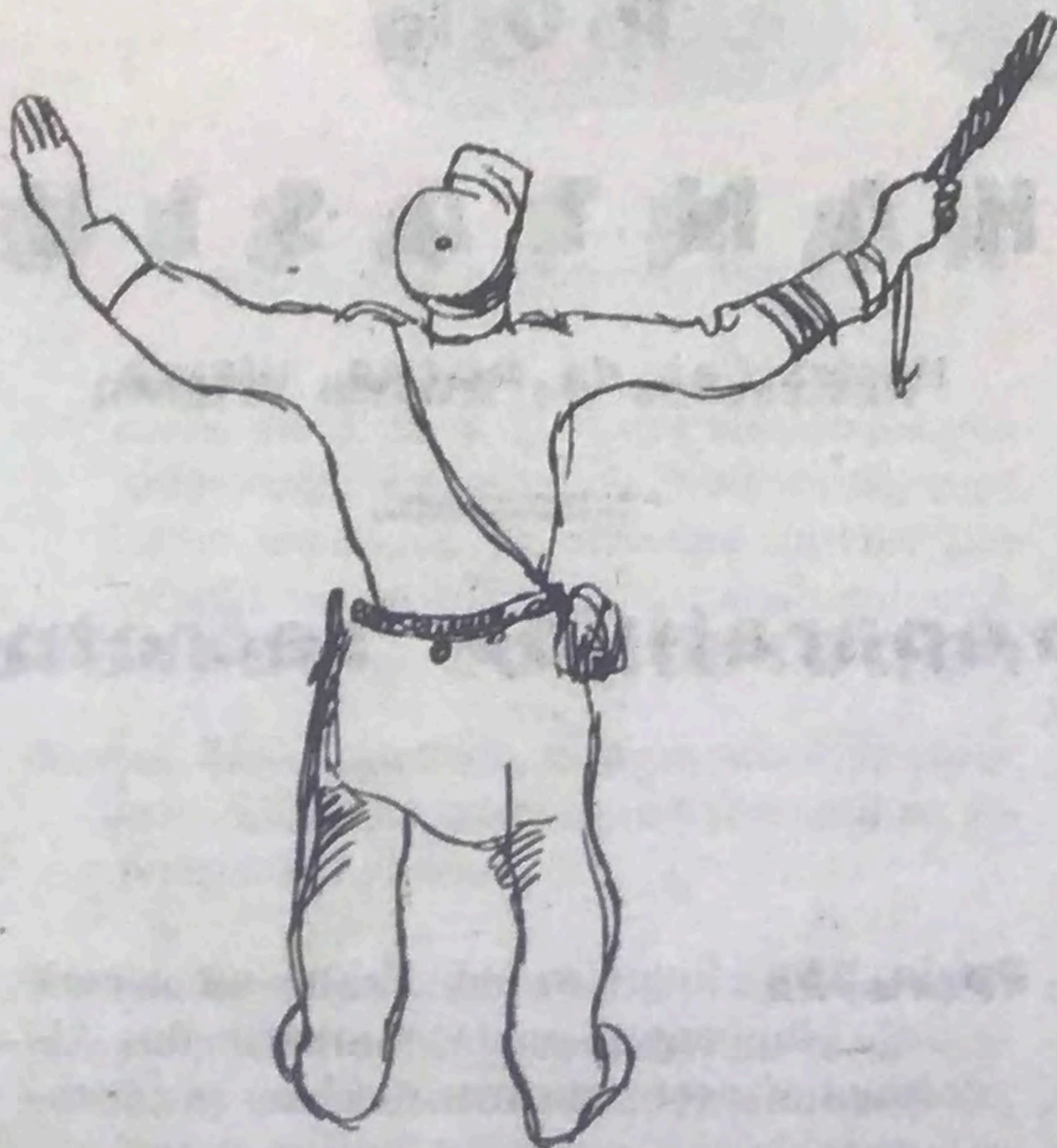


las, sorvendo-lhe a saudade do branco, paravam "Damas das Camélias..."

E eu detive-me: um bambino de face chupada, olhitos humidos de porcelana azul, tipo inconsolado de mansarda sem pão, ajoelhava no asfalto, junto de uma montra de cristal, querendo beijar á



Ilustrações
de
JORGE BARRADAS





A GUERRA DO FUTURO

Paris — Junho, 23. — Acaba de ser publicado o relatório da Comissão Internacional de Desarmamento. O major Mac Farlane, relator da Comissão, afirma que a Alemanha realizou importantes preparativos secretos, e que ultimamente o Estado Maior Alemão se ocupou, detalhadamente, d'uma arma de efeito formidável, que trará uma revolução aos processos actuais de guerra.

Londres, 24. — O Conselho de Ministros, reunido sob a presidência do rei, resolveu enviar uma nota ao Governo Alemão a fim de ser esclarecido o incidente provocado pelo relatório de Mac Farlane.

POR PHANTASIUS

Ilustrações de ROCHA VIEIRA

Preparativos secretos

Paris, 25 — Reina grande agitação nos centros diplomáticos. O ministro da Alemanha recusou-se a receber os jornalistas.

Berlim, 25. — O deputado spartakista Strechen interpelou violentamente o chanceler ácerca das afirmações de Mac Farlane. Afirinou que a Alemanha necessita garantir ao mundo inteiro que não pensa em desencadear nova guerra. O chanceler, em resposta, não produz u nenhuma afirmação categorica. A sessão do Reichstag foi encerrada no meio de grande tumulto.

Paris, 26, noite. — Reuniu no Eliseu o conselho dos Marechais. Pelas 5 horas da madrugada chegou a esta cidade, em avião, o ministro da guerra inglês, a fim de tomar parte no conselho dos Marechais.

Correm os mais desencontrados boatos acerca do fim desta reunião.

New-Yorck, 27. — Os valores alemães descem vertiginosamente na Bolsa desta cidade.

Amsterdã, 27, noite. — Encontra-se fechada a fronteira alemã.

Paris, 28. — Todos os subditos alemães abandonaram esta cidade. A população percorre as ruas em busca de notícias. Em vez do entusiasmo de 1914 nota-se uma certa apreensão.

Londres, 29. — Estão interrompidas todas as comunicações telegraficas e telefonicas com a Alemanha. Viajantes, ultimamente chegados deste paiz, afirmam que se não nota movimento algum de tropas e que a população se mantém calma, embora os jornais como obedecendo a um «mot d'ordre» garantam que a Alemanha conta com poderosos meios de defesa.

A declaração de guerra

Paris, 29, às 20 horas. — O ministro da Alemanha, a quem foi entregue a nota do governo francês, pediu passaportes, declarando rotas as relações diplomaticas entre os dois paizes.

Londres, 30 — Desde ontem que se não recebe uma unica noticia da Alemanha.

Paris, 30. — O marechal Jouvain, assumiu o comando supremo do exercito francês. A fronteira ficou guarnecida desde ontem. A população mostra-se calma.

Paris — Julho, 1. — As tropas de cobertura francesas declararam que a fronteira alemã se encontra desguarnecida.

O general Aippine entrevistado pelo Petit Parisien mostra-se surpreendido com a tática do inimigo e receia uma surpresa.

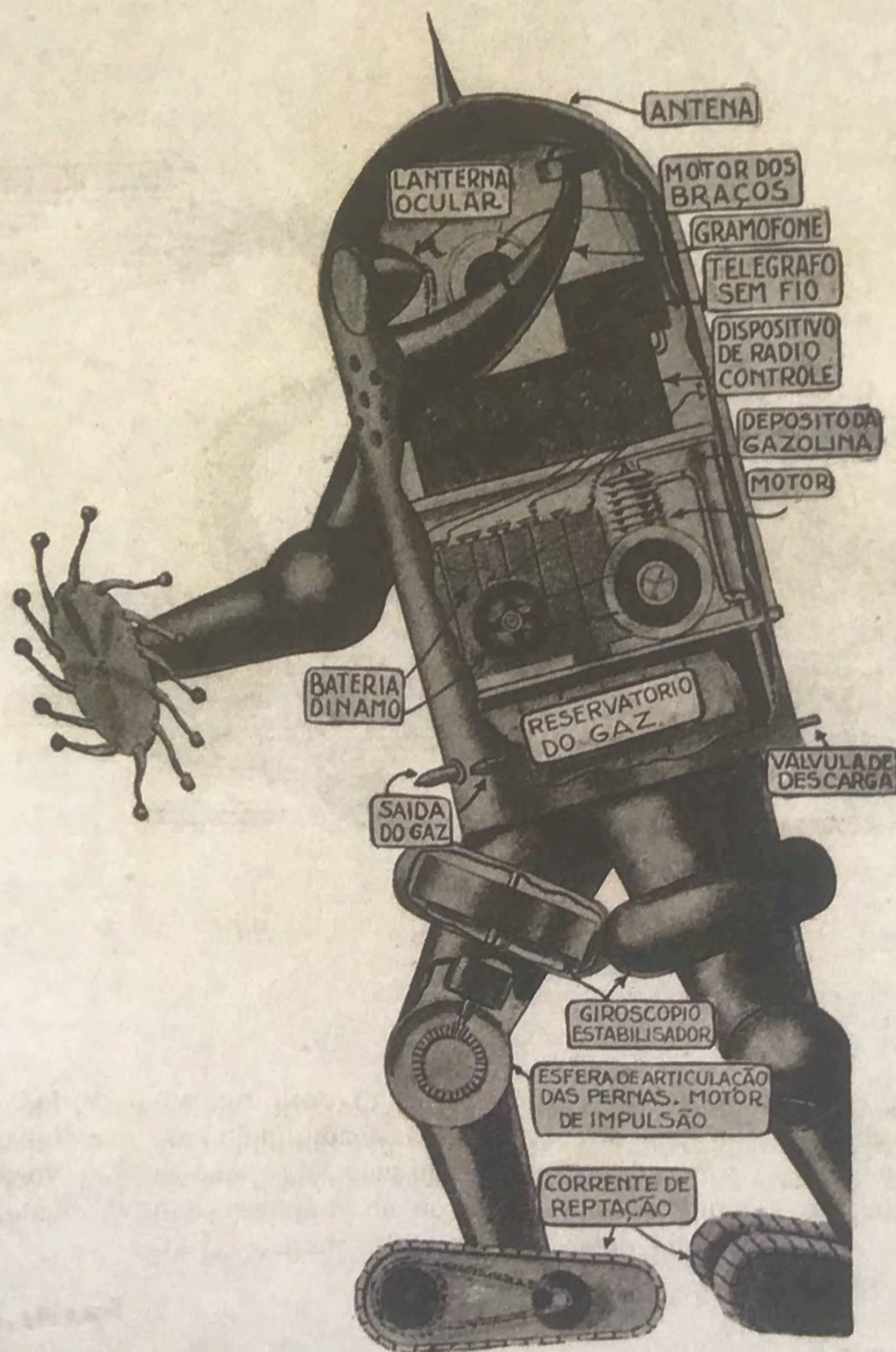
Londres, 2. — O governo britânico realiza consultas radio-telegraficas aos diferentes Dominios da União, sobre a atitude a assumir ante o conflito franco-alemão.

Noticias alucinantes

Paris, 3 — Uma vaga de loucura parece ter invadido a França. Os fugitivos das re-

giões fronteiriças trazem noticias confusas, cuja veracidade é impossivel verificar neste momento. Contam que umas sombras monstruosas, especie de fantasmas de fogo, aniquilaram os primeiros regimentos franceses. O celebre alienista Dr. Drosart afirma tratar-se de um caso de loucura colectiva, provocado pela violencia dos combates a que esses fugitivos assistiram.

Paris, 4. — Chegaram aos hospitais de sangue os primeiros feridos; dizem que, na



CORTE DUM AUTOMATO INIMIGO

noite de 2 para 3, foram assaltados por uma vaga de enormes fantasmas, cujo olhar produzia um frio tão intenso que aniquilava os soldados, tornando impossivel a defesa.

Paris, 5. — A ansiedade da população é enorme. Continua-se sem noticias oficiais do campo de batalha.

Paris, 6. — Como um raio propalou-se, hoje, a noticia de terem caído em poder do inimigo as fortalezas de Strassourg, Metz, Nancy, Kolmar, Verdun, Toul e Luneville.

O panico apoderou-se da população, pois que se não explica esta derrota pelos actuais meios de guerra.

Londres, 7. — O governo inglês significou ao governo alemão o seu desejo de ver detido o avanço da ofensiva, a fim de se entabularem negociações.

Paris, 7. — O general Letain, comandante do 7.º Corpo de Exercito, comunica que Verdun foi tomada, na noite de 5, por uma coluna de monstros blindados, que lançaram uma vaga de frio, que matou toda a guarnição. Tornou-se impossivel deter o avanço destas maquinas de guerra, porque os artilheiros são fulminados pelo frio junto das peças.

Primeiros indícios

Paris, 8. — Em Vesoul, uma esquadilha de Tanks, apoiada num forte contingente de artilharia, derrubou um dos monstros inimigos.

Os soldados conseguiram trazer um bocado do monstro, que, nos relatorios dos peritos, é descrito como um órgão locomotor de aço cromado, que apresenta uma certa semelhança como uma perna humana.

Paris, 8. — O Estado Maior encontra-se desorientado porque nenhuma das esquadilhas de aviões, enviadas em reconhecimento, voltou á base de operações. Segundo o ultimo comunicado oficial, as tropas recuam lentamente, inundando o terreno de gases asfixiantes e minas explosivas.

A Inglaterra entra na luta

Londres, 9. — O governo inglês acaba de declarar a guerra á Alemanha, em virtude de terem ficado sem resposta as suas propostas de mediação.

Havre, 9, noite. — Desembarcaram nesta cidade os primeiros contingentes ingleses. Em todos os soldados se nota uma intensa curiosidade acerca dos fantasmas que, segundo dizem, fazem a guerra pelos alemães.

Paris, 10. — Aterrou em Chaumont um aeroplano pertencente á 28.ª Esquadilha, que tinha partido em exploração. Conta o

tenente Drouot, que o pilotava, que voando sobre o território inimigo distinguiu um block-haus, sobre o qual se estendia uma complicada rede de fios. Nesse momento os aviões, que compunham a esquadilha, começaram a vibrar estranhamente e as hélices bateram em movimentos desencontrados ou pararam, caindo os aparelhos desamparadamente no solo.

O tenente Drouot deve a sua salvação á sua pratica das grandes altitudes, que lhe permitiu subir a 9:000 metros, esca-

Paris, 13. — Os governos aliados encarregaram o rei de Espanha de propôr a paz á Alemanha.

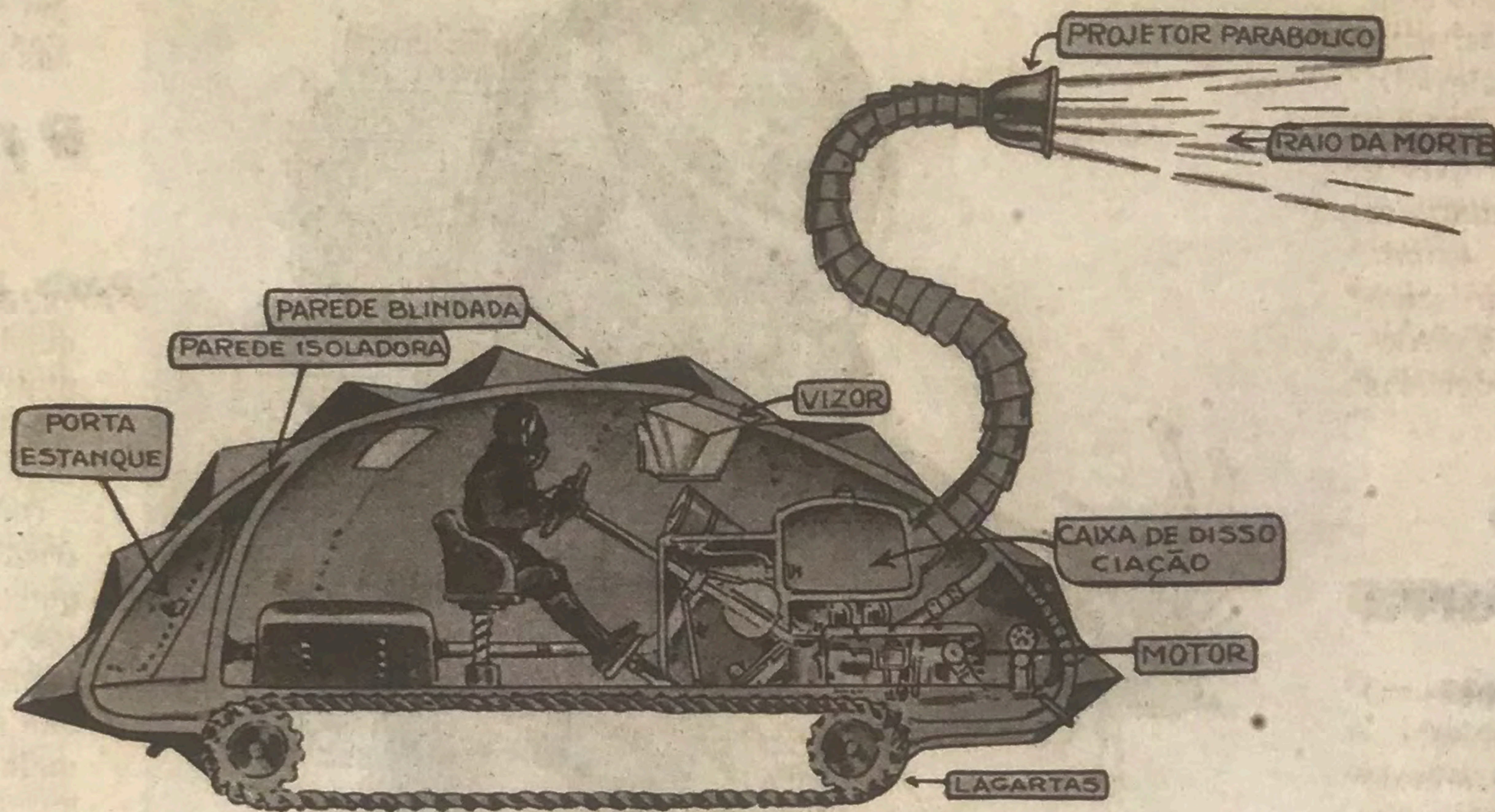
Madrid, 14. — Sabe-se, por um telegrama de Londres, que o governo alemão não respondeu ás propostas de paz.

Um salvador

Londres, 15. — O inventor John Fulton, que

quinas de guerra, foram enviados para os campos de batalha. Foi mantido absoluto segredo acerca da sua construção. Um reporter do «Times», que conseguiu ver os radiadores, no momento de serem embarcados no dreadnought «Invencible», descreve-os como umas tartarugas gigantes, munidas dum pescoço alongado, como o de um cisne, terminando n'uma grande guela avermelhada.

Paris, 20. — Durante toda a noite estranhos esplendores verdosos cortaram o ceu em



UM RADIADOR FULTON

pando assim ás ondas electricas emanadas do blok-haus, o heroico oficial quando a errou, sangrava fortemente dos ouvidos e das narinas e tinha a mão direita completamente gela ta.

Madrid, 11. — Soube-se nesta cidade que o 3.º Corpo de Exército inglês foi aniquilado, na noite de 10, pelos monstros misteriosos. Em todos os recontros, as tropas anglo francesas ainda não encontraram nenhum soldado alemão. A retirada continua.

Madrid, 12. — A fronteira espanhola encontra-se aberta aos fugitivos que saiem de França aos milhares. E' um espectáculo indescritivel o exodo de populações inteiras, que se atropelam para chegar a porto de salvamento.

Os habitantes perderam todo o contacto com as tropas. Nada se sabe da frente de batalha, a não ser que os monstros avançam continuamente.

em 1924 propus-ra ao governo inglês a venda do seu invento, denominado *raio da morte*, foi recebido pelo rei. Sabe-se que Fulton assegurou ao monarca que podia deter o avanço dos monstros alemães.

Madrid, 16, noite. — Recebeu-se um radio de Paris comunicando que Fulton foi nomeado Comandante Supremo dos exercitos aliados.

Reina uma anciedade indescritivel na população, que passa as noites nos boulevards, aguardando noticias.

Paris, 17. — A linha de batalha aproxima-se de Paris. As oficinas Creuzot, em França, e Armstrong, em Inglaterra, trabalham, dia e noite, na construção dos aparelhos inventados por Fulton.

Londres, 19. — Os primeiros radiadores Fulton, assim se chamam as novas ma-

todas as direções, está travada uma extensa batalha silenciosa, cujo efeito apavorante tem feito enlouquecer muitos combatentes.

Paris, 21. — O Comandante Supremo das forças aliadas expediu o seguinte laconico comunicado: *Radiadores detiveram avanço inimigo. Iniciamos ofensiva. Fulton.*

Logo que este telegrama foi conhecido em Paris, uma multidão, em delirio, invadiu as ruas da cidade e todos os edificios apareceram iluminados. O nome de Fulton é vitoriado como o de um novo Messias.

O raio da morte

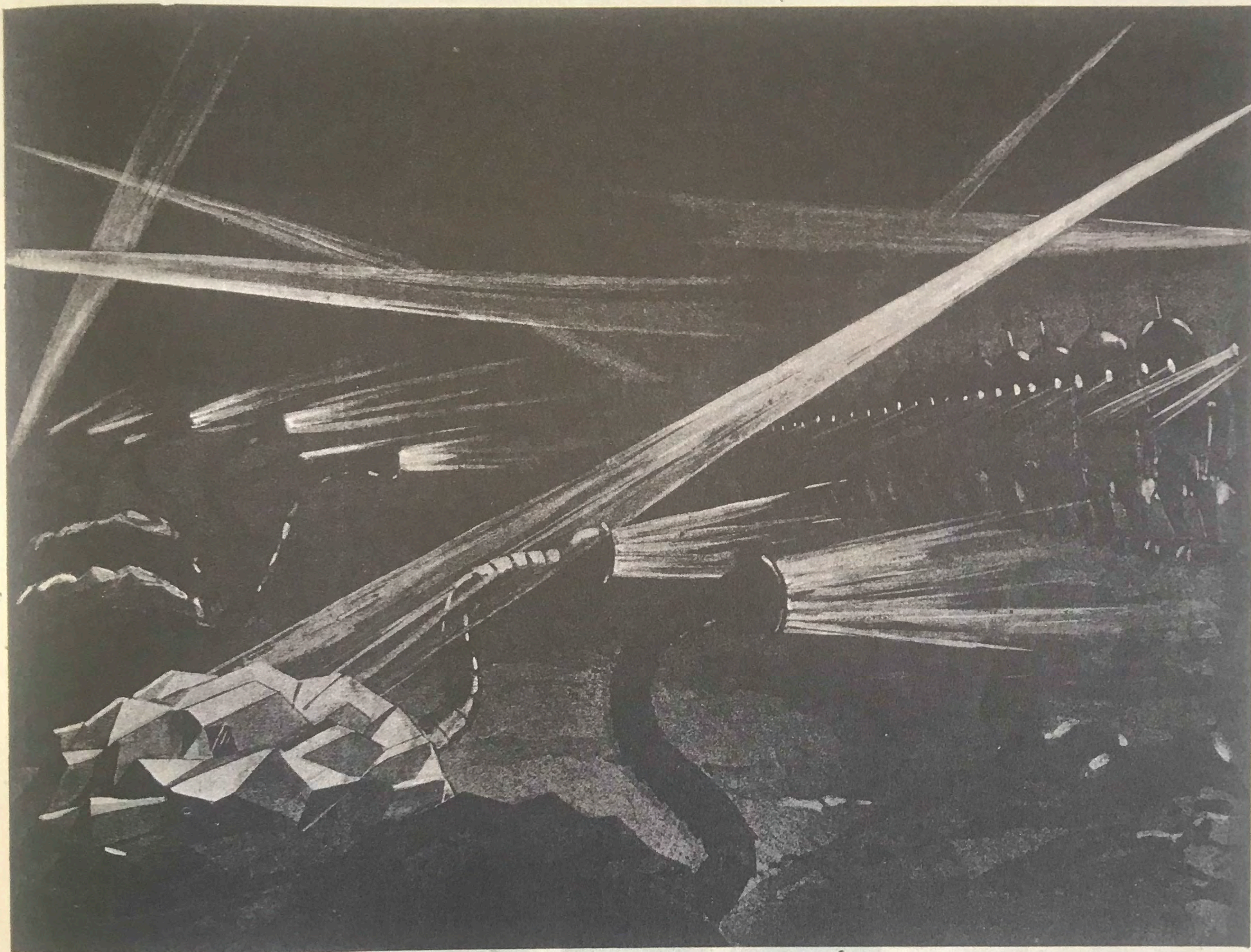
Amsterdam, 25. — As tropas aliadas, precedidas dos radiadores Fulton, recuperaram toda a zona ocupada pelo inimigo. As estradas encontram-se cheias de cadaver

res congelados, que conservam as altitudes em que as vítimas foram surpreendidas pela morte. Supõe-se que os alemães deram um gaz refrigerante de enorme poder mortífero.

ros, em cujos capacetes brilhavam pequenas faíscas luminosas. Imediatamente, recebemos ordem de recolher aos nossos tanks, que devido ao aperfeiçoamento de Fulton, fecham hermeticamente.

o campo de batalha, porque sempre que nos aproximamos do inimigo, o vidro das vigias cobre-se, exteriormente, duma camada de gelo.

Quando o gelo se derreteu, do monstro



NA ATMOSFERA, CONCENTRADA PELO FRIO HORROROSO, OS OLHOS LUMINOSOS DOS AUTOMATOS BRILHAVAM COM REFLEXOS AZULADOS

Londres, 26. — Um oficial inglês da esquadilha de Tanks, que servem de apoio aos radiadores Fulton, descreve do seguinte modo uma ofensiva desta moderna arma:

•Pelas 11 horas da noite, os nossos projectores descortinaram no fundo da noite um alinhamento de monstros, que, á distancia a que estávamos, reproduziam vagamente silhuetas de gigantescos guerreiros,

Assim protegido contra qualquer gás deletério, vi, pela vigia do tank, a fileira dos monstros iniciar a marcha. O radiador, a que o meu tank servia de apoio, avançou também — ergueu pouco a pouco o seu pescoço enorme; e como uma cobra irritada, despediu da guela um raio verde que iluminou plenamente um dos monstros, depois deixei de poder observar

apenas restava um monte de destroços fumegantes».

O mesmo oficial esclareceu também que os tanks que apoiam os radiadores tem por missão destruir, a tiro, todo o radiador que se inutilize no campo de batalha, a fim de que o inimigo não possa alcançar a mais pequena informação acerca da sua construção.

A destruição pelo frio

Frankfort, 27. — As tropas aliadas encontram-se a 300 quilômetros de Berlim, onde o inimigo concentrou todos os recursos de defesa.

Sabe-se pela população, que não tomou parte na guerra, que em 29 de Junho reventou uma revolução, de antigos oficiais, que tomaram conta do governo, e declararam a guerra.

Londres, 28. — Segundo um comunicado do Comando Supremo sabe-se que, em Klötz, as tropas conseguiram apoderar-se de um monstro inimigo. É um enorme automato, com uma vaga semelhança humana. A sua marcha é regulada pelas ondas hertzianas, expedidas por um automovel, colôcado a distancia. Despedem estes automatos, num raio de mil metros, um gás que provoca um abaixamento de temperatura tão consideravel que mata todos os seres, que se encontra no seu raio de acção.

A grande batalha A tomada de Berlim

Paris, 29. — François de Javet, o unico correspondente de guerra que alcançou autorização para seguir as operações, descreve-nos a grande batalha que se desenrolou em torno de Berlim.

«Formaram em extensa linha de batalha os 500 radiadores Fulton, que tinham impellido na sua frente o inimigo. Sabia-se que em Berlim tinham os inventores alemães acumulado inumeras defesas, mas Fulton estava seguro da victoria. Seja-me permitido agora descrever a nova arma, criada pelo genio de Fulton.

Apresentam os radiadores o aspecto, já popularizado pela imprensa, de gigantescas tartarugas, munidos de longos colos, terminados por uma guela vermelha.

É constituída a carapaça da tartaruga por um pequeno tank, de rolamento rapido, hermeticamente fechado, e no qual se abriga o operador. Duas vigias de vidro triplex permitem-lhe seguir os movimentos do inimigo, na sua frente tem o complicado dispositivo

emissor do raio, ao passo que a direcção de veiculo é dada por dois unicos pedais.

Consiste o raio da morte, segundo o pouco que Fulton revelou, numa emissão de materia dissociada, cuja energia portentosa destroi o equilibrio molecular dos corpos sobre que incide, reduzindo-os a montões de destroços.

Quanto ao colo do aparelho, formado por anéis articulados de aço, revestido interiormente de sal gema, tem por fim conduzir o raio, a ravez da bainha isoladora de sal, até ao espelho parabolico, emissor, formado por uma substancia avermelhada, cuja composição não foi revelada por Fulton.

Conhecendo os alemães os efeitos destruidores do raio da morte, lançaram dos blockhaus, que rodeam a cidade, uma forte emissão de ondas energeticas, para deter a marcha dos radiadores, porem, trabalhando os motores dentro d'uma blindagem hermetica, não conseguiram essas ondas o seu habitual efeito.

Fulton, que calculava que o terreno estaria minado em torno da cidade, mandou avançar um radiador em exploração. A forma tortuosa, distacou-se da fileira, e avançou rapidamente; ainda não teria percorrido uns 500 metros, quando uma formidavel explosão o arremessou pelos ares, feito em pedaços. Era a primeira vitima da batalha.

Fulton radio-telegrafou, imediatamente, a ordem de deter o avanço. O facto era que as fortificações inimigas estavam fóra do alcance, eficaz, do raio da morte. Decorreram uns minutos de expectativa, mas, o inimigo, desejando aniquilar os radiadores, desprezou as vantagens da sua posição, e «tirou ao assalto a vaga dos automatos. A' distancia de 500 metros reventaram as primeiras granadas de frio.

Atravez das carapaças blindadas dos

nossos aparelhos, sentimos o frio ganharnos os ossos. Cá fóra a temperatura decera, certamente, a menos 200 graus. Na atmosfera, concen'rada pelo frio horrroso, os olhos luminosos dos automatos brilhavam com reflexos azulados.

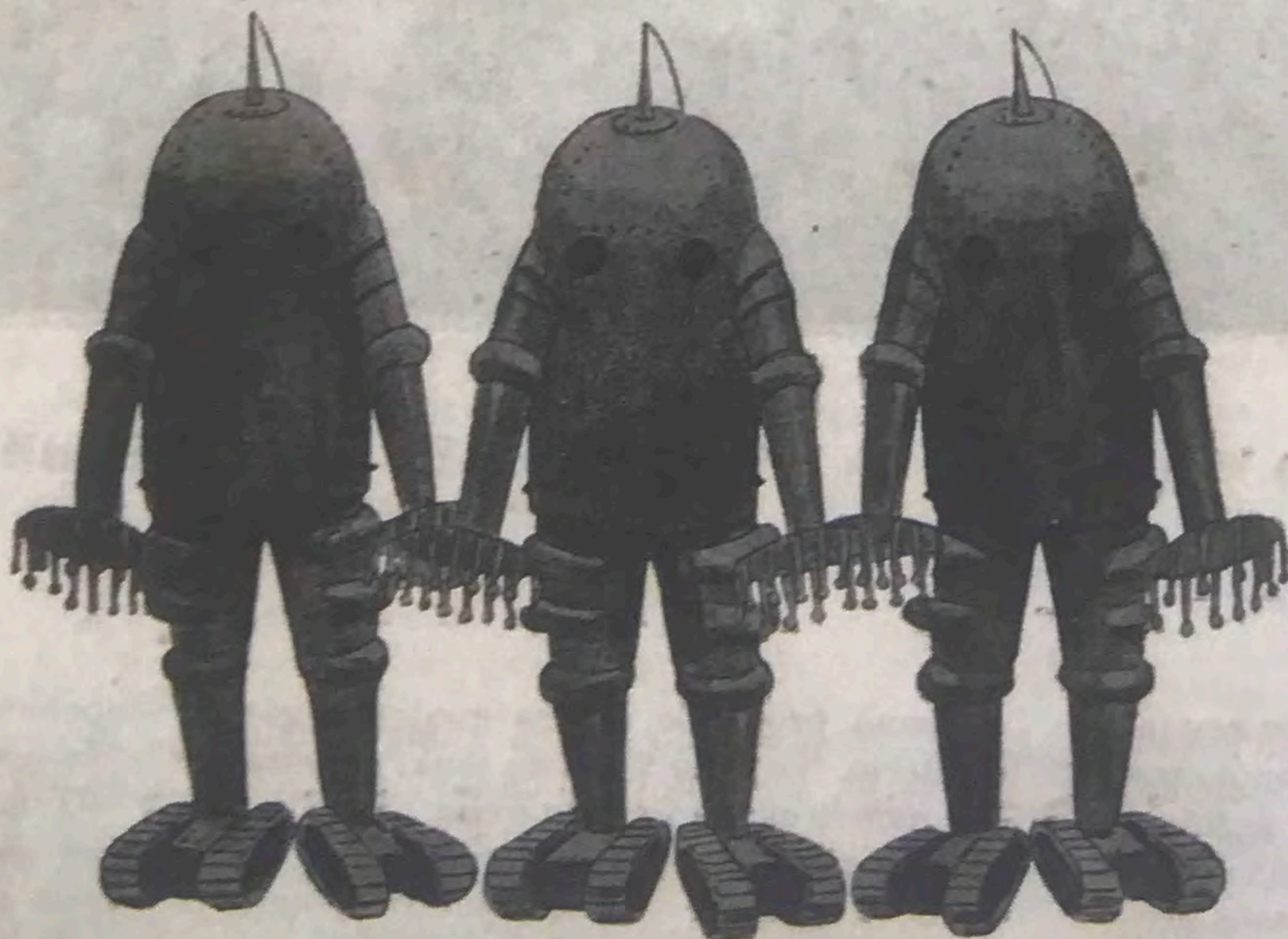
Em alguns radiadores, de construção menos perfeita, ou, em que os combates anteriores tinham aberto qualquer brecha invisivel, o frio sideral penetrou, rapidamente, gelando, no seu posto, os tripulantes dos radiadores.

As espantosas maquinas de guerra aproximavam-se, já, dos nossos aparelhos, quando Fulton, n'uma manobra genial, ordenou a todos os aparelhos, que, dando a maxima extensão ao colo dos radiadores, concentrassem o raio da morte sobre os automoveis blindados, que dirigiam, por meio de ondas hertzianas, o movimento dos automatos. Sabendo-se que cada automovel dirige o movimento de vinte automatos, Fulton conseguia com esta manobra diminuir notavelmente os alvos de ataque.

Por sobre os capacetes dos monstros, sintilaram, em faiscas verdosas, os raios mortiferos, entrechocando-se n'um rebrihar alucinante. E, um apoz outro, os automoveis dirigentes desapareceram, com os seus tripulantes, numa fornalha faiscante. Imediatamente, faltando-lhes a energia propulsora, os automatos deliveram-se, imoveis, em estranha fileira de gigantes petrificados.

Lentamente, os radiadores avançaram por entre os monstros, agora inofensivos, e o implacavel raio da morte aniquilou, successivamente, os 200 blockhaus da defesa de Berlim.

O primeiro aparelho, que entrou na cidade, deparou com um espetaculo desolador, cadaveres regelados, por toda a parte. Uma revolta da população fora sufocada com as bombas de frio.



Koenigsberg, 1 de Agosto. — Um grupo de officiais, que fugia do campo de batalha, foi trucidado pela população. Identicas scenas se repetiram nas principais cidades alemãs.

Haia, 5. — Iniciaram-se hoje as negociações da paz.

... DESCORTINARAM NO FUNDO DA NOITE
UM ALINHAMENTO DE MONSTROS

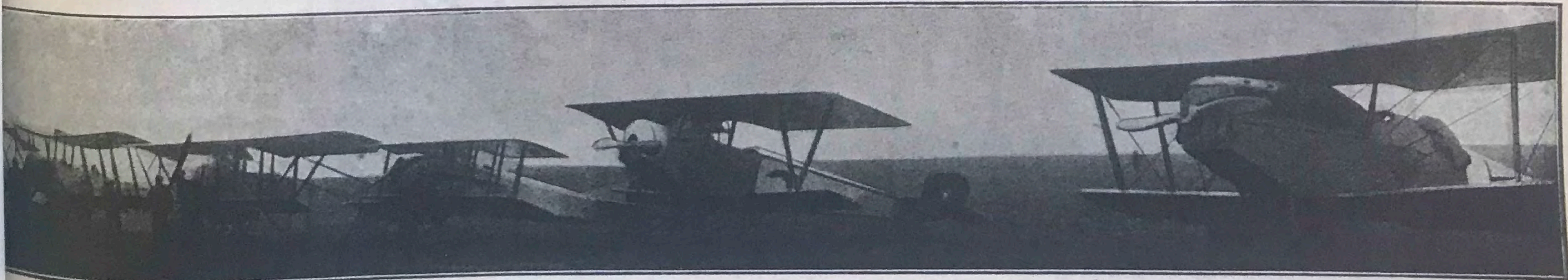


SOB AS ASAS-DA AGUIA:— os oficiais aviadores, alferes Manuel Gouveia, tenente Lino Teixeira, tenente Piçarra, tenente Paiva Simões, tenente Rodrigues Alves, tenente medico, Dr. Sabido da Costa, capitão Luiz da Cunha e Almeida, comandante Cifka Duarte, 1.º tenente Cabral, tenente Felgueiras e Sousa, capitão Carlos Almeida, capitão Castro e Silva, capitão Santos Leite, tenente Pais Ramos

A 5ª ARMA

UM DIA DE AVIAÇÃO

Como se prepara uma reportagem—No ninho das guias—Chegam as visitas—O primeiro vôo—O parque de Material Aeronautico—Os mais pesados que o ar—Como se faz uma helice—Onde está o fotografo?—Todos camaradas—Saíem as visitas—Mas nem tudo são rosas—Ultima cortezia





O Director da Pista Internacional, capitão aviador Santos Leite a bordo do Avro n.º 15

O comboio que nos leva a Alverca parte com um arrancar custoso de ferragem entrechocada. E' nosso plano fazer um inquerito á aviação portuguesa. A 5.ª arma, como se lhe chama militarmente, interessa-nos e atraí-nos com o encanto do desconhecido.

Uma pergunta do nosso fotografo faz-nos acudir á memoria a leitura que fizemos na vespera, apressadamente, com o intuito ingenuo de ficarmos a perceber do assunto.

A aviação é bem um fruto do nosso tempo. Os seus dois verdadeiros precursores foram o inglês Sir John Cayley que, em 1809, descreveu um projeto de avião comp'eto com as asas, a empenagem, a helice e o motor; e Ader, que, em 1896, na presença duma comis-

são de oficiais, conseguiu fazer subir um avião que percorreu 300 metros em Satory.

O alemão Lilienthal, que morreu num de-astre em 1906, conseguiu realizar vôos hor-son-tais com umas asas ligadas ao corpo.

Chanute, francês estabelecido na America, continuand) estas pesquisas, demonstrou o interesse do biplano, abrindo assim o cami-nho aos irmãos Wright. Estes realizaram um avião que, embora, necessitam lo de ser lança-do artificialmente, podia voar e levar mesmo um passageiro. As experiencias foram reali-sadas, em 1908, no campo d'Auvour, com uma publicidade formidavel.

Porem, dois anos antes dos irmãos Wright, Santos-Dumont realisava um vôo de 100 me-tros; e em 13 de janeiro de 1908, Henri Farman percorria um quilometro em circuito fe-chado.

Vieram então as duas jornadas historicas da aviação: em 30 de outubro, Henri Farman efetuou uma viagem, indo do Campo de Cha-lons até Reims com uma velocidade de 79 qui-

lometros á hora e no dia seguinte, 31 de ou-tubro de 1908, Bleriot realisava em circuito fechado, o percurso Toury-Artenay e volta, com a velocidade de 85 quilometros á hora.

Em 25 de julho de 1909 o mesmo Bleriot atravessava a Mancha num unico vôo.

Saimos do comboio, lateralmente á linha esten le-se uma bela pista com a extensão de um quilometro quadrado. Ao fundo os han-gares e oficinas do Parque de Material Aero-nautico.

Quatro aviões alinhados no extremo da pista põem uma mancha moderna na paisagem simples da lezíria.

Um grupo de aviadores destaca-se de junto dos aeroplanos, somos apresentados.

O ar fresco da manhã córa-lhes as faces e nos seus olhos brilhantes transparece uma juventude, exuberante, dinamizada pela convi-vença com o perigo.

O comandante do Parque, sr. capitão Cunha



O Chefe do Serviço Fabril, capitão Castro e Silva num Candron

e Almeida explica-nos amavelmente a organização dos serviços... quando todas as atenções convergem em dois pontos negros que se divisam no horizonte... são as visitas que chegam...

Rapidamente os pontos aumentam de volume e em breve se distinguem as formas elegantes de dois aviões, que iniciam a descida. O director da Pista Internacional, capitão Santos Leite que segue atentamente a manobra, afirma que *veem bem*. Como duas aves cansadas os aviões tocam a terra e numa corrida rápida veem *stopar* na linha de formatura. E' um Caudron de Cintra, pilotado pelo tenente Cunha, e o Breguet n.º 17, da Amadora, pilotado pelo capitão Carlos da Cunha e Almeida e que traz a bordo o 1.º sargento mecanico Arnaldo Araujo.

E a «tour de role» veem descendo sobre a pista de todos os cantos do horizonte: o Breguet n.º 2, pilotado pelo tenente Piçarra e trazendo como observador o alferes Manoel Gouveia, um Martinsyde pilotado pelo comandante interino da Esquadilha n.º 1 de caça, tenente Viegas, trazendo a bordo o tenente Moreira Cardoso, o Breguet n.º 5 da Amadora, pilotado pelo tenente Pais Ramos...

E novamente os olhares se fixam no ceu, uma nova aguia desponta, mas esta não gosta da terra, e numa curva graciosa aponta para o rio onde desce, é o hidroavião Tellier n.º 15 pilotado pelo 1.º tenente Cabral e que traz a bordo o comandante Cifka Duarte e o 2.º sargento mecanico Alves.

Subimos para um automovel e vamos buscar á margem do rio os ultimos chegados.

Com um gesto amavel o Director do Parque de Material Aeronautico, convida-nos a subir para o Breguet que vai pilotar.

Subimos com a «gaucherie» dos novatos que pretendem aparentar uma larga pratica.

— Estamos prontos? Indaga fidalgamente o comandante.

—...Prontos! Respondemos.

Prontos e preparados para uma longa serie de sensações imaginadas á «priori», vomitos, enjões, vertigens, o mal das montanhas, etc.

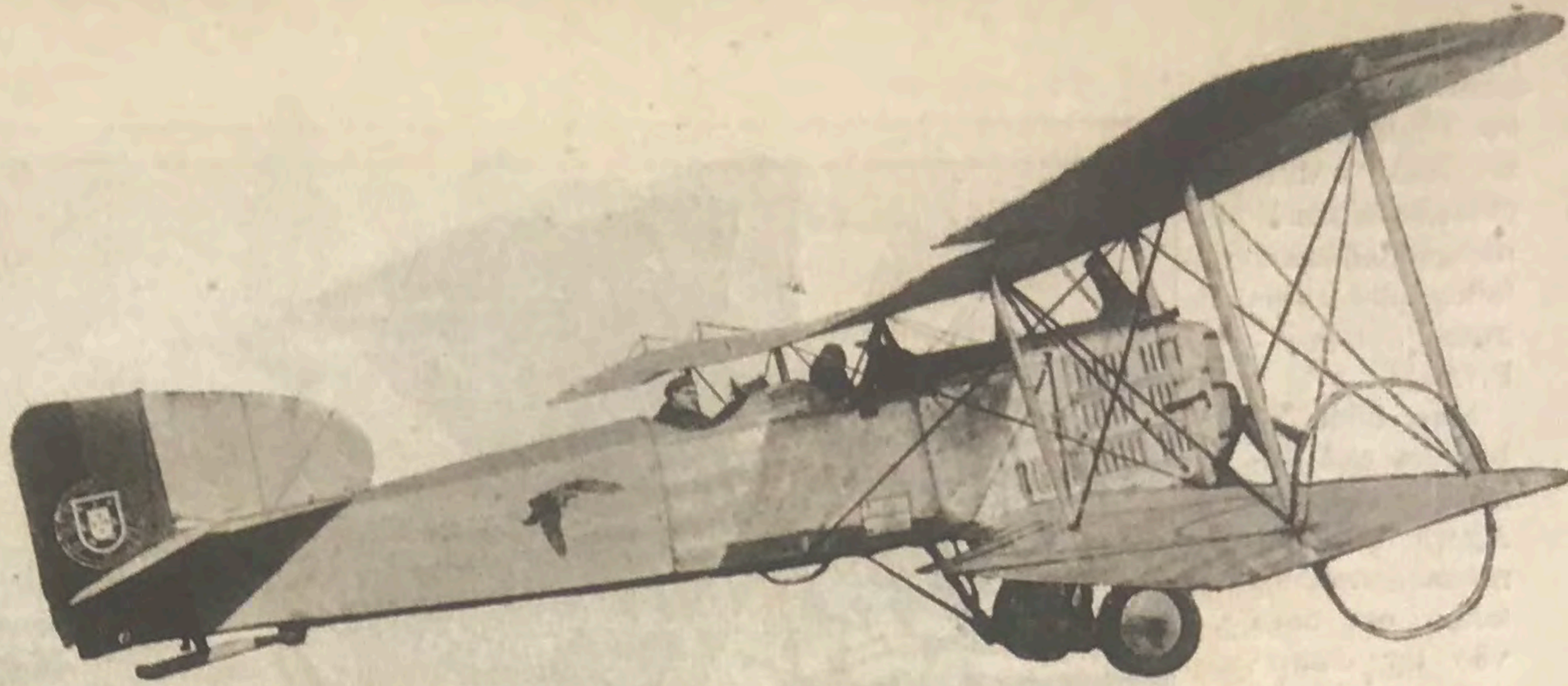
A voz do comandante alterna com a voz aguda do mecanico que faz «demarrar» a helice.

— Livre? interroga o mecanico dependendo-se da helice.

— Livre — responde o piloto.

— *Contacto* — comanda o mecanico largando a helice a que imprimiu movimento num lançar do corpo ginastizado.

Contacto! Responde o comandante, abrindo o gaz.



O comandante do Parque de Material Aeronautico, capitão Luiz da Cunha e Almeida levanta vôo levando o nosso redactor como passageiro

Tres, quatro tentativas iuteis e finalmente o motor pega, na sua barulheira infernal de 300 cavalos desocados.

Atentamente o piloto observa a pancada do motor, nossa garantia no ar.

O motor trabalha bem... Uma rapida viragem feita a braço e eis-nos lançados na pista como ave perseguida...

Depois s'm aquele estremeção violento que nós esperavamos o aparelho *descola*. O chão foge rapidamente ante os nossos olhos.

— E' verdade estamos no ar. Lá estão em baixo os outros aviões, lá estão umas silhuetas humanas junto deles

Fugimos rapidamente da pista.

O' diabo! O altimetro marca já 300 metros e nós, que temos vertigens quando nos debruçamos dum terceiro andar, ainda não sentimos nada! T'esentos e cincoenta... e ainda não enjoamos...

Gozando plenamente a sensação forte soinhada por Icaro, debruçamo-nos, apesar da pancada violenta do vento.

Em baixo, espectáculo assombroso, estende-se o panorama das aguias.

A terra parece deslizar como uma enorme fita movel.

Lá está a obra do homem a mascarar a na-

tureza, a figura geometrica a cortar a linha sinuosa da criação.

Por toda a parte triangulos, retangulos, losangos, circulos, esfumam o recorte caprichoso das aguas e da terra.

Olhamos plenamente, queremos fixar na retina o espectáculo grandioso.

E subitamente, sentimos-nos integrados no nosso seculo... O homem voador. Realizamos o sonho. Cortamos a grillheta que nos prendia á terra, e como uma saudação ou prece da mãe abandonada, o *criss-criss* do vento nos esticadores das asas faz subir até nós um canto formidavel de milhares de grilos, da campina sobre que pairamos.

Mas, basta de divagações... O nosso piloto leva-nos agora por sobre o rio, a toalha liquida batida pelo sol brilha com sintilações suaves. Os mouchões do Tejo parecem achatarse mais sobre as aguas. Subimos ainda e o relevo desaparece. 900 metros. A paisagem desenha se aponas no claro escuro das suas tonalidades.

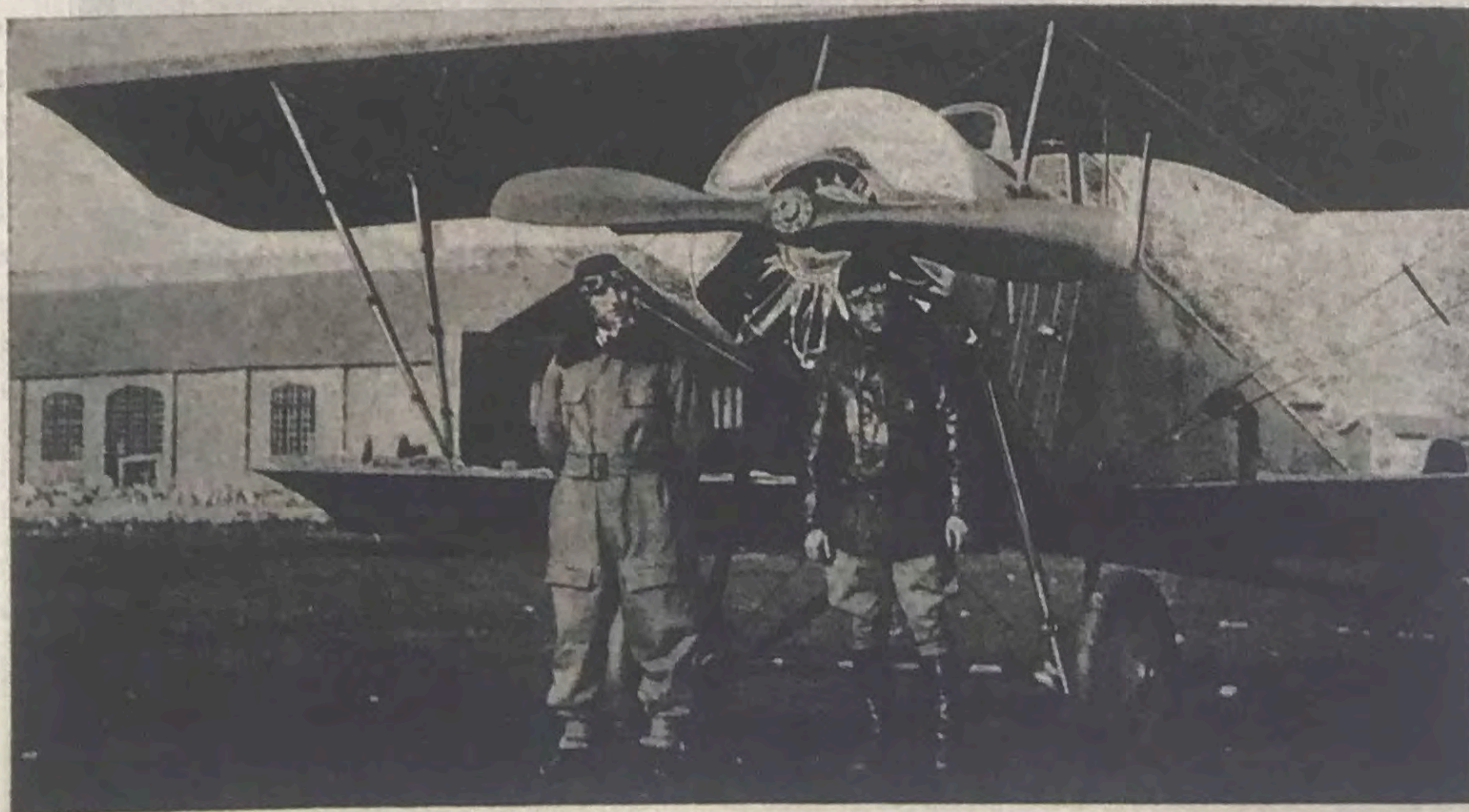
E' lindo! Ah! Um poçosito ou seja uma camada de ar menos densa, o avião desceu uns metros na vertical. Lembramo-nos do elevador de Santa-Justa. Não é suficiente para enjoar.

O aparelho muito firme na sua estrada aerea

ez agora uma viragem, lenta e cuidadosa. Mais uma gentileza que o passageiro regista no seu debito para com o piloto.

Voamos há já um quarto de hora. Sentimo-nos plenamente seguros. A imobilidade aparente do avião, a solidez da banqueta em que vamos sentados, são penhore do nosso equilibrio. Se não fora a pancada do vento teriamos a ilusão de planar em *pendant* com o fantastico tumulto do profeta...

Distinguimos já a pista e os hangares com o seu grande letreiro,



Os tenentes-aviadores Felgueira e Sousa e Lino Teixeira antes de subirem num Nieuport 23

pintado no telhado, P. M. A. Se não fosse a dificuldade da comunicação teríamos feito uma «blague» P. M. A... P. A. M.

Mas, nada de blagues que vamos aterrar. Agora é que as nossas sensações feitas em casa vão ter confirmação... O chão sobe rapidamente ao nosso encontro... agarramos-nos à carlinga para resistir ao choque...

Mas, que é isto?... rolamos já sobre a pista e não demos pela aterragem.

Passamos na linha de formatura em frente do hangar. O comandante Cunha e Almeida voltando-se na banquetela, interroga-nos com um *que tal?* de proprietário mostrando a sua galeria de quadros.

Creemos que a boa disposição que nos animava então, lhe terá respondido melhor do que poderão fazer estas linhas incoloras.

O chefe do serviço fabril, capitão de engenharia e piloto aviador, senhor Castro e Silva mostra-nos detalhadamente as instalações do Parque.

Na primeira oficina em que entramos está-se procedendo à montagem dum dos aparelhos, recentemente adquiridos em Inglaterra; é um *Avro* que apresenta já a sua forma elegante sob o esforço do turno de operários que o rodeiam.

Seguimos na visita, instalações modestas, mas em que reina aquela ordem das casas bem administradas, tudo está nos seus lugares, matéria prima, ferramenta e obra.

Proficientemente o capitão Castro e Silva mostra-nos as peças componentes duma asa, as nervuras estreitas, lindo trabalho de madeira, que parece obra de mãos femininas.

Em cima de longos cavaletes alinham-se alguns *Caudrons* como esqueletos de aves num museu de história natural. As peças ligeiras dos aviões necessitam tão frequentemente de reparações que o Parque tem de trabalhar



activamente para fornecer as outras unidades...

Aqui uma fusilagem toma forma sob a sua par de de zinco...

Estamos na sala de desenho, sobre grandes folhas de papel vegetal veem-se perfiz e cortes dos aparelhos.

É tão perfeito o trabalho que temos ante os olhos que não hesitamos em afirmar que em Alverca se poderiam construir inteiramente os aviões.

Mas, o chefe do serviço fabril, chama-nos à realidade. A dotação é de 400 contos!

Agora a oficina onde se fazem as hélices. Trabalho metucioso e cuidado. É bom lembrar que a hélice é o órgão propulsor do avião.

Primeiro é o corte das folhas que hão-de formar a hélice. Escolhe-se para isso a noqueira velha e bem seca. Antes de se grudarem as 5 folhas que formam a hélice dum Breguet, são exsicadas com uma aplicação de aldeido formico. Uma vez grudadas, são fortemente apertadas entre umas dezenas de grampos meta-

pecial. Mais um mês de repouso se impõe ao futuro órgão propulsor do avião, afim de se ter a certeza de que a madeira não deu de si.

Um ultimo exame no torno de experiencia onde se imprimem á hélice o mesmo numero de rotações que terá de fornecer no avião, e eil-a pronta para cumprir a sua missão.

Como nota interessante o capitão Castro e Silva mostra-nos uma maquina destinada a talhar as hélices, mas que não pode servir porque o Parque não dispõe de energia electrica sufficiente.

Eis-nos agora na officina metalurgica, os tornos mecanicos, cortam, talham e afeioam, os parafusos e inumeras peças metalicas necessarias aos serviços aeronauticos.

Na secção dos motores, em grandes quadros nas paredes, encimados pelo nome da marca respectiva, estão catalogadas as ferramentas necessarias á reparação e exame dos motores.

Sobre cavaletes um motor rotativo Rhone de 80 cavalos e um Hispano Suisso de 180 brilham sob a luz do sol com os mil reflexos das suas facetas bem polidas e cuidadosamente lubrificadas.

Um aspecto curioso do fabrico... impõe-se um cliché... procuramos o fotografista... sem o encontrar... Em plena pista, abandonada como uma cegonha neurastenica, distinguimos a maquina sobre o seu cavalete... onde está o fotografista? ..

Uma ordenança enviada em sua procura, volta correndo... O fotografista?... Está no ar com o nosso capitão Santos Leite.



Procedendo á montagem dum avião «Avro»

Na «messa» onde nos reunimos para o almo-

ço notamos com surpresa que não é fácil antepor aos nomes dos nossos amfitriões a classificação da sua patente, e com receio de alguma *gaffe* olhamos cautelosamente para as mangas dos nossos interlocutores, mas o ardid é inútil. Sob as peliças desaparecem os galões, e em boa verdade estamos em presença dum belo grupo de camaradas, que falam do perigo sem fanfarronadas e que veem as coisas de... alto.

São horas de partir, entre o ruído ensurdecedor de dois e tres motores, os aviões de fora vão descolando.

Dirigimo-nos á Estação, no ar o capitão Santos Leite



Como se faz uma helice

faz evoluções num Avro, é o seu oitavo vôo desse dia, e talvez por levar a bordo os prontos socorros na pessoa do Dr. Sabido da Costa, o capitão Santos Lei e da-se ao luxo duma *pan-ne...* O motor para... sentimos o sangue afluir-nos ao coração .. como uma ave ferida o aparelho cai rasando os hangares, donde se desenrrasca numa bela manobra do piloto, e toma contacto violento com a terra num pulo de montada teimosa.

Sorridente, o bravo aviador pergunta-nos se ficamos sabendo como se dá um trambulhão

Do comboio acenammos a um avião que nos escolta durante umas centenas de metros.

AVIAÇÃO TRAGICA

No momento de imprimir esta pagina chega-nos a dolorosa noticia da queda do Breguet n.º 13, causando a morte do tenente José Carlos Piçarra, que se encontra fotografado no nosso grupo, e deixando em grave perigo de vida o tenente Luis Manuel Caldas e o nosso camarada Mario Graça.

A's nobres vitimas do dever profissional as nossas saudações comovidas.

A IDEIA

Tomou fôrma, pulsou, fortaleceu:
E liberta da mente que a prendia,
Afiou a materia inerte e fria,
E o que era inerte e frio, estremeceu!

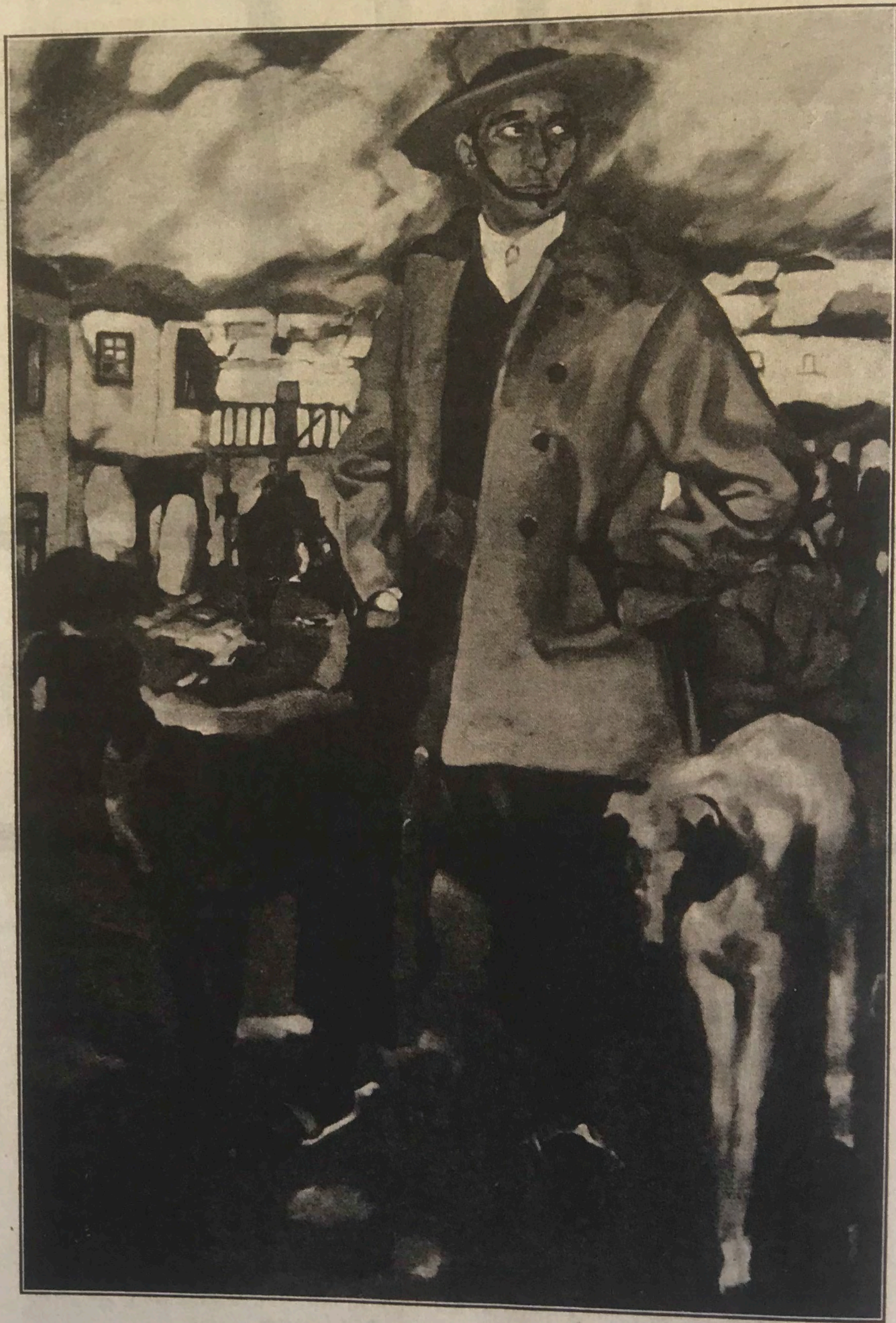
Foi verbo, foi cinzel, foi harmonia:
Derrubou, construiu, engrandeceu,
Nimbou de luz a noite mais sombria,
E fez-se aza para ascender ao Ceu!

A pedra estylisou o vulto informe:
Moldou em graça, o tosco e o disforme,
Foi cambiante e renda, aroma e fluido.

Deu ao mundo um poder altivo e forte,
E pairando nos ambitos da morte,
Passou alem do Alem sem ter morrido!

MARIA ISABEL GAMITO

SALÃO D'OUTONO



Antonio Soares — Retrato do Dr. Motta Cabral



AS DUAS MARQUEZAS

NOVELA POR JOSÉ ADOLFO COELHO

Ilustrações de JORGE BARRADAS

ENCHE-SE de galas o riquíssimo palácio das Janelas Verdes, residência senhoril dos Tavoras. Magníficas tapeçarias cobrem as paredes, onde as armas preciosas despelem centelhas sob a luz dos inúmeros candelabros de boa prata; altos jarrões da China riem a ravés das suas figuras grotescas, e ao passar, as criadas atarefadas roçam com as saias do briche impostado pelo ministro onnipotente, móveis ricos embutidos de ouro e madreperola.

To a a riqueza que o terremoto e a cubição dos homens haviam de aniquilar no ano seguinte, se ostentava nessa noite, em que se festejava o regresso dos Vice-Reis da Índia. D. Francisco de Assis Marquês de Tavora, Vice-Rei da Índia por Graça de Sua Alteza o Rei de Portugal, exercera o seu alto cargo de 1750 a 1754, conseguindo fazer brilhar, num último lampejo, as armas portuguesas no Oriente.

O corsário Canajá, derrotado em todos os combates, jamais poderia refazer-se dos golpes do Vice-Rei. Ganha a batalha naval contra o Marata, D. Francisco de Assis, arrasa a fortaleza de Neubadel e devastara as terras de Pondá e Zambaulim, terminando com a conquista de Piro ao rei de Sunda.

Eram dois brilhantes fidalgos os Vice-Reis da Índia, a quem, com reparo da corte, o rei não fora esperar ao caso do desembarque.

D. Leonor de Tavora que quebrara a tradição medrosa das fidalgas portuguesas, acompanhando o esposo na sua longínqua missão, vibrava, ainda, ante a afronta ou esquecimento

real. Era a marquesa velha, como lhe chamavam para a distinguir de D. Teresa, uma das mais lindas mulheres do seu tempo; porte magestoso de rainha, cabeça altiva de mulher inteligente, corpo escultural de aristocrata, a quem dois filhos, já homens, não tinham roubado nada da sua frescura juvenil.

Nervosamente a fidalga atravessou o salão nobre, fugindo ás boas-vindas das visitas... O esquecimento das pessoas reais era tão inusitado!... Não se recebiam dois leais servidores com tanta indiferença!

A condessa de Atougua, que lhe saiu ao caminho, cheia de jubilo, deteve-se surpreendida ante o semblante carregado da mãe.

—...
— Mas, minha mãe, não sei nada Talvez Suas Magestades...

— E a boa senhora, ingenua e desconhecadora da intriga tenebrosa, procurava inutilmente uma explicação plausível.

— Alguma intriga do Sebastião José.
Os lábios carminados de D. Leonor contrairam-se depreciativamente ao pronunciar o nome do fidalgo.

— Minha mãe, que pode ele junto de El-Rei?
— Tudo!

Mas, Manuel, o velho mordomo, aproximava-se para receber ordens, e a Marquesa velha, depois de beijar carinhosamente a filha, afastou-se com ele para o despacho do Marquês.

O olhar imperioso de D. Leonor fitou-se no

servo, prescrutando uma indicação que a sua sensibilidade feminina lhe fazia adivinhar!

— Manuel!
O mordomo baixou os olhos, subitamente receoso.

— Quero saber o que se passou na minha ausencia. Que ha?

Que segredo é esse, que parece transpirar em todas as faces que me rodeiam?

— Não sei, senhora Marquesa, não sei nada!

— Mas, a voz de Manuel tremia muito para que falasse verdade.

— Quero saber!

Ordenou a Marquesa apurando o vulto airoso, enquanto a sua mão branca, onde brilhava um diamante pesado, batia nervosamente na escrevaninha de pau Brazil.

— Senhora Marquesa, eu não sei a que vossa Excelencia se quer referir... Eu não sei nada.

A mão branca azitou-se um momento no ar, depois como uma pomba ferida pousou no ombro do mordomo.

— Manuel, sou eu que te peço. Quero saber a verdade.

— Mas se é uma mentira aleivosa. — Murmurou o velho deixando ver o rosto cheio de lagrimas.

A Marquesa, subitamente livida, sentiu uma contração dolorosa apertar-lhe a garganta, enquanto uma ligeira neblina lhe toldava o olhar limpo; mas dominando se, foi com a voz serena que inquiriu:

— E que mentira é essa que todos sabem?

— Eu não me atrevo, senhora Marquesa...
— Vá, fala! Ordenou de novo, a Vice Rainha.

E a voz sumi'a do servo, numa litania de finados, anunciou a triste nova:

— Dizem... corre .. mas é mentira, pela certa... que El-Rei nosso senhor e a senhora Marquesa D. Teresa... são... mas é mentira ..

Palida como uma morta, com o olhar perdido no vago, a fidalga ficara imóvel deixando pender ao longo do vestido negro a sua linda m o branca, a que o grande diamante indiano emprestava uma transparencia luminosa.

— Leonor... Chegou a Marquesa de Angeja e procura-te por toda a casa. Fugiste?... Que tens? E D. Francisco de Tavora fitou um olhar inquieto na esposa.

— Nada! Estive a dar umas ordens ao Manuel.

A voz serena, normalmente timbrada da fidalga socegou o esposo, que lhe ofereceu o braço num gesto carinhoso.

O mordomo ficou-se contemplando a ama que se afastava disfarçando num sorriso a afronta atroz d'uma alma nobre, duplamente ferida no seu amor de mãe e no seu orgulho de fidalga



D. Teresa de Tavora

— Teresa!

A amante do rei curvou a fronte magestosa, mostrando pelo decote rasgado a polpa rosada dos seios tumidos. Era a mais bela mulher da corte de D. José a Marquesa nova de Tavora, a quem, sómente, a formosura picante da Duquesa de Aveiro podia fazer s mbra.

Ante o chamamento grave que lhe dirigia D. Leonor, sua sogra e cunhada, a esposa de Luís Bernardo de Tavora tinha curvado a cabeça, como que presentindo a tempestade.

Estavam as duas fechadas na pequena saleta de azulejos do Palacete do Campo Pequeno.

O seio da Marquesa velha traia nas palpitações agitadas a comoção que lhe ia na alma.

— Teresa!... Quero saber a verdade!

A Marquesa nova levantou o rosto e pousou na face implacável de D. Leonor o seu olhar humido onde transparecia o pavor da corça perseguida.

— Não sei a que te referes?!

— Não sabes e contudo tremes... O teu rosto está desmaiado... Leio nos teus olhos o medo de...

— Medo de quê? — Atalhou violentamente D. Teresa, querendo mascarar com a colera o receio que lhe secava os lábios.

— Porque te exaltas, se ainda te não disse nada?

Não me disseste nada, à verdade; mas assumiste uns ares tão misteriosos, fechaste-me aqui como para um interrogatorio do Santo Officio.

— Tu, amas o teu marido?

Confusa, subitamente carminada, a marquesa nova respondeu, desviando o olhar:

— Que pergunta!

— É uma pergunta que só tem duas respostas.

D. Teresa passeou o olhar pelo aposento como que buscando uma saída e ao sentir-se presa, como o animal acossado, olhou, pela primeira vez, com odio para a adversaria.

Uma pequena ruga acentuou-lhe as comisuras dos lábios e os seus dedos delgados contrairam-se numa defesa inconsciente.

— Amo o Luís Bernardo, sim, e não compreendo a razão dessa pergunta.

— Então, porque és amante de El-Rei?!

E D. Leonor, depois de lançar a acusação infamante ficou anciosa, aguardando o grito de repulsa que lhe varresse a suspeita.

— É mentira...

Mas a marquesa nova não gritara, respondera com a voz apagada, surda, como que reciosa.

— Desgraçada. Que fizeste do nosso nome? Enlameaste a dignidade da nossa casa, sem pejo, sem pudor, como uma vilã!

— É mentira — murmuro: D. Teresa, deixan-to- e cair na banqueta de veludo escarlata.

— É verdade! — gritou a marquesa velha. O bolieiro viu-te, toda gente o sabe. É notoria a nossa desonra!... Perdida, porque te vendeste?

Rangendo os dentes a marquesa nova encarou a sogra.

— Eu não me vendi, porque o amo!

— Tu, amas El-Rei?

— Sim, de todo o meu coração. E não é de hoje. É de ha muito... Ainda ele era príncipe... Para que me casaram com outro? Que culpa tenho eu...

Vibrante, com a indignação a corar-lhe as faces. D. Leonor interrompeu-a:

— E que culpa tem o meu filho, que tu desonraste, que tu infamaste no seu brio de homem!?

Uma lagrima perelou nos longos cílios da marquesa nova. Era esse o seu remorso. Era verdade... a bondade de Luís Bernardo. a idolatria com ele a tratava eram dignas de melhor paga.

Mas D. Leonor de Tavora, sangrando no seu amor maternal, ciosa do nome fidalgo da sua casa, continuava sem piedade:

— Quero saber se nunca pensas-te na tua

vergonha, se nunca pensas-te em que Luís Bernardo poderia vir a conhecer a tua infâmia!

A amante do rei, curvando a cabeça, não respondeu e a marquesa velha encarou com desprezo a fidalga que pendia da banquetta vermelha como uma flôr cortada.

— É preciso que, sem escandallo, habitues teu marido á ideia de te retirares para um convento. É preciso que saias desta casa quanto antes!

Vibrante, toda num grito de paixão, a vencida de antes erguia-se agora.

— Não quero. Não quero deixá-lo...

D. Leonor, iludida, repetiu com pasmo:

— Não queres deixá-lo...

Mas o silencio frio da outra fez-lhe ver o seu engano:

— Ah! Não queres deixar o outro, o teu amante!

— ...

E a palavra insultante saiu dos lábios desmaiados da marquesa velha, enquanto a sua mão fina, aristocratica, esbofetava a face mimosa da amante do rei.

— Foi ela!

Ante o olhar torvo de D. José, cujo braço ligado á pressa pelo cirurgião mor Tavares Brandão, ainda sangrava, Teresa de Tavora lançava a acusação tragica.

— Foi ela! — Ela, a marquesa velha, a fidalga altiva que a esbofeteara e que quisera lavar com o sangue real a mancha que empanava o brilho do escudo dos Tavoras!

— Foi ela!

Tinha sido o grito da concubina ao lançar-se desgrenhada ao pescoço do rei, salvo miraculosamente do atentado da Ajuda.

— Eram três mascarados — explicava o bolieiro Custodio, tambem ferido, ao aulico Pedro Teixeira, em cuja sege o rei se dirigia á entrevis'a amorosa — vinhamos a dobrar a esquina para o arco, ao cimo da Quinta, quando eles me surdiram... eu bem ouvi o estalar das armas... larguei, mas outros atiraram a metralhada... Cães!

Acovardado o rei, abanava a cabeça numa desconfiança de todos.

— Não sei. É lá possível?!

— José, quiseram matar-te! Foi ela!... Tenho a certeza... Teem-nos tanto odio!

Cioso da sua pessoa, o monarca argumentava:

— Mas eu sou o rei... Não se atreveriam.

Porém, o ministro, chamado á pressa, aceitava como boa a denuncia louca. Sim, era o mais certo... Deviam ser eles, a instigação dos Jesuitas...

E a marquesa nova, esquecendo tudo, entregou ao seu grande amor, tentava despertar na figura apatica do amante uma centelha de carinho, mas D. José acovardado, assombrado pela audacia dos inimigos, vendo desfeita num momento a sua invulnerabilidade de ungido de Deus, deixava vaguear o olhar pelo aposento, receoso da sombra que se acoitava nos cantos ante a impotencia das velas lacrimosas do candelabro.

Serenamente, numa escritura cuidada, a marquesa Leonor de Tavora lançara no pa

pel o seu ultimo aviso para a condessa de Atouguia:

Agora chega o Desembargador João Marques Bacalhau, com ordem de Sua Magestade para me levar para as Grilhas; faze da minha parte este aviso ás tuas irmãs e cunhada; se nos não tornarmos a ver nesta vida, seja na presença de Deus. Tua mãe que sempre te amou e te amará.

A rêde tenebrosa tecida pela aranha sanguinaria abatera-se repentinamente sobre as vitimas desprevenidas. A denuncia louca frutificara e de aleivosia em aleivosia o escol da nobresa dava entrada nas masmorras do Patio dos Bichos, emquanto as mulheres e as crianças menores eram encerradas nos conventos.

Restava ela, a fidalga austera, a figura ímpoluta de aristocrata.

Em vez de lagrimas, o Desembargador encontrou um rosto sereno de rainha.

A marquesa velha ouviu com acolhimento a leitura do decreto real e erguendo alto o documento, ajoelhou com gravidade:

— Agradeço a Sua Magestade o dar-me meios tão seguros para me salvar.

E logo embrulhan lo-se numa capa alvadia entrou na sege que uma tropa numerosa escoltava... No palacio sem amos, o choro dos servos ecoou livremente num pronuncio de desgraça.

Um mês é decorrido, D. Leonor de Tavora, ajoelhada ante um crucifixo, conserva ainda no corpo as mesmas roupas que vestia quando a prenderam.

A cruel lade infame da aranha omnipotente sabia descer ás mais baixas minudencias.

Leonor de Tavora resa, serenamente, na sua bela resignação cristã... resa pelos seus, cujo destino ignora... resa, amorosamente, por todos os que sofrem naquela hora, sobre as aguas e sobre a terra... resa ao Deus bondoso, que pune o malvado e premeia o justo...

É de manhã, muito cedo, mas o Desembargador da Casa da Supplicação, José Antonio de Oliveira Machado, não pode esperar; e a marquesa veit a interromp: a oração para ouvir ler a sentença a que fora condenada numa abjecta e repugnante parodia de processo crimine. A Vice-Rainha da India fôra condenada, sem ter sido ouvida, sem ter apresentado defesa!

Ferido pela figura tragica a que se dirigiam as infamias caligrafadas no papel almasso que lhe tremia nas mãos, o Desembargador gaguejava o me lonho libelo:

— E a Ré Dona Leonor de Tavora, mulher do Reo Francisco Assiz de Tavora, por al-



D. Leonor de Tavora



Depois sentaram-na na cadeira...

gumas justas considerações (relevando-a das maiores penas, que por suas culpas merecia) a condemnão somente, a que com baração e pregão seja levada ao mesmo cadafalço, e que nele morra morte natural para sempre, sendo lhe separada a cabeça do corpo, o qual depois será feito pelo fogo em pó, e lançado no mar tambem na sobredita forma: condemnão outro sim a mesma Ré em confiscação de todos os seus bens para o Fisco, e Camara Real, comprehendendo nesta confiscação os de vinculos, que forem constituídos de bens da Coroa, e os Prazos com todas as mais penas, que ficarão estabelecidas para a extinção da memoria aos Reos José Mascarenhas e Francisco Assiz de Tavora.

D. Leonor persignou-se quando o Desembargador se calou, depois com passo leve que mais a fazia assemelhar a uma sombra, dirigiu-se ao genufluxorio, e emquanto o funcionario policial se escoava numa attitude de danado afugentado pela cruz, a vitima inocente exalou a sua tremenda angustia num soluço unico que fez sangrar um pouco mais o marfim dorida das carnes do Redentor.

É noite. A tragedia horrosa dura, ainda, apavorando a cidade com o seu clarão sangrento, com a sua fumarada sinistra, com o crepitar dos cadaveres, ardendo em conjunto com o tablado, onde a ferocidade humana fez desenvolver um dos seus mais degradantes espectaculos.

Com a face encostada ás grades da cela do Convento das Comendadeiras de Santos, para onde a relegara a tardia e covarde repulsa do seu real amante, Teresa de Tavora tenta em vão refrigerar a febre que lhe queima as carnes.

Naquele clarão se consome a sua raça... Todos... todos... O irmão, o marido, os cunhados... todos... Está só... Matou-os a todos... Foi ela que os matou...

Em baixo ecoam passos, vozes de homens, são soldados que estiveram de guarda ao patíbulo e alguns populares.

— Ela veio algemada, numa cadeirinha rodeada de soldados dragões. E subiu sem medo... Que linda que ela era! Exclamava o soldado.

E a ultima Tavora, magoando o rosto entre os varões de ferro, debruçava-se mais para ouvir, vibrando toda numa angustia amarga de ver até ao fundo o seu abismo de ignominia.

— Ajoelhou aos pés do padre e confessou-se, depois o verdugo mostrou-lhe um a um os cutelos, as marretas e as

rodas que haviam de servir para os outros...

A voz roufenha de ouro, interrompeu, tremula e emocionada:

— Ah! raio! isso não se faz, sempre era uma mulher!

Um silencio glacial acolheu a indignação do homem; a vaga do medo rolava por todas as vielas, a teia da aranha tinha ramificações por toda a parte. Depois, com pressa,

desejoso de acabar, o soldado continuou:

— Depois sentaram-na na cadeira e amarraram-na com cordas, só então é que o verdugo a degolou... E que branca que ficou a cabeça, parecia de cêra...

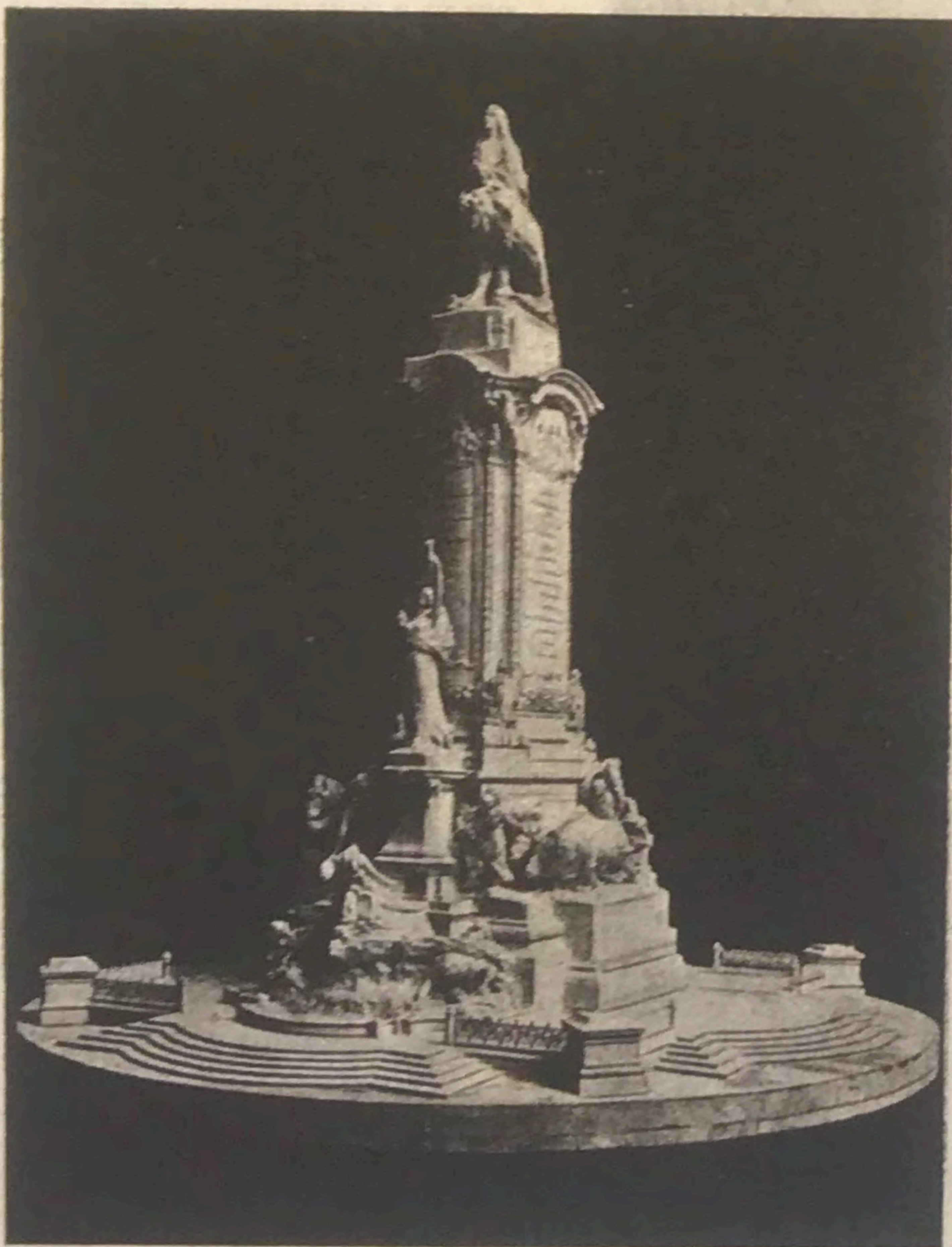
A marquesa nova fôra recuando da janela, vendo com os olhos dilatados pelo terror a scena descrita pelo soldado, ao topar com o leito deixou-se cair, chorando desoladamente, como choraria a criatura a quem um cataclis-

mo arrebataste todos os seus semelhantes... Teresa de Tavora estava só no mundo... Um frio intenso lhe vinha agora ao coração... Uma angustia torturante lhe subia á boca numa ansia de morte... Um meio indizível atravessava-lhe os ossos... Com um grito estridulo que desperou as feiras, a marquesa nova fugiu de uma triste cabeça decepada, em que a mão do verdugo deixara a mancha de uma bofetada.

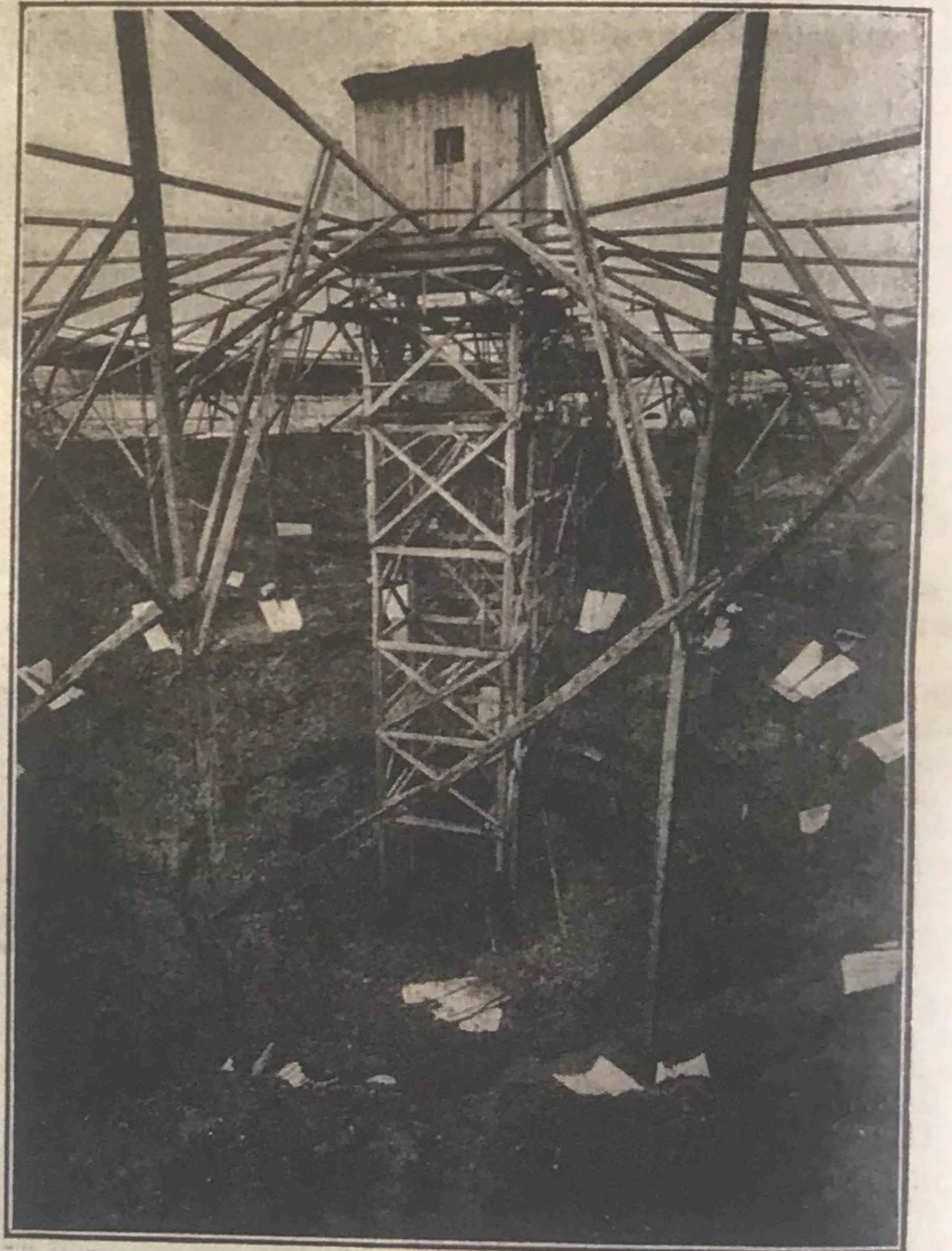
O MONUMENTO

A O

MARQUEZ DE POMBAL



A maquette do escultor Francisco Santos e do arquiteto Adães Bermudes

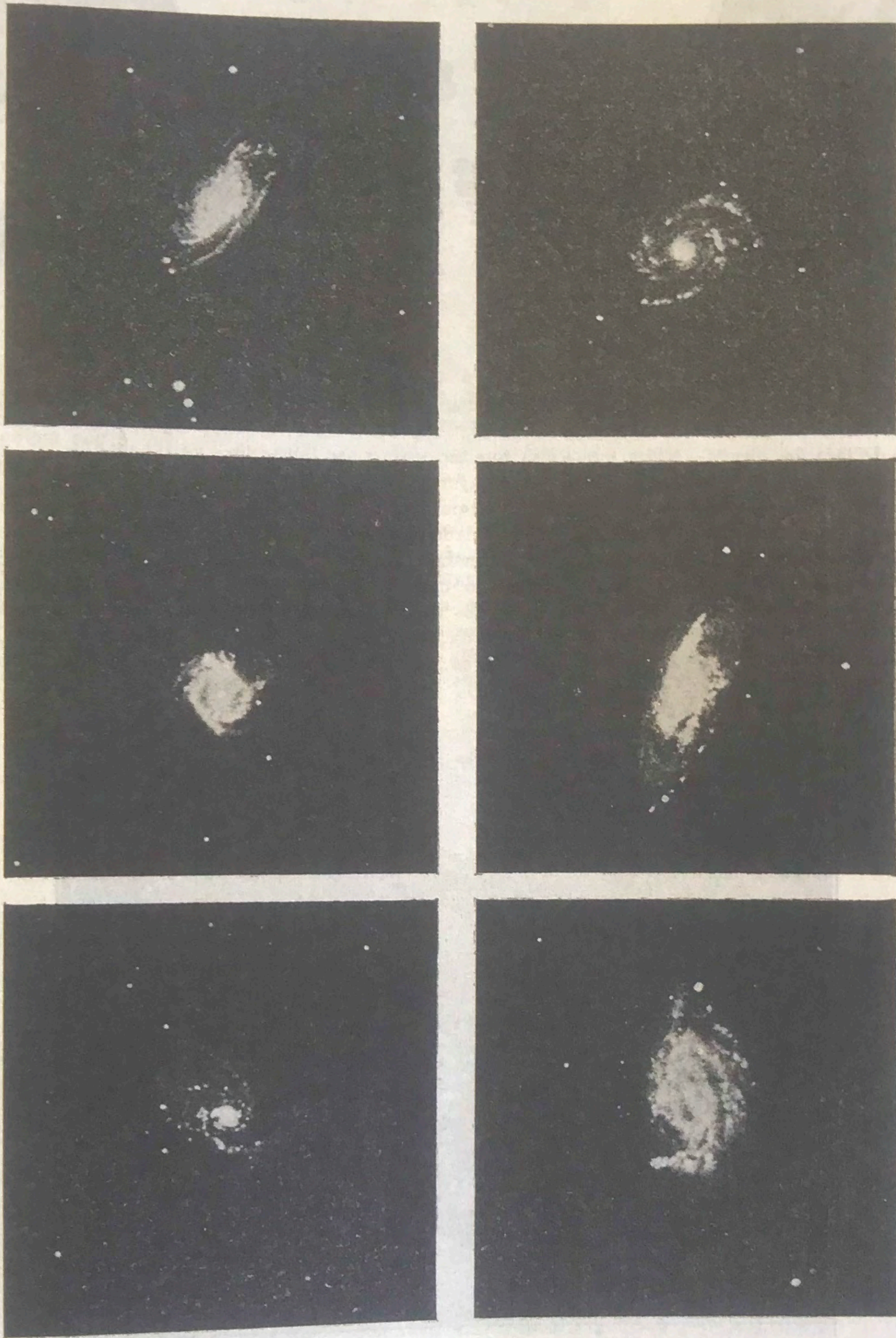


Um aspecto dos caboucos destinados ao monumento pombalino

A abertura dos caboucos do monumento pombalino, representa um curioso trabalho de escavação, raro na historia do sub-solo lisboeta visto que se teve que procurar a 17 metros de profundidade a rocha que, por uma pirraça do acaso, baixa bruscamente de nivel a partir do Parque Eduardo VII, onde aflora.

A terra removida, fruto dos aterros realizados após o terremoto de 1755, contem alguns curiosos exemplares de moedas da epoca.

A g é n e s e d o s m u n d o s



ENTRE os objetos celestes que solicitam a atenção dos observadores, são muito notáveis as nebulosas, massas gazosas cujo volume é milhões de vezes superior ao das estrelas. Algumas são vizíveis a olho nu, porém a maior parte são telescópicas, e dentre as variadas formas que revestem, a mais vulgar é a de espirais luminosas separadas por espaços mais escuros e que, por isso se dizem *nebulosas espirais*.

Admite-se, hoje, que a evolução estelar se faz a partir dessas nebulosas, que dão origem a estrelas de grande volume e temperatura crescente até um máximo, atingido o qual, a estrela vai resfriando e diminuindo de volume.

Segundo alguns autores, é destas nebulosas que proveem os diversos sistemas siderais e até mesmo o nosso sistema solar.

[A nossa gravura, reprodução de clichés obtidos no Observatório de Lick, foi gentilmente cedida pelo ilustre professor da cadeira de astronomia da Faculdade de Ciências de Lisboa, Dr. Ismael dos Santos Andrea].

E U R O P A

MAGAZINE MENSAL

DIREÇÃO E EDIÇÃO DE JUDITH TEIXEIRA
SECRETARIO DE REDAÇÃO JOSÉ ADOLFO COELHO

Propriedade da editora do Magazine Europa

P.P.
5446

S U M A R I O

NOVELAS E CONTOS

- A loucura de Lady Mac Russel
por Julião Quintinha. Ilustrações de Bernardo Marques.
- Mataram o Duque!
por Reinaldo Ferreira. Ilustrações de Jorge Barradas.
- As duas marquêsas
por José Adolfo Coelho. Ilustrações de Jorge Barradas.
- A Guerra do Futuro
por Phantasius. Ilustrações de Rocha Vieira.
- Mais um Padre-Nosso pelas Alminhas do Purgatorio
por Carolina Homem Cristo. Ilustrações de B. Marques.

REPORTAGENS

- A 5.^a Arma
ilustrada com 9 fotografias.
- Um cinema moderno
- ARTIGOS, VERSOS, ACTUALIDADES, ETC.
- Elogio do Chiado
por Antonio de Certima. Ilustrações de Jorge Barradas.
- A génese dos mundos
- Como se toma chá em Lisboa
por Reinaldo Ferreira. Ilustrações de Jorge Barradas.
- O fundo do mar
- Bugigangas
por Victor Falcão. Ilustrações de Bernardo Marques.
- O Salão de Outono
Quadros de Almada Negreiros, Antonio Soares, Eduardo Viana, Jorge Barradas e Mario Eloy.
- A situação desportiva
por Felix Bermudes.
- Toiros e Toiradas
por Motta Cabral.
- O misterio dos bastidores
ilustração de Cunha Barros.
- A Ideia
soneto de D. Maria Isabel Gamito.

TEATRO

- Projéto de um teatro moderno
de José Pacheco.
- O Teatro Novo
- Antologia teatral

FILMS

- Busto
escultura de Diogo de Macedo.
- Lisboa a vôo de passaro
clichê de Serra Ribeiro.
- O monumento ao Marquês de Pombal

- Capa
de Jorge Barradas.
- Clichés
de Mario Novais

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA DE "O SPORT DE LISBOA,"



NeB 1929731



Toiros e Toiradas



A' guiza de legenda, tomará o leitor esta declaração formal, condição unica que a minha pena exige, quando por acaso solicitada: as doutrinas e opiniões expandidas nesta secção são de inteira responsabilidade de quem assina e para si quer arrogal-a, em absoluto. A irresponsabilidade é um factor de fraqueza, o subterfugio e a artimanha são sintomas de covardia mental.

A' medida que a occasião ditar os assuntos, aqui tratarei, d'alto, o sentido expressivo do toureio, sua evolução e estado actual, nas suas relações com ganadarias, modos de lidar com toiros em campo, meios de selecção, escolas de toureio, publico e suas assistencias, etc., etc.

A ultima epoca tourina agitou, com força, entre nós desuzada, a velha questão da morte dos toiros em lide, como a logica manda e tudo mais indica. Claramente, o publico que vae ás toiradas mostrou que a queria; mas os professores de instrução primaria afligiram-se, temendo ter de ensinar praticamente aos rapazes a lidar um garraio; a liga (soi-disant!) das mulheres portuguezas choramingou a morte dos boisinhos; alguns teosofistas, numa retorica bombastica, ligaram, na transmigração das almas, os homens com os toiros e receiam, certamente, numa baralhada final, uma confusão de craneos e cornos, que endoideça o mundo; a protectora dos animaes entou mais duas lamechiches repizadas e sindicatos operarios houve que supozeram, quicá, que o facto os obrigaria a trabalhar. . . Podia-lhes dar para

peor! e até parecem convencidos todos de que são ótimas pessoas!

Ha uma coisa que me tenta e, se Deus quiser, em oportunos vagares, farei ainda: é um estudo comparativo, por meio de estatistas officiaes, da criminalidade dantes e depois que em Portugal se não matam toiros.

Estou de ante-mão convencido de que as palavras dos paladinos das *ideias-novas*, pregadores da asneira e da egualdade é que teem recordado na turba os instinctos de canibae



que as pistolas e as bombas todos os dias afirmam. . .

Uns por obsecados, outros por ignorantes, o certo é não haver muito quem não veja na toirada mais que uma diversão vulgar, como outra qualquer, facilmente substituivel. Purissimo engano é esse, snrs. sabichões de taboada! rematada idiotia de iconoclastas inconscientes! A ethnica dos povos usa ter uma figuração simbolica do character colectivo. E', como expressão, uma consequencia d'ele: não

é esta quem forma^o ou [modifica] aquele. E o que é que melhor realça a altivez impulsiva do peninsular, guerreiro e galanteador, que a lucta aberta com a fera nobre e leal, musculosa e ingenua, nas fases vigorosas do toureio, realisando o myto da victoria do homem sobre as hostilidades do meio? Nada, creio eu. Para que assim não fosse, necessario seria que no povo não existisse já o mais leve vestigio do espirito batalhador que a Portugal deu origem. Depois, o toiro é um animal cuja indole tem fóros de nobreza que lhe merecem morte diferente dos bois de campo e dos outros animaes que o homem soe de matar para comer, do mesmo modo que ao heroe coberto de gloria por se haver batido ou exposto nobremente, não vai bem a morte num desastre banal de que seja susceptivel qualquer chóchinha ou burguez pacato. Demais, creando-se o toiro para morrer por uma exigencia do estomago porque não dar-lhe a morte em lucta para recreio do espirito?

Atravez dos seus oito seculos de existencia, Portugal nunca deixou a festa peninsular que as tentativas de prohibição, todas relativamente recentes, tem reavivado, reacendendo por ella a paixão popular. Logo porrem que o constitucionalismo começou de amolecer os costumes, com formulas estrangeiras como ele, numa atmosfera de indiferença com toda a feição de abastardamento, a toirada não fugiu á moleza geral e deu no arremedo covarde das embolações: como consequencia, com sacrificio do animal, deixou este de morrer na liça, para seguir do matadouro para a porta do talho. Sem a morte dos toiros em pleno rondel, não se podem correr toiros em pontas, por obvias, axiomaticas razões; passam então

ao invés todas as vantagens para o lado da força bruta, a que successivas corridas irão dar novas defezas, e a toirada será uma chacina inevitável de toureiros. Não pode ser! O publico já não acorre por infastiado a corridas de entrudo, dêem-se-lhe espectaculos, a serio; mas até ao fim, como o mais elementar raciocinio impõe, como noutros tempos havia em Portugal, como ainda se realizam na cavalheirosa Espanha, como se praticam no sul da França, como o genial Mussolini os manda celebrar em Italia!

Nos dois ultimos paizes importa-se desde o gado até ao moço de estoques, Em Portugal, com

o Ribatejo a crear manadas, com quatro ganaderos associados, faz-se da festa do sol e da raça um quadro de opereta, porque alguns



cloroticos desmaiam de ver o animal tombar com as arterias abertas pela estocada até que, em *coup-de-graça*, a *puntilha* certa lhe intercepta a medula, no nó vital, paralisando-o para sempre... E toda esta gente bondosa, se regala a comer carne, sem lhe importar como morrem as victimas! Grande parte dela morre por matar na caça; outros ainda, por dá cá aquela palha, são capazes de matar um semelhante...

Não concebo que se lidem toiros sem morte, Eis o motivo porque inicio a colaboração no magazine — *Europa* — ferindo a pedra de toque que suponho culpada da decadencia aviltante do

espectaculo peninsular, entre nós, e a que bem pode ligar-se o muito que por ahi ha de mau em materia de toiros e] toiradas.



(Clichés de José Wan-Zeller Palha)

MOTTA CABRAL



A loucura de Lady Mac Russel

Novela por Julião Quintinha

Ilustrações de Bernardo Marques

LADY Alice Mac Russel, aquela encarquilhada inglesa já popularíssima nas ruas da capital, e até ultimamente perseguida pela chusma do rapazio que, entre vaías e apupos, lhe chamavam *a miss maluca*, entrou ontem num hospital de loucos.

Quem a visse, rojando saias disformes de desbótas cachemiras, os pés sancolejando dentro de bótas de elastico, sombrinha verde sob o braço, enormes e destemidos chapéus de palha com fitas côr de rosa—toda ela *vitrine ambulante* das prendas que lhe davam por esmola, não diria—de certo—que essa Lady

Alice descendia duma das famílias mais nobres da Escócia. E muito menos poderia distinguir, atravez desse manequim desengonçado, a famosa beleza da sua mocidade, quando ela fôra a protagonista das mais belas aventuras d'amor, um motivo para poetas e soberbo pretexto para pintores.

Ninguém—oh não!—diria ao olhar seu rosto engelhado, em manchas côr de romã, as madeixas de cabelo como estopa amarelecida, o ar humano inteiramente extinto—toda ela especie de planta exotica já grelada, com qualquer coisa de vegetal—que havia sido das mais belas mulheres de ha quarenta anos,

e requestada por artistas, aristocratas e banqueiros.

Contudo, no seu colo de jaspe, tantas vezes cubiçado nas noites de Opera e recepção, até desfalecera de amor um principe, que depois foi rei. E a sombra juvenil da Lady, algumas vezes passara enlaçada por aristocraticas mãos ante os discretos espelhos das alcovas reaes...

—Minha tristissima Lady, ridicula e mendiga!... —Como se lembrará ela dos seus tempos de esplendor!...

Que imensa piedade, ao vê-la hontem passar, na sua mansa loucura, ao colo dum guarda—os olhos apagados como duas lampadas

exaustas, um fio de baba escorrendo da boca, soltando vagidos de creança, e a roupa desalinhada a mostrar a carne nua...

Como é possível que aquele espectro de miseria seja a mesma Lady que pousa as mãos palidas e azues no espaldar de veludo vermelho duma cadeira brazonada, neste retrato precioso assinado por Fawiers, o pintor inglês?!

Tenho-a presa aos meus olhos—nessa tela que foi a ultima coisa que vendeu para matar a fome—o corpo minuscuro, quasi enterrado entre as pregas amplas de sedas e brocados, o braço nu mordido por serpente de ouro que se enrosca num bracelête, a cabeçita loira metida num toucado de rendas e plumas, que atava sob o queixo—toda ela num ar fresco, côr de rosa, floril, como certas figuritas que veem debuchadas nas tampas daquelas bocetas antigas de madreperola, onde se guardam segredos, joias e perfumes...

E em frente desse retrato—em cujo rosto um sinalito preto, picante como baga de pimenta, entorna uma malicia discreta e pecadora, e onde a boquita vermelha é humida flor sensual aguardando a enamorada abelha—eu penso, apiedado, na fragil coisa que é o orgulho da vida. E cismo nas ultimas lagrimas que a pobre Lady teria secado, olhando a sua figura, tal como aquela cortezã desdentada que ia chorar a sua beleza perdida aos pés das estatuas nuas a que, na mocidade, servira de modelo...

* * *

Lady apparecera em Lisboa talvez ha uns setenta anos, pelo braço do seu marido, hieratico e impertinente plenipotenciario inglês, que poderia ser seu avô.

A sua hierarquia abria-lhes as portas de palacios e salões, onde ela passara a sua sombra nobre e esquiva. E desses vespereiros de intriga que eram, ao tempo, os serões aristocraticos de Cintra, Bemfica e Queluz, saíra sempre incolune a sua reputação.

Ao vê-la, loira e primaveril, pelo braço do velho inglês, severo e sombrio, lembrava delicada trepadeira animando a aridez dum pinheiro bravo...

—Será possível que não tenha um amante? —dizia-se em ar de censura grave...

—?!...

Mas ela seguia na sua tremula graça triunfal, qual pequenina Diana aureolada de beléza e castidade.

Uma noite, porém, num dos derredores e faustuosos bailes de mascaradas do marquez da Foz, cujas noticias de esplendor chegavam a todas as côrtes da Europa, por entre esse tumultuar elegante de sedas, rendas, lhamas, pedrarias,

fardas consteladas e casacas de setim, alguém viu, por denuncia dum espelho, que uma misteriosa japoneza de kimono de seda azul bordado a ouro, consentia que um jovem, vestido á moda de Aragão, beijasse as suas mãos... além da etiqueta...

Dahi a pouco, de boca em boca, muito em segredo, corria que a japoneza, de boquinha escarlate e cabelos perfumados, era Lady Alice Mac Russel, e o joven, de veludo negro e cinta vermelha, o principe D. Luiz...

Poucos tempos, depois, para os lados de Bemfica, onde o ministro inglês tinha o seu palacio, notou-se que, altas horas, um vulto estranho rondava... E certa madrugada, o proprio diplomata expulsou esse vulto a tiro, verificando que o ferira, porque algumas manchas de sangue ficaram na areia do jardim...

Alguns dias decorridos, o ministro era chamado, urgentemente, a Londres e transferido para uma legação do Oriente...

Precisamente nessa epoca o principe real estivera vinte dias de cama gravemente enfermo — dizia-se que duma queda que dera em Cascais, dum cavalo desbocado...

E Lady Alice?!...

—Lady, divorciada do marido, quasi expulsa pela familia, viera incognita para Portugal. Aqui construiu seu ninho de amor num velho palacio da Junqueira, dando toda a sua odorante e graciosa mocidade aos jovens ardores desse principe real.

Mas D. Luiz casara-se. E não tardou muito que a pobre escoceza fôsse implacavelmente perseguida por o mais feroz ciúme de mulher e de italiana...

Depois dalgumas entrevistas clandestinas, a que tiveram de pôr termo porque o principe era escandalosamente vigiado, a pobre Lady recolhera-se a um convento do Porto, onde vivia rodeada de atenções, graças á sua fortuna e aos favores reais.

Mas a clausura era grilhão inconcebível para sua ardente mocidade; e um dia, rompendo preconceitos, ela veio a cair nos braços dum visconde valdevinos, vulgar galanteador que, depois de alguns anos dum porte de baixo *souteneur*, a abandonou as portas da miseria, sujeita a deselegantes aventuras...

Expulsa pela familia, que a considerava morta, deserdada, esquecida pelo real amante, ela soube sofrer numa doce resignação, o seu isolamento.

Poz termos ás aventuras e decidiu-se a trabalhar — foi professora, *nurse*, uma simples *miss* Alice, como outra *miss* qualquer...

No trabalho ela esqueceu a mortificante saudade da sua infancia de esplendor, as graves pessoas, as lindas coisas do seu paiz natal, e pelos collegios, e por casas particulares, foi a *bonne*, a *institutrice* ideal, a mestra querida de milhares de pequenitos, baminos felizes, a quem ela, muito fresca e resignada, ensinara, em inglês, a dizerem, graciosamente: — *Father, Mother* — papá, mamã...

Um dia surgiu a velhice e passou a ser menos procurada, mantendo-se com as sobras das coisas preciosas que tinham escapado ao vendaval que sacudira a sua vida...

A's vezes, já velha, se encontrava nas ruas um desses rapazes a quem servira de *institutrice*, escondia-se nos patios para os não incomodar na sua miseria. Mas se acaso eles a viam e corriam a afaga-la com um sorriso, com um carinhoso cumprimento de ternura, logo ela, nos seus desbotos veludos e vidrilhos antiquados, se apressava, com uma lagrima entre as palpebras rugosas, declarando sorridente:

— A *miss* está boa... muito boa, meninos... — *I am very well, yes, very well*...

E ficava-se a vêl-os desaparecer, lembrando-se da sua mocidade, e dos cuidados que lhe davam, quando pequenitos corriam através de jardins e parques, cabelos ao vento, bibes a esvoaçar...

Chegou assim á loucura, uma loucura mansa que ela arrastava pelos jardins, sorrindo ás creanças, mergulhando as magras mãos nos lagos, limpando as rosas e fazendo grandes dialogos com as flôres...

* * *

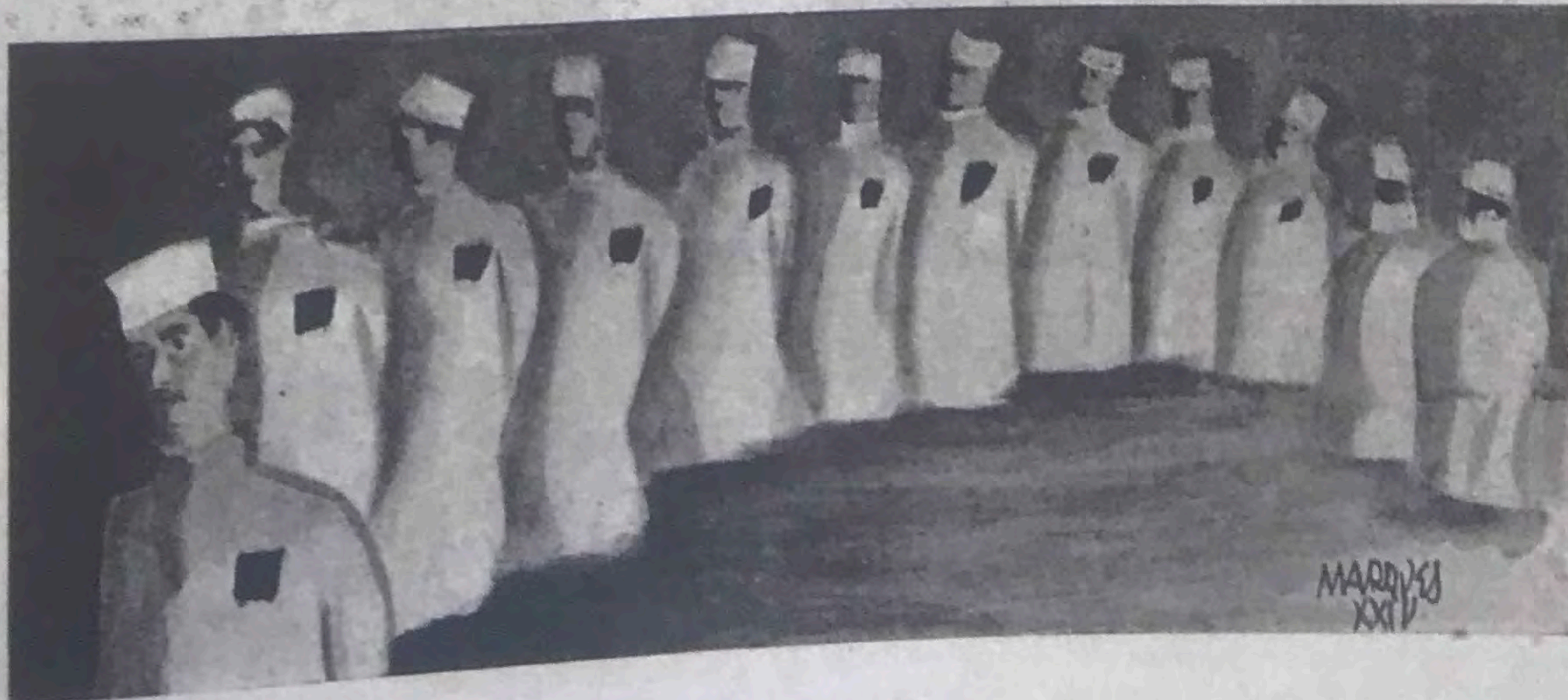
Pobre Lady Alice Mac Russel! — amante de principes, filha de lords, acabar assim, abandonada, num catre de mendiga!...

Até parecia coisa de romance, essa dela ter sido a mulher respeitada dum conde diplomata, rojando sedas e rendas nos salões e corredores de embaixadas, e vir agora acabar assim, humilde e pobresinha, sem alguem para lhe enxugar uma lagrima — e tão distante dos lagos da sua Escocia, do seu paiz natal...

— Tão longe — Lady Alice! — tão longe esses tempos em que uma rainha empalidecia com ciúmes da sua beleza, e os homens seguiam no rastro do seu perfume, rendidos pela graça perturbante do seu corpo de neve e rosa...

E' bem certo que todas as grandezas são efemerias! E que no mesmo pó, no mesmo nada, acabam as mais lindas coisas da Vida!...

Que ao menos,



na loucura branda que anestesia seus últimos dias, ela não sinta sequer um espinho de remorso, uma imagem de delírio, a perturbar-lhe o derradeiro momento em que o beijo da morte arrefecer o seu coração! Que

essa loucura, ao menos, lhe dê a ilusão que ainda vive, jovem e respeitada, nos castelos da sua Escócia longinqua, ou lhe traga á memoria as horas serenas e descuidadas em que, atravez de jardins, corria atraz das bor-

boletas, com aqueles doidos pequenitos, cabe-los ao vento, bibes a esvoaçar — aqueles loiros babinos que já não a conhecem, e a quem ela ensinou a dizer papá e mã... .

SALÃO D'OUTONO



Quadro de José d'Almada Negreiros

TEATRO



Ruth Page

RUTH PAGE, a admiravel bailarina inglesa que se exhibe no Alhambra de Londres



Rodolfo Valentino, o creador dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, no tango argentino



Duas criações de Florencio



Florencio, o bailarino português



Estrela da opereta e estrela do volante



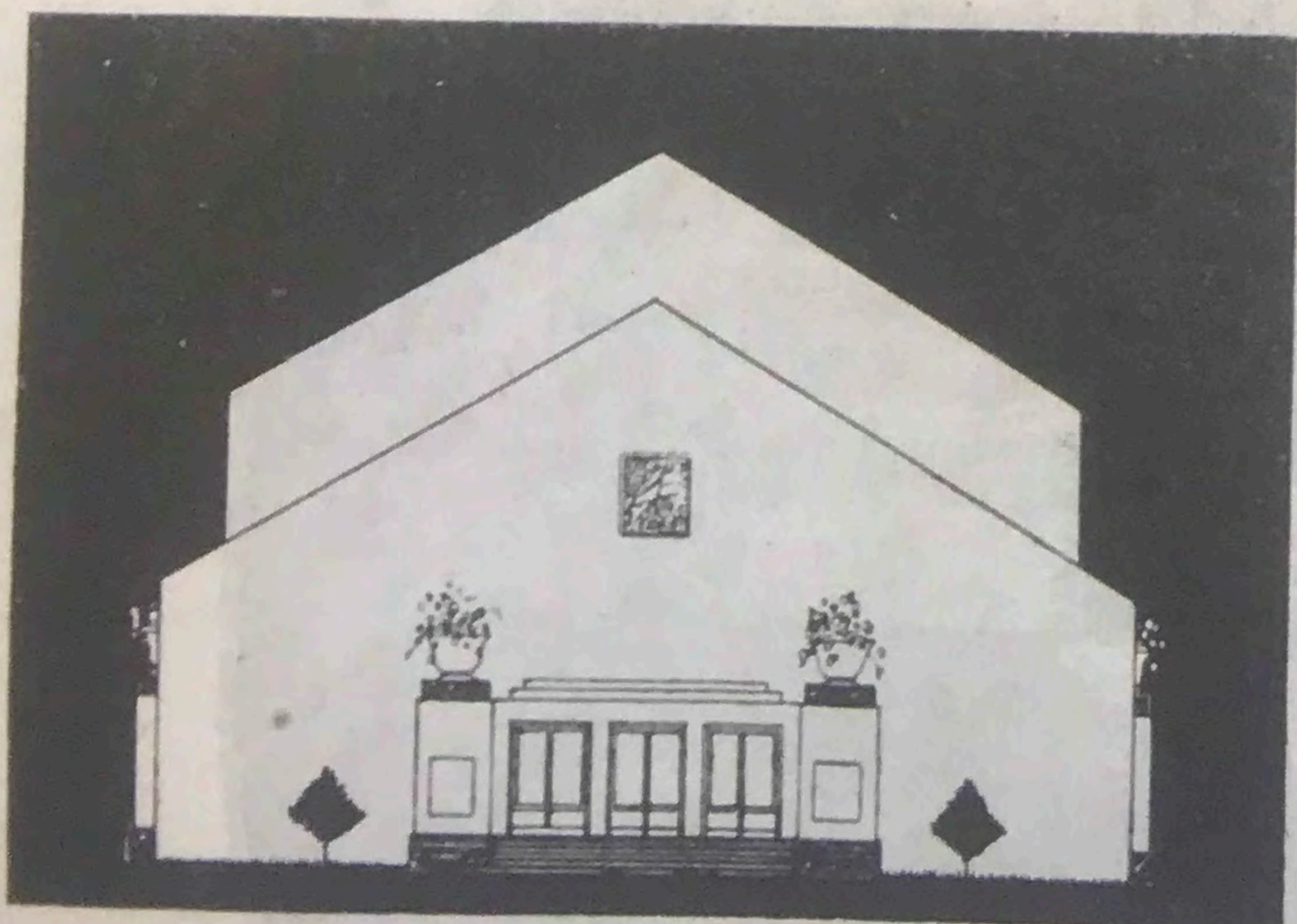
Alice Hechy, a rainha da opereta alemã



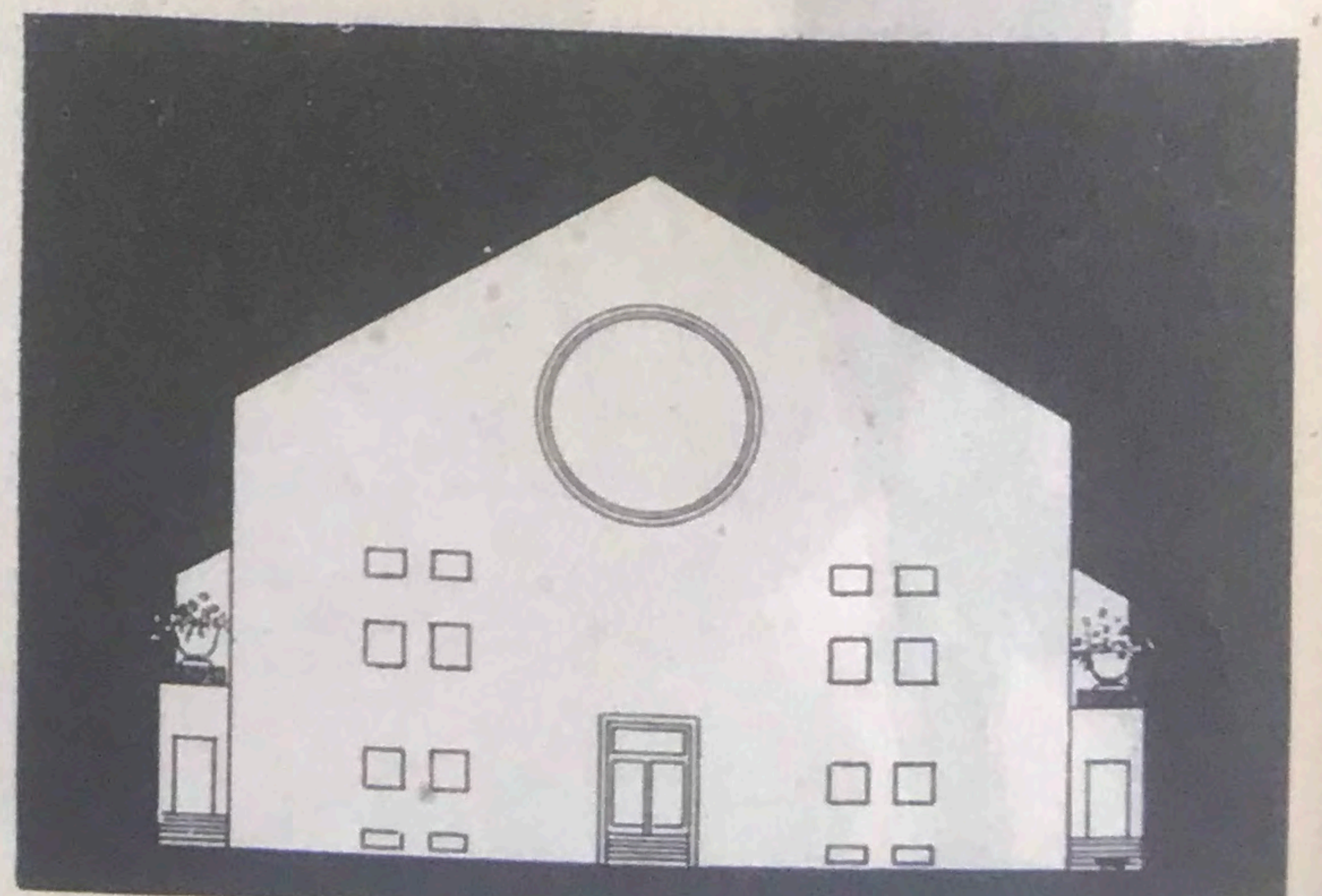
A bailarina exótica Edmonde Guy

PROJECTO
DE
UM TEATRO MODERNO

Do Arquitecto **JOSÉ PACHECO**



Fachada Principal



Fachada Posterior

ANTOLOGIA TEATRAL

Humanidade

Triptico dramatico original de J. Adolfo Coelho

1.º acto — A Miséria — Scena IV

A Velha e a Rapariga submersas na atmosfera pesada do turgurio, absortas na mesma ideia, dialogam em voz baixa, pronunciando apenas fragmentos das frases que meditam.

A VELHA — Então sempre é certo ?

A RAPARIGA — E'.

A VELHA — Bonito serviço.

A RAPARIGA — Que se lhe ha-de fazer !

A VELHA — Para tudo ha remedio, menos para a morte.

A RAPARIGA — Ha-de crear-se como os outros.

A VELHA — Estás muito rica !

A RAPARIGA — Nem mais nem menos que as outras que os teem ás ninhadas !

A VELHA — Põe os olhos n'aquela e vê se te agrada.

A RAPARIGA — Ele me ajudará.

A VELHA — O pai ? Em sabendo bate as asas.

A RAPARIGA — Não ha-de ser assim.

A VELHA — Eu que t'o digo é porque sei.

A RAPARIGA — Não se meta a adivinhar !

Uma pausa

A VELHA — E depois, não ha perigo.

A RAPARIGA — Em que ?

A VELHA — E' um cosimento. Não custa a beber.

A RAPARIGA — Fazer-me abortar ? Isso é um crime !

A VELHA — Lérias !... Precisas livrar-te da arriosa.

A RAPARIGA — Matar um inocente !

A VELHA — Ainda não tem alma.

A RAPARIGA — E' meu filho.

A VELHA — Tambem o é do pai, e ele quere.

A RAPARIGA — Não me importa. A mim é que me doi.

A VELHA — E' uma prisão.

A RAPARIGA — O mundo é grande !

A VELHA — Para os ricos !

A RAPARIGA — Já o sinto mexer.

A VELHA — Ainda é tempo.

A RAPARIGA — Não quero !

A VELHA — Não sabes o que é a vida.

A RAPARIGA — Não sou menos que as outras.

A VELHA — Os ricos não teem filhos.

A RAPARIGA — Não quero ser rica !

A VELHA — Podes sel-o.

A RAPARIGA — Lérias !

A VELHA — Uma mulher bonita é um valor.

A RAPARIGA — Melhor p ra o anjinho.

A VELHA — Com o tropeço não sobes.

A RAPARIGA — E' a minha carne.

A VELHA — Precisas de ser livre.

A RAPARIGA — Já o não sou.

A VELHA — Ele te deixará, quando não puderes trabalhar.

A RAPARIGA — Não o conheces !

A VELHA — E' homem.

A RAPARIGA — Gosta de mim.

A VELHA — Tambem gosta de subir.

A RAPARIGA — Trabalhará.

A VELHA *ri-se* — O trabalho não engorda. Ele é esperto.

pausa

A RAPARIGA — Tenho tonturas.

A VELHA — Não sejas tola.

A RAPARIGA — Escusa de teimar.

A VELHA — Vi ontem o doutor.

A RAPARIGA — Já vai em cinco meses.

A VELHA — Não se esqueceu de ti.

A RAPARIGA — Que m'importa.

A VELHA — E' rico.

pausa

A RAPARIGA — Ele hoje não foi á officina.

A VELHA — Nem ontem, nem antes d'ontem.

A RAPARIGA — Que sabes ?

A VELHA — Foi despedido.

A RAPARIGA — Pouca sorte !

A VELHA — Se eu te digo.

A RAPARIGA *com violencia* — Não !

MATARAM

O

DUQUE!

NOVELA POR

REINALDO FERREIRA

Ilustrações de

JORGE BARRADAS



DO gasolina que me conduzia para bordo, o *Polard* — o babilônico transatlântico inglês — parecia o palácio de um sultão imergindo das águas do Bósforo.

Icei-me por uma escada que levava á terceira classe. Uma multidão rija e barulhenta, de rostos espantados e olhos fitos na ambição das terras de além-mar, dificultava-me a passagem. Tive de empurrar, de pisar. Insultaram-me em varios idiomas.

Pouco a pouco o scenario melhorou... Comecei a atravessar corredores alcatifados, salões recheados de *maples*, falsos *halls*, onde havia palmeiras dentro de vasos gigantescos a evocar paisagens tropicais.

Eu ia entrevistar... Quem? Um presidente de qualquer republica que regressava á America depois de se pavonear pela Europa, para adquirir estilo e poder *epater* as oposições no seu parlamento caricato de *lá-bas*...

Um criado japonês dignou-se atender-me. Dei-lhe um bilhete de visita. Pouco depois voltava dizendo-me que Sua Excelencia estava conferenciando com o consul — e eu que esperasse. Mergulhei num *fauteuil*, fôfo como algodão em rama e dispuz-me a esperar.

Para passar o tempo, fui examinando o salão. Proximo de mim havia um

grupo, cercando um orador. O orador era um moço, alourado, cabelo bem *pompadé*, cara sêca e angulosa, esca-nhoadá até á derme; olhos azuis, duma tinta brilhante que parecia humedecer continuamente a iris. Era magro, mas sob o *smocking* advinham-se as curvas viris duma musculatura exagerada. No seu porte, no seu trajar, em todo ele era evidente o conflito travado entre uma ascendencia plebeia e a adaptação recente a uma elegancia *yankeesada*, de catalogo de alfaiate ou de cartaz de cinema.

A sua volta, escutavam-no, fascinados. Um artista de genio sob a ribalta, um orador de poderes hipnoticos, na sua tribuna; ou um profeta, com influencia divina, não teria um auditorio mais atento...

Eram cinco... Deviam vir de terra, porque todos estavam de chapéu. Não pestanejavam, não respiravam quasi — de bôca entre-aberta... E á medida que o outro ia aquecendo o tom do discurso, os ouvintes, como que sugados pela sua eloquencia, aproximavam-se, estreitando cada vez mais o circulo que desenhavam em seu redor.

Seriam estrangeiros, pela certa, e só um deles — o que se sentava precisamente de costas para mim, não me era desconhecido. Jorge Solis, creio que se

chamava — fôra-me apresentado, uma noite, no Hotel de Inglaterra, por um grego.

A scena despertou-me a curiosidade e apurei o ouvido. O orador falava em alemão — embora, no arranhar da pronuncia se percebesse que não era esse o seu idioma. Adoptara-o naturalmente para que só a sua gente o entendesse. Não tinha contado comigo...



...— A's nove em ponto entrei no Palace — começou ele. Era a hora da chegada do expresso de B... Trazia como bagagem uma unica mala bem estampilhada com as etiquetas de varios hotéis de Paris,, Londres — e até de varias cidades do norte.

«Cheio o boletim da policia, subi ao meu quarto para pôr o *smocking* e desci ao *grill-room*. Era quinta-feira — jantar americano, com o batuque do *jazz-band* e pessoal das legações. Quis imediatamente integrar-me no ambiente, e mettendo conversa com o vizinho da mesa em frente consegui que me apresentasse a uma mocinha morena, «mulher vampiro», como está em moda, flexivel, estreita, sem ancas, quasi sem peito. Entre os filetes de pescada, como molho

tartaro, e o *rumestek*, bailamos dois tangos e um *fox-trott*.

Terminado o jantar, subimos ao *hall* espaçoso como um circo. Um sexteto vienense, de polacas vermelhas, nos aguardava. Gente de fora, gente de outros hotéis menos animados tinha vindo para ali. Não quis perder o meu par. Sabe Deus se teria possibilidade de encontrar outro.

Na apresentação precipitada que nos tinham feito, ouvira apenas dois nomes próprios: "Maria Luisa". Ignorava então com quem estava bailando. A sua *toilette*, parisiense, d'um tecido *argenté* que punha reverberações em todos os seus movimentos, candenciados, ritmicos, perversos — tornava-a tentadora, mas em nada me ilucidava. Estava só. Só jantar agora no *hall*. Mas com todos falava; os homens tratavam-na com intimidade e as mulheres beijavam-na com certa reserva respeitosa.

Vamos nós no terceiro tango, quando no *hall* começou a assoprar o vendaval da tragedia... Uns oficiais que tinham entrado ultimamente, com cara de caso, começaram a cochichar segredos, desenhando grandes gestos. Os que não dançavam foram-nos cercando — e a multidão engrossou por tal forma à volta d'elles que era impossível, aos tanquistas continuarem as suas reviravoltas. Por fim, um dos que estiveram escutando os militares, saindo do grupo, gritou para o sexteto:

— Calem-se!

A sua voz cheia de tremores nervosos, ficou vibrando, no silencio que se lhe seguiu. Todos os dançarinos suspenderam o bailado e aproximaram-se do grupo.

— Que seria? pergunta Maria Luisa, affectando certa indiferença.

Para a servir, corri a informar-me. Voltei pouco depois, já ilucidado:

— Uma desgraça! exclamei, adaptando-me ao ambiente, que era de pânico e de terror... Mataram o Duque.

— Como?

— Assassinarão o Duque de Belardo, o presidente do conselho...

Maria Luisa cambaliou. Uma palidez violenta triunfara da propria maquilhagem e parecia aguar os cremes e os carmins.

— Que tem? Está doente?

— Por favor... Leve-me para o salão. Asfixio...

Dei-lhe o braço e assustado conduzia a um salãozinho, forrado de verde, que existia ao lado do escritorio. Sentou-se n'um *recamier* e durante alguns instantes, a sua mãozinha de unhas polidas, recortadas, pequenas palhetas cor de rosa, ocultaram-lhe os olhos. Não quis perturbal-a e esperei que a crise terminasse.

— Pouco durou. Ao descobrir de novo o rosto, as suas iris esverdeadas estavam brilhantes e febris.

— Está melhor?

— Estou... Obrigada...



E depois, esboçando um sorriso, acrescentou:

— Perdôe-me... Mas é que o Duque de Belardo era um velho amigo da minha familia; conheço-o desde que me entendo; creio mesmo que brinquei sobre os seus joelhos.

E suspirando, aclarou:

— Mas não é a perda de um amigo que me faz sofrer. E' que todos nós tinhamos depositado no Duque todas as nossas esperanças. Era um homem de rara energia e travara a batalha definitiva contra a escoria que ameaça esfumar o trono, destruir toda uma casta e implantar não sei que sangrenta utopia. Morto o Duque — não sei, palavra, quem poderá remar contra a maré...

E procurando um apoio, uma ilusão, insistiu, fitando-me nos olhos:

— Não é assim?

Sorri-me e expliquei:

— Não posso responder: sou quasi um estrangeiro.

— Sim?

— Vivi quinze anos na America e ha dois que faço de vagabundo pela Europa sem ter grande curiosidade de voltar á patria...

— Tambem eu tenho planeado uma viagem por ahi fóra, Suissa, Italia, talvez os Balkans... Os passaportes já estiveram tirados. Quer ver?

E abrindo o seu sacco de seda, exhibiu uma folha de papel, salpicada de carimbos e rabiscada de assinaturas. A um canto, havia duas fotografias: a dela

e a de um homem, novo ainda. Mas Maria Luisa, no nervosismo em que estava, apenas me deixou ver, dum relance, o documento.

— Já vê... Agora, quem pensa sair daqui — sobretudo quando se tem qualquer coisa a guardar... e não se pode levar consigo... Sabe-se lá o que será o dia de amanhã.

A curiosidade picava-me a garganta, como um acido:

— "E... ia fazer sosinha essa viagem?"

— "Não."

E como se tivesse presentido a natural inten-

ção da minha pergunta, agregou:

— "Ia com meu irmão mais velho... — capitão de *hussards*. É com ele que viajo sempre."

Nesse instante o salão era invadido por varios individuos. Rostos congestionados ou palidos, olhos esgaziados.

— "Canalha!!!"

— "É preciso reagir!!!"

— "É preciso encontrar o assassino". Quasi todos conheciam Maria Luisa.

— "Já sabe?"

— "Sim! Que desgraça! Pobre mulher! Pobres filhas!..."

E depois, anciosamente, indagou:

— E como foi? Como foi? Então que faz o policia que não sabe guardar as vidas que mais preciosas são ao país?"

E um calvo, cara rapada, encasacado,



Os bailarinos exóticos:
Edmonde Guy e Ernesto van Durer



Luisa Satanela no papel de Manon
da opereta João Ratão



A divette Laura Costa
nas Onze Mil Virgens



Julieta Soares guiando o seu torpedo Citroën, 5 H P

pencudo e de olhos de aro de tartaruga, tomou á sua conta a narração do atentado:

— «O Duque estava ha muito ameaçado — e por isso o comissario augmentava a vigilancia. Ainda ha poucos dias prenderam, na estação do Norte, dois sindicalistas que tinham sido denunciados como pertencendo ao *complot*. Esta noite o Duque foi ao Palacio Real apresentar o decreto para a dissolução do Parlamento. A' saída tomou o auto. Na banqueta do *chauffeur* ia, como de costume, um agente, bem armado.

«O carro cortou pela Praça Nacional e foi direito á Avenida Central. Como sabe, o palacio do Duque fica no extremo da Avenida, quasi ás portas da cidade. Passado a catedral, a Avenida torna-se sombria; rareia a iluminação e o movimento, desaparece por completo, tornando aqueles sitios num verdadeiro suburbio. Pelos modos uma *side-car* vinha na peugada do auto, desde a Praça Nacional — mas, só proximo do Arco de Alexandre II é que o agente o notou... mas... *trop tard*, minha filha. *Trop tard!* Cinco tiros tinham sido disparados contra o carro. Cinco balas atravessaram a *carrosserie* e três se alojaram no corpo do pobre Duque, que tombou, sobre a banqueta, golfando sangue. Eram oito e meia».

— E os assassinos?

— A *side-car* fugiu, tiroteando e perdeu-se na escuridão. Eram dois: um que a guiava e outro que disparou a pistola.

— E que faz a policia?

— Ah? Trabalha. Sua Magestade presidiu ao conselho, imediatamente. Prevenções rigorosas. Buscas severissimas.

Um recém-chegado que, trazia noticias mais frescas, interveiu:

— Acabam de fechar todos os sindicatos; disseram-me agora mesmo, na Perfeitura, que nos postos policiaes já não ha espaço para tantos presos...

— Mas não são muitos presos o que me interessa agora! opinou o dos olhos de tartaruga. O que nós queremos é que prendam os assassinos.

Abandonei a sala. Cá fora os homens continuavam discutindo e gesticulando. Dir-se-iam generais, em vespera de batalha. Vesti o sobretudo e saí. Não era ainda meia noite — e parecia madrugada. As ruas desertas. Os cafés fechados. Nas

embocaduras das ruas transversais ouviam-se relinchar cavalos que estavam ocultos na sombra. Pairava no ar o magnetismo das tragedias.

«Proximo do hotel, já no regresso, fui cercado por um grupo de civis. Quem era eu? Que fazia? Onde morava?

— No Palace! respondi.

O nome do hotel tranquilisou-os um pouco.

— Vá deitar-se depressa — aconselharam-me.

«Entrei. No *hall* os grupos não se desmanchavam. Ouvi falar em premios... Alguem fixara um milhão para oferecer ao policia que conseguisse prender o assassino do Duque.

Na sala verde, Maria Luisa, acompanhada apenas por três ou quatro individuos, escutava-os, friorenta, triste, abatida. Saudou-me ligeiramente. Com um sorriso — e continuou a escutá-los. Explicavam-nos as ramificações revolucionarias, o odio contra o Duque, porque este desmanchara associações, retirara regalias aos operarios, decretara dezenas de fuzilamentos.

— É a reacção! gritava um mocinho, com ademanos suspeitos, esterlicando-se. É preciso que o castigo seja exemplar.

Já de madrugada vieram trazer uma noticia sensacional. A policia encontrara a *side-car* abandonada, nuns terrenos proximos do Neptune-Park. De investigação em investigação tinham apurado que a *side* fora alugada, na vespera, por um negociante da Praça Nacional. Pelas

indicações que este dera, sabia-se já quem era o assassino:

— E quem é? Quem é? Quis saber Maria Luisa, impaciente.

— É um joven propagandista e aliterado, antigo operario, que desertou das oficinas para fazer livros e discursos dinamitizados. A policia ha muito que suspeitava dele...

— «Mas como se chama?»

— «Guilherme Sux. Brigadas especiaes de policia, estão batendo a estas horas os bairros operarios e as hospedarias e pensões do centro. O retrato do criminoso está espalhado por todo reino. A guarda das fronteiras foi triplicada.

— Com uma rêde assim é impossivel que o peixe fuja!

— Decerto.

Despedi-me de Maria Luisa e fui-me deitar. Na manhã seguinte ao almoço, em todas as mezas desdobravam os jornaes. Eram colunas e colunas de reportagem. No meio da pagina vinha o retrato do assassino — borroso, sujo de tinta — mas que deixava advinhar algumas feições...

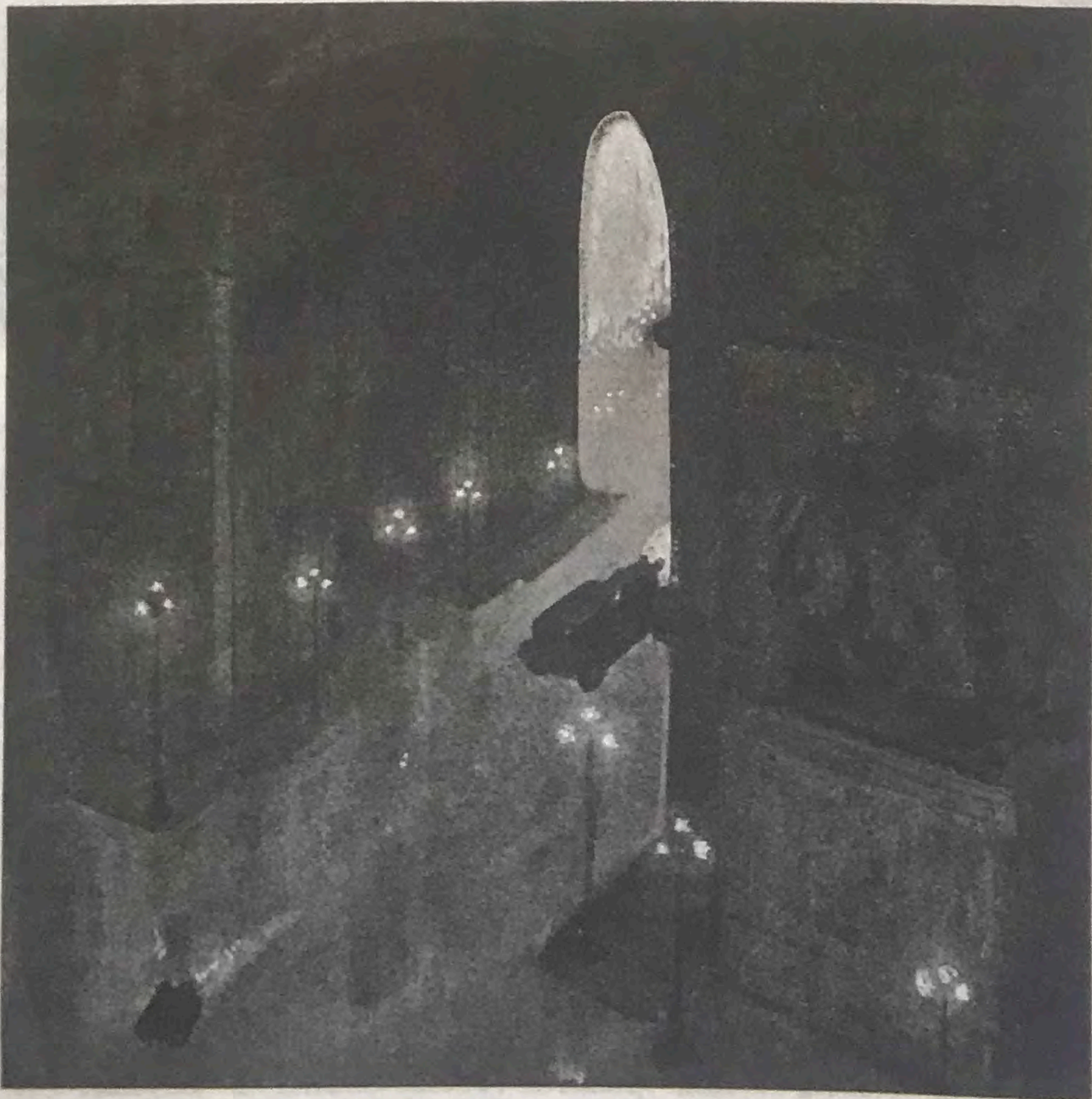
«Maria Luisa veiu sentar-se depois de mim. Estava mais palida; olheirada. Respondeu ao meu cumprimento, com um ligeiro e gelido movimento de cabeça.

— Como se chama esta senhora que V. me apresentou hontem? — perguntei ao visinho da mesa do lado.

— Maria Luisa de Lwisky y Burbon. Tinha direito ao titulo de princeza, que ela não usa. Parente ainda d'el-rei. Um pouco americanizada nos costumes — mas orgulhosa como ela só.

No meio do almoço, adivinhei; *senti* um olhar a perseguir-me, a prescudar-me, a expiar-me. Levantei os olhos e busquei-o á minha volta. Não foi difficil surpreender Maria Luisa, com as suas palpebras verdes, a chisparem, fixas em mim. Na sua expressão, havia agora pavor misturado com uma incerteza... A sua boca, de labios carminados entreabriu-se para soltar um grito, que se estrangulava na garganta e que uma duvida abafava.

Estremeci. Por momentos tive a impressão que a cabeça loura d'aquella mulher, se iluminara por dentro, e que os seus pensamentos mais intimos, os seus impetos, os seus desejos, recordando-se em silhuetas se transparentavam atravez



a sua frente de maravilha, como sombras chinesas. Segui o seu raciocínio, como se seguissa a projecção de um film.

Estava nos legumes — e pedi, ao criado que me trouxesse imediatamente o café. Bebi-o sem pressa; e afetando indolencia fui me aproximando de Maria Luisa. Durante todo aquele tempo não quizera surpreender um olhar em flagrante. Só, frente á sua mesa, a fitei nas pupilas, perguntando:

— Que tal, os seus nervos?

Ela não respondeu. Insisti.

— E esses nervos?

Maria Luisa estremeceu, e a mêdo, como que tranzida de frio, murmurou: — Melhor ...

Melhor? Não creio. Não sei que lhe acho hoje... Talvez aborrecimento por estar sosinha... Olha... Já leu o jornal? Aqui está o retrato do assassino. Que tal? Ah! Conheço-o. Quem havia de dizer que um rapazinho assim fosse capaz de uma proeza d'este quilate. Dá-me licença que me sente a seu lado?

E' preciso encurtar. Durante toda aquela tarde não me separei de Maria Luisa. Falamos de viagens, de terras que eu tinha visto e que ela desjava conhecer. Falei da felicidade que é atravessar o mundo ao lado de alguém que nos entenda, que seja um bom amigo e um bom companheiro.

Maria Luisa, ao principio escutava-me sorrindo. Fui para ela, durante as primeiras horas, um livro ameno, que se folheia com prazer; um gramofone não muito fanhoso e que se ouvia sem desagrado enquanto o pensamento rodava por outras paisagens. Mas por fim a insistencia, a variedade de assuntos, envolvendo o mesmo assunto, começou a semear-lhe no espirito o mesmo veneno que a morfina espalha no sangue... Uma suave laxitude a ensouava, quebrando-lhe resistencias, encurtando as distancias — n'aquela mesma noite, na penumbra discreta d'um corredor, trocamos o primeiro beijo.

Entretanto vinham chegando novas informações sobre o atentado. O governo chamara á capital brigadas policiaes das cidades da provincia. Convinde de que o assassino não saira ainda da capital queria fechá-lo num cêrculo em forma. Actualmente era mais difficil ir passar umas horas a um arrabalde do que atravessar a muralha da China. Na fronteira os rigores aumentavam. As buscas da policia nada poupavam. Poucas horas antes tinham invadido o teatro da Opera, interrompendo o espectáculo, porque um anonimo denunciara certo carpinteiro de scena, que, dizia, dera refugio a Guilherme Sux.

Guilherme Sux era já para os inspectores, um mito; para o publico um heroi folhetinesco. Os *reporters* começaram a fazer policia por sua conta.

Pelos cafés, nos electricos e no metropolitano, todos andavam de nariz no ar, á busca de um rosto parecido com aquele que os jornais tinham publicado, para ganhar o milhão de premio, prometido, pelos aristocratas.

Dois dias depois, num recanto do salão verde, segredava eu ao ouvido de Maria Luisa:

— Sonhar é mentir a nós mesmos. Só a realidade tem sabor. Sonhar e não realisar é um suplicio de Tantalos. Porque não havemos de pôr em pratica os nossos sonhos.

— Está louco?

— Sim. Partiremos como dois principes de misterio; fechamos os olhos e lançamo-nos no abismo... estofado do desconhecido. A'manhã, Paris; depois, Havre; mais tarde, a America; a seguir, a Asia. Viver no mundo e não ver o mundo todo — é estar num palacio e não conhecer todas as suas salas...

— Mas você não comprênde que...

— Que te faltam asas para voar... Mas sobram-te desejos... Dá-me as tuas mãos e deixa-te conduzir...

— Mas o escandalo... Embriagaste-me... Deste-me algum filtro a beber, pela certa... Já não vou á mesa... Sinto a tua vontade a pesar sobre a minha... Mas não pode ser... Não pode ser... Como sairíamos a fronteira? Se me vissem sosinha ou contigo, telegrafariam imediatamente para o meu irmão,

— Tonta. Deixa-te guiar por mim...

Maria Luisa tinha razão... Perdera toda a vontade. Para ela, aquela viagem inasperada, até ao fim dos continentes, era um jogo da cabra-cega. Só a minha mão podia indicar-lhe o caminho.

Saimos de noite, com um pequeno intervalo um do outro, e juntamo-nos na estação do Norte. O expresso de Paris partiu ás nove em ponto. Não dormimos durante toda a noite. Ao principio, a emoção, os guinchos do comboio, o ruido alucinante do rodar e dos metais, entrechocando-se, os trilos dos apitos, despertaram-na um pouco. Mas a medida que se aproximava da fronteira, caiu de novo numa modorra angustiosa, sensibilizando-a e dando justo valor á temeridade da sua aventura.

A' fronteira chegámos ás primeiras horas da manhã. Chuviscava. A agua empapara tudo, tornando a terra numa lama peganhenta e antipatica. O comboio foi cercado pela policia e pelos gendarmes.

— Ninguem sai! ordenou o commissario.

Vendo que Maria Luisa empalidecera, soceguei-a:

— Não te assustes. Não é por nossa causa, descansa. Todas estas honras são destinadas a Guilherme Sux, o assassino do Duque.

Eramos poucos os passageiros para

Paris: uns oito ou dez. Os inspectores e os agentes atormentaram-nos com perguntas; apalpam-os; vasculharam-lhe os bolsos. A seguir vieram ter connosco:

— O passaporte...

— Maria Luisa — disse eu. Creio que és tu que o tens.

Maria Luisa fitou-me, admirada. Mas eu indiquei-lhe, com o olhar, o saco de mão. Num relance ela compreendeu o meu plano. Enquanto ela procurava o passaporte — eu ia informando o agente:

— Sou o capitão Carlos Henrique Livisky e Bourbon.

E indicando Maria Luisa, acrescentou:

— E minha irmã.

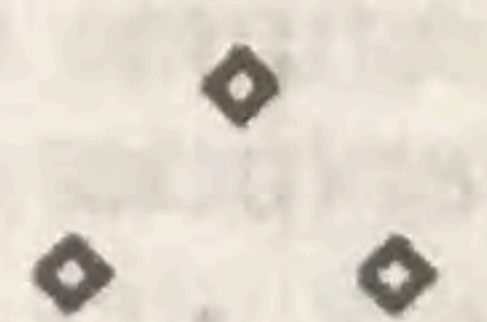
A carranca do agente transformou-se num sorriso. Ao entre-abrir o passaporte, o sorriso multiplicou-se em salamaleques e venias.

— Quem são? perguntou o commissario ao agente.

Este cochichou-lhe ao ouvido:

— São os Livisky e Bourbon.

O rosto de Maria Luisa era bastante popular, por vir quasi todas as semanas nas revistas ilustradas. O commissario reconheceu-a logo e cumprimentou-a respeitosamente. Cinco minutos depois, o comboio rodava e um quarto de hora mais tarde entravamos no estrangeiro.



Calou-se. Eu que estivera de palpebras caidas, escutando-o com interesse, fingi despertar, soerguendo-me no *fauteuil*. No salão estava apenas aquele grupo e eu. Através dos cristais da janela, a cidade reverberando luzes, parecia um colar de perolas suspenso num fundo de veludo azul.

Érgui a gola do sobretudo; recostei-me melhor e fechei de novo os olhos. E ele recomeçou a sua historia:

— Durante os primeiros dias, as proprias emoções da aventura abafaram em Maria Luisa a consciencia da sua gravidade. Mas no fim da primeira semana, quando os proprios encantos e surpresas do amor, se tornaram em programa do dia — como o banho ou como o almoço — ela começou a fechar-se em silencio; a perder o olhar em extasis entrestecidos; a limpar furtivamente, de tempos a tempos, uma lagrima indiscreta. Compreendi que estava fatigada. Chegou mesmo a pedir-me que regressassemos á patria.

«Que horrivel situação a minha. Aqueles dias de convivencia tinham semeado em mim sentimentos que eu não quisera possuir. Aquela mulher era realmente interessante... Não podia abandoná-la agora, depois de a ter levado a cometer a loucura de fugir... Mas acompanhá-la era impossivel; era destruir de

um sopro o castelo edificado angustiosamente durante tanto tempo.

Novo silencio. Depois uma outra voz se cruza — que imediatamente reconheci. Era a de Jorge Solis.

— E que fizeste?

— Confessei-lhe toda a verdade.

Esta frase foi acolhida com *oh! oh!* e *ah! ah!* de admiração. Alguem perguntou a mêdo:

— E ela?

A teatralidade daquele dialogo tinha-me roubado toda a prudencia. Já sem disfarce, levantei-me do *fauteuil* e aproximei-me do grupo para ouvir tambem a resposta do moço alourado. Mas este, terminara o seu discurso, abemolanda a voz e sem deixar-me perceber uma unica silaba.

Neste instante entrava no salão uma dama, alta, esguia, coleante, coberta por uma capa bordada em *zig-zags* de lá policroma e com um toque cinzento encafoado na cabeça dourada. Os seus olhos de esmeralda fogo-factuaram um instante á procura de alguém. Ao dar com o eloquente narrador de aventuras, sorriu-se e murmurou uma frase num idioma forte e nasalado.

O moço alourado levantou-se e disse em alemão para os outros que o tinham escutado:

— Vamos dar um passeio a terra.

Vestiu o sobretudo, deu o braço á dama da capa egipcia e, seguido pelos seus fanaticos ouvintes, dirigiu-se para a escada.

Eu estava impaciente, atormentado. Não quis saber mais de presidentes de

republica, nem de entrevista, e fui-lhes na peugada.

Já a bordo da lancha que deslizava sobre o cristal liso do rio, puchei pelo scbretudo de Jorge Solis e dei-me a conhecer.

— Quem é esse moço louro, heroi de tanta aventura?

E Jorge Solis, colando a boca no meu ouvido cochichou-me:

— E' um compatriota nosso: Guilherme Sux o autor do atentado contra o Duque de Belardo, o tirano de Urmenia.

“Senti zumbidos dentro do meu pobre cerebro. De momento tive a impressão que estava sendo burlado por aquele senhor Solis. Mas este, como que presentindo a minha incredulidade, esclareceu:

— E' um homem de genio. Ele jurou aos seus companheiros que a Urmenia se libertaria da crueldade do Duque, e cumpriu. Disse que não queria ser martir e que, praticada a proeza, voltaria são e salvo para o estrangeiro—e assim foi.

— Mas como?

— Poucos minutos apoz o atentado, entrava no primeiro hotel da cidade, como um forasteiro. A policia procurou por todas as partes o assassino do Duque—menos no Palace-Hotel. No dia seguinte, os jornaes publicaram o retrato—mas um retrato dos seus tempos de operario—e ele estava irreconhecivel no seu fregolismo de *gentleman*. Só aquela Maria Luiza, com o sen aguçado instinto de mulher desconfiou—

e Guilherme viu a distancia o perigo. Em vez de desertar, aproveitou-se d'ele para melhor se encobrir e para se servir do passaporte do irmão d'ela. Assim conseguiu passar a fronteira, aavez de todas as vigilancias e severidades.

E tirando uma fumaça ao seu charuto, Solis repetia:

— E' um homem de genio.

Guilherme Sux ia á popa. Dependurada no seu braço, sentindo-o pouco prezo, ia a dama do casaco egipcio. Parecia beber-lhe o olhar, agazalhal'o com a alma...

— E ela? Quem é ela?—indaguei.

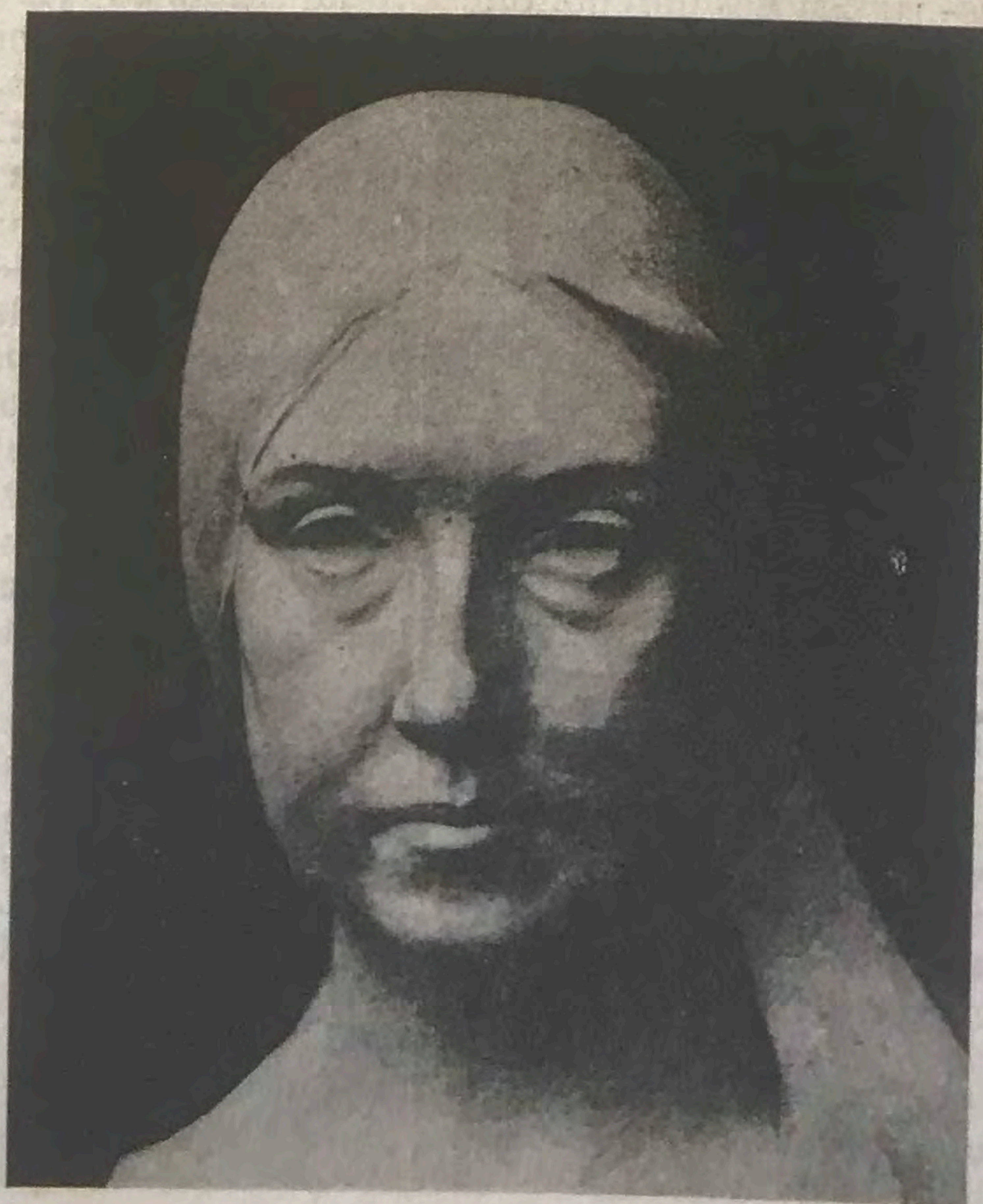
— Maria Luiza de Luwisky e Bourbon—hoje, Maria Luiza Sux, simplesmente.

Esta ultima revelação, sacudiu-me como uma descarga electrica. Solis sorriu-se e comentou á seu modo:

— Admira-se? Tambem nos admiramos todos, quando ele nos disse que se casara com Maria Luiza. De que misterio é feito o amor d'esta aristocrata, que se enamora definitivamente do plebeu, que começara a desprezar no preciso momento em que ele lhe revela que é o assassino do Duque de Belardo, tiranete que defendia com energia a sua casta? Morbidez? Vaidade? Orgulho? Covardia? Ou então algum odio secreto contra a victima, odio que o crime de Guilherme saciou plenamente? Sabe-se lá?”

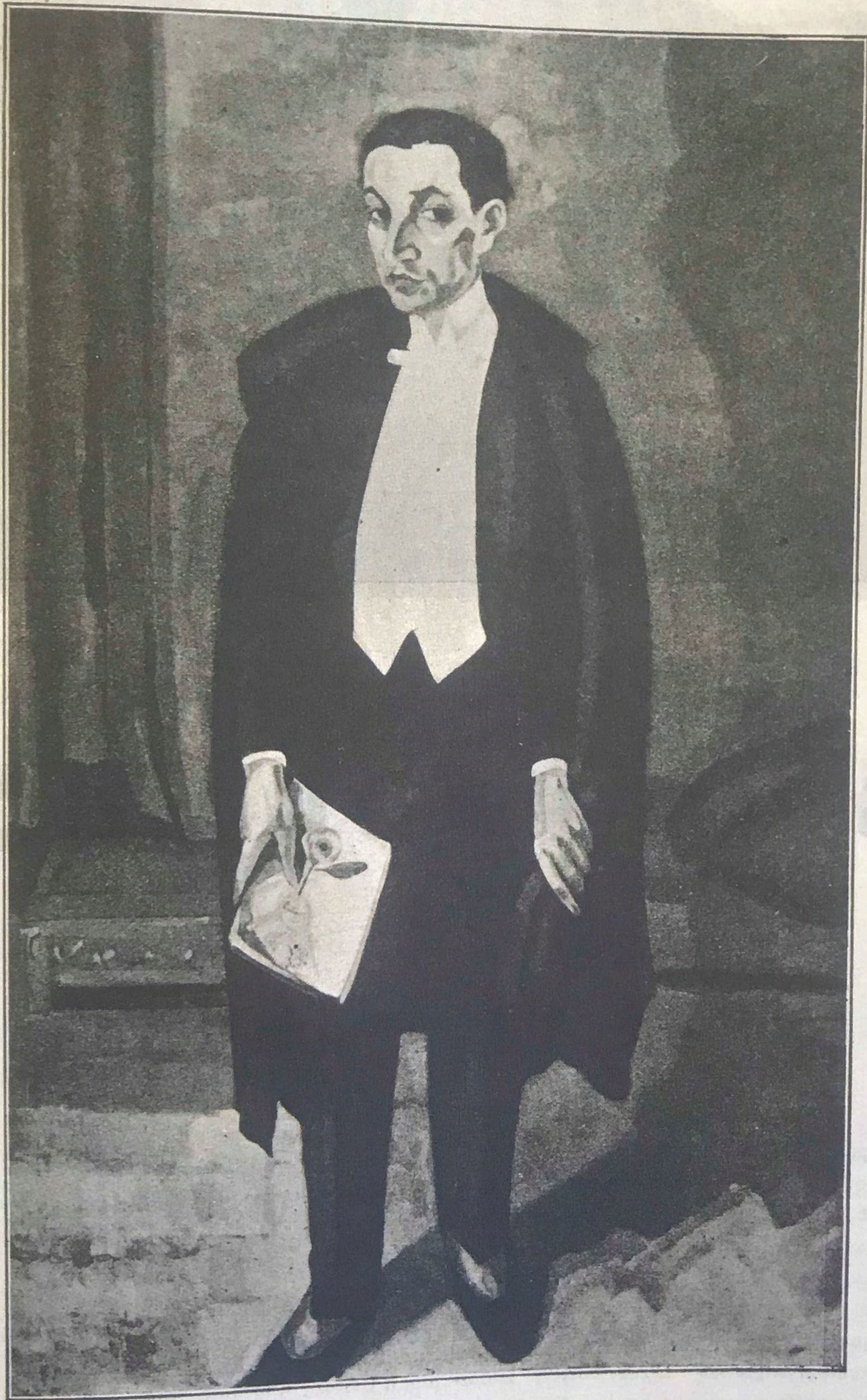
A lancha abordara; e pouco depois todos se diluiam nas trevas da cidade, como heroes d'um sonho, ao nascer do sol...

Busto de

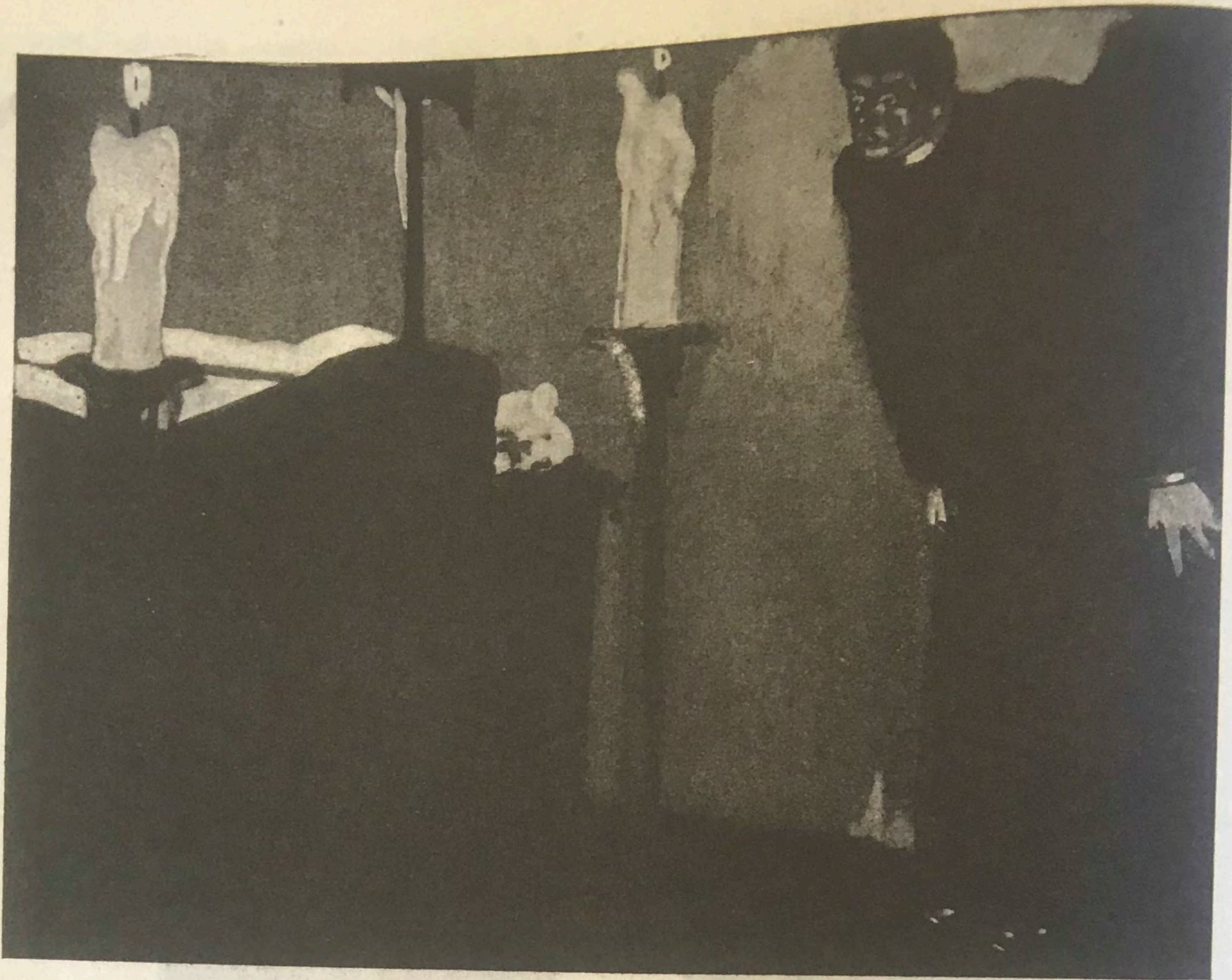


Diogo de Macedo

SALÃO D'OUTONO



Mario Eloy - Retrato do arquiteto José Pacheco, director da revista Contemporanea



MAIS UM PADRE-NOSSO

PELAS

ALMINHAS DO PURGATORIO

NO norte, e n'alguns pontos da Beira-Alta, ha, entre outros, um costume curiosissimo, por via do qual, eu e uns companheiros de desgraça, apanhámos um d'estes sustos que lembram toda a vida. Passou-se o que vou narrar-lhes nas Paredes do Guardão, quasi no alto da Serra do Caramulo. Um Dezembro frigidissimo, triste, que mais augmen'ava ainda a nossa bem comprehensivel tristeza ao vermos doentes, afastados dos nossos lares e, talvez, condemnados a uma morte prematura, reunia-nos, todas as noites, em volta d'uma braseira, unico conforto que nos era dado ter n'aquelas longinhas paragens. N'essa epocha eramos

apenas trez os desafortunados hospedes d'aquele modesto hotel, para onde tinhamos ido em busca de alivio aos nossos padecimentos. A terrivel tuberculose pairava sobre as nossas cabeças, impiedosa e ameaçadora. Era preciso vence-la, doma-la, viver, emfim! A isso iamos, e com essa esperança supportavamos aquele horrivel isolamento, a tristeza sufocante daqueles dias, daquelas noites interminaveis! Graças a Deus ou á Providencia triunfámos, e estamos, ainda, bem vivos...

As nossas conversas, naqueles serões, eram, como é natural, ora tristes, ora alegres. Mil coisas preparavam a nossa boa ou má disposição d'espírito. Umas décimas a mais de fe-

bre, um revoeiro impertinente e triste, ou a falta de noticias das nossas familias, eram motivo mais que suficiente para nos encher a alma de negrumes e nos carregar o semblante. Pièguices. dirão. Felizes, direi eu, os que podem alcunhar de *pièguice* o que era uma dôr real, uma amargura profunda embora indefinida, uma negra e tórva melancolia! Podem perguntar-me: porque diz você «felizes?!» Porquê? Porque, os que assim pensam, nunca passaram, de certo, por essas fases tão dolorosas, em que nos sentimos angustiados, dilacerados, sem, todavia, podermos bem explicar a razão do nosso sofrimento. Ou, o que é melhor ainda, porque são incapazes de sentir.

Sim, ser duro, sêco, ter a alma árida como uma grande planície em que nem uma árvore alveja, ou lisa como uma folha de papel sem linhas... é, neste mundo, a felicidade suprema! Ah, como os invejo, a esses a quem chamei felizes! Só eles o podem ser, com efeito, porque, libertos duma sensibilidade agudíssima que Deus deu a algumas das suas creaturas, certamente para as punir dos seus peccados, podem saborear a vida sem se torturarem intimamente, por um ideal, por uma ilusão desfeita, até, ás vezes, por um simples pensamento! Mas... perdão, esqueci-me de que estava a contar-lhes uma historia que pode interessa-los mais que as minhas divagações...

Estavamos, pois, sentados em volta da brazeira, conversando. Apenas quatro: uma amiga minha muito querida, que para ali tinha ido comigo, um rapaz de Lisboa, e a dona do hotel, senhora ainda nova e afavel. Todos tinhamos entre 20 e 35 anos. Esse dia não tinha sido dos melhores; mais febre, mais tosse, em suma, uma maçada! Disto se ressentia a nossa conversa; estavamos lugubres. Falou-se na morte, na vida, no que esta tem de falso e passageiro, e no misterio enorme, impenetravel, que envolve a primeira. Ao cabo de algumas reflexões a conversa fixou-se sobre a immortalidade da alma, o espiritismo, enfim, as almas do outro mundo. O nosso companheiro, a quem já me referi, disse, passados instantes:

— Se vocês não tem medo, se garantem que dormirão tranquilamente, conto-lhes uma scena passada em Lisboa com um amigo meu.

— Pode contar, respondemos. Bem sabe que somos corajosas...

— Nesse caso, lá vae:

«O ano passado pelo carnaval, eu e uns amigos fomos convidados para um baile de mascarar. Combinamos os disfarces que cada um levaria, e ficou ajustado que um deles, o Moreira, envergaria o fato de um padre protestante. Iriamos separados, para nos não conhecerem facilmente. O Moreira não sabia onde era a casa, e nós, que a conheciamos, não nos lembravamos do numero. Explicamos; na Avenida da Liberdade, do lado direito descendo; e serviu-nos de ponto de referencia a casa de F, que toda a gente conhece em Lisboa. Estava tudo bem claro, e o Moreira afirmava não precisar de mais explicações. Isto foi na vespera. No dia seguinte, pela volta das dez e meia, começaram a entrar todos no baile. Deram onze, deu meia noite, deu uma hora... e o nosso padre sem aparecer! Alguns estavam com cuidado, outros barafustavam,

furiosos, porque attribuiam esta demora a partida de carnaval. Passado muito tempo, e quando já tinhamos perdido a esperanza de o ver chegar, aparece o Moreira, sem disfarce, bastante enfiado e nervoso.

— Que se passou? perguntamos.

— Deixem-me, homens, que eu nem sei como estou aqui!

— Mas o que foi, que aconteceu?

— Ora, uma esturidez sem nome, que me tirou toda a vontade de brincar...

— Mas...

— Ouçam. Vesti-me, e quando achei que eram horas encaminhei-me para aqui. Não sei como, engarei-me, e em vez de vir ter a esta casa, enfié pelo predio que fica abaixo deste.

— Bem sei, diz um. E' onde mora Mistress G...

— Exactamente. Assim que toquei á campainha appareceu-me uma creada, ingleza, que, como se eu fosse esperado, me conduziu, sem demora... imaginem para onde! para uma enorme sala armada em camara ardente, e que tinha, ao meio, sobre uma mesa ou coisa que o valha, coberta por um pano preto, um caixão, com uma mulher morta! Fiquei aterrado! Eu, que esperava ir divertir-me, dou com um espectáculo destes...

Ao principio ainda supuz que fosse brincadeira. Mas não, era verdade e bem verdade. Vocês sabem que não falo nem percebo pata-vina de inglês, e podem, portanto, calcular a minha atrapalhação. A creada, assim que me introduziu retirou-se, sem que eu, sequer, visse por onde se sumira. Puz-me á procura duma porta, por debaixo dos panos pretos que forravam as paredes. Achei uma, mas não conseguí abri-la. Maldizendo o acaso que me tinha substituido uma noite de pandega por aquele funebre espectáculo, sentei-me a um canto, esperando que alguém viesse a quem eu, de qualquer forma, pudesse explicar o erro em que estavam. Porque, é claro, eu percebi logo o engano. Aquela gente era ingleza, naturalmente protestante. Tinha-lhe morrido alguém de familia, e, como é logico supor, mandaram chamar um padre protestante para velar o cadaver... Apareci eu, com aquela fatiota, e zás, metem-me para ali, sem tir-te nem quar-te! Pensava na maneira de sair daquela desagradavel situação quando, (só de pensar nisto se me põem os cabelos em pé) vejo a morta sentar-se no caixão, e, com um grito estridente, tentar atirar-se dele abaixo.

— Apre, disse um do grupo.

— E depois? interroga outro, ancioso.

Depois, digo eu agora, quando chegámos a esta altura da narrativa, os quatro, instinctivamente olhámos para toda a sala, para nos certificarmos de que nada, de anormal, se passava em nosso redor. Mas... o mesmo grito, vibrante e unisono, nos saiu do peito ante a visão que se nos deparava. A sala tinha um dos lados todo envidraçado, o que dava para as escadas. Ahi, colados aos vidros, vimos alguns vultos, de ópas brancas, que tinham no meio deles umas *alminhas do purgatorio* alumiadas com côtos de velas! Ao mesmo tempo que os nossos olhos, esgazeados, se não podiam afastar daquele quadro tenebroso, ouvimos, com terror, uma cantilena plangente, ertoadada por aque'es fantasmas, e acompanhada pelo tinir sinistro duma campainha, especie de badalo que um deles agitava. *Lão, lão, lão, lão, lão, lão!*... Calaram-se um momento; depois uma só voz, entoou como um psalmo: *«mais um padre-nosso pelas alminhas do purgatorio!»* Todos, em côro, responderam rezando um padre-nosso. A dona do hotel ajoelhou, neste momento, e rezou tambem... Eu tinha já voltado a mim do susto, porque comprehendera o que se passava. Mas a minha amiga e o lisboeta continuavam sem saber se eram almas do outro mundo o que viam, ou se eramos, todos, victimas duma alucinação...

Soceguei-os, acordei-os daquele mau sonho, em que a minha querida amiga, que já era um pouquinho gaga (e dizia-se até que por luxo) ia perdendo a pouca fala que lhe restava. Já era meu conhecido aquele costume, mas, confesso, só o *reconheci* depois de ter apanhado um susto tamanho como o dos outros. Aquela fantastica aparição, a horas mortas, quando o vento uivava, lá fora qual alcateia de lobos, e no momento proprio em que a *morta*, da historia do nosso companheiro, se levantava do caixão... gelou-me o sangue nas veias! Depois, já refeita, lembrei-me de ter visto aquilo algures. Realmente assim acontecera. Foi numa aldeia dos arredores de Aveiro, onde ha, tambem, costumes interessantissimos.

Nessa aldeia, desde o mez de Novembro até Janeiro ou Fevereiro, os rapazes novos da terra juntam-se para cumprir o sagrado dever de pedir missas e rezas para as almas do purgatorio. Ahi pela volta das 10, 11 horas, o sino da capela toca a *reunir*. Os rapazes vão, vestem as ópas brancas da irmandade a que pertencem, e começam a sua piedosa romagem. Escolhe-se um, o que tenha mais geito para *pregador*, para fazer o apelo ás almas boas. E assim andam, até á uma ou duas ho-

ras da noite, pelos caminhos desertos, pe'as portas dos crentes, e pelas azinhagas solitarias, pedindo, implorando, que se reze mais um Padre-nosso, uma Avé-Maria, pelas alminhas que no purgatorio estão a penar.

Era o mesmo que faziam os do Caramulo,

que tanto medo nos meteram. Ainda hoje, ao contar este episodio, tenho nos ouvidos aquela musica, aquela cantilena d'alem-tumulo, acompanhada do badalar terrificante do pequeno sino que traziam, e, acima de tudo, aquela voz cavernosa que implorava :

«mais um padre-nosso pelas alminhas do purgatorio!»

Novembro 1924.

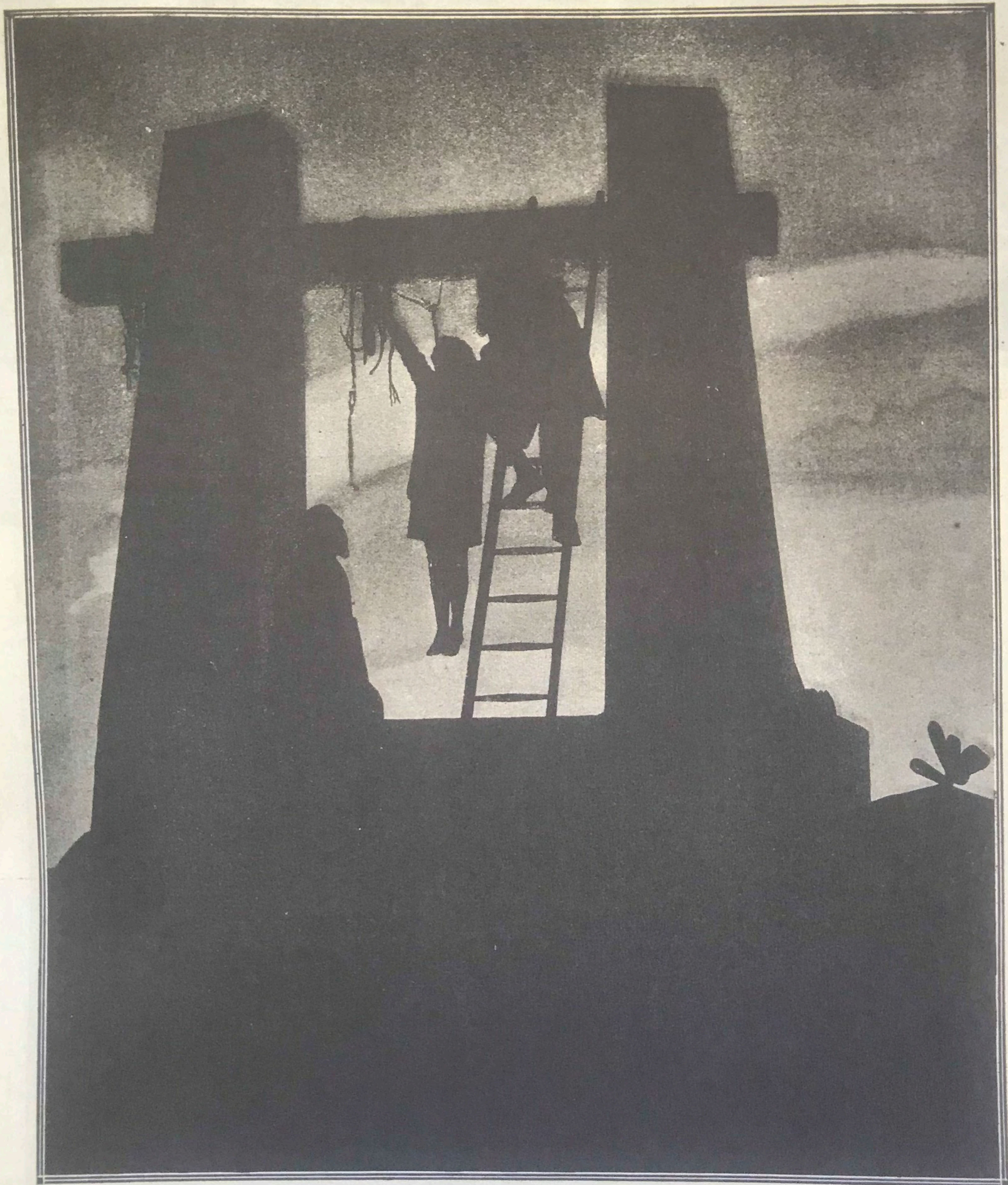
CAROLINA HOMEM CHRISTO

SALÃO D'OUTONO



Lavadeiras — Quadro de Jorge Barradas

films



O Fim do Duque de Ferrante, film impressionista de Paul Wegener



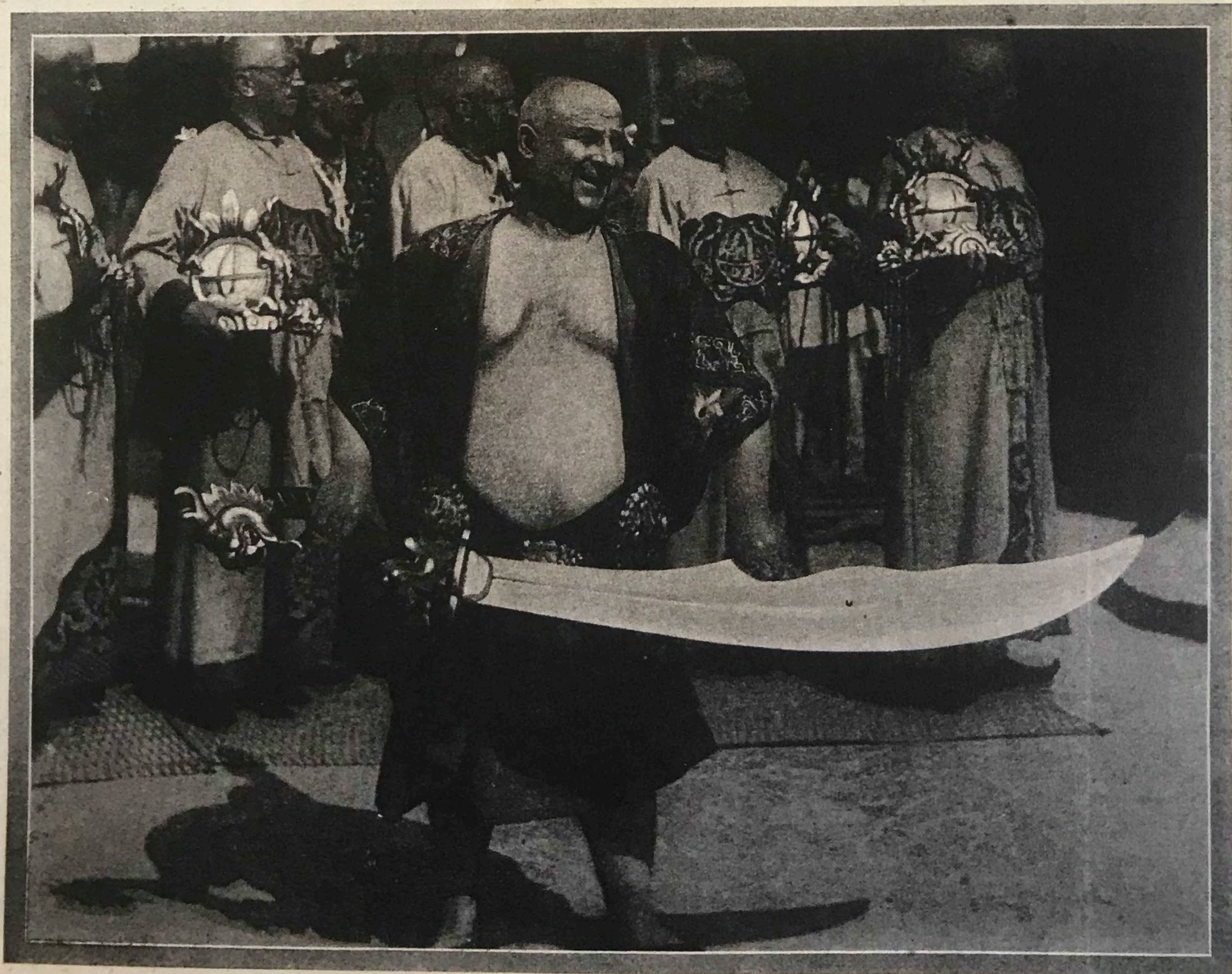
Uma perola do cinema



Uma scena da Morte Cansada



Uma audacosa criação norte-americana



Uma scena do film simbolico e impressionista A Morte Cansada (As tres luzes) realizado por Fritz Lang



UM CINEMA MODERNO

O TIVOLI

Dia a dia o animatografo atinge proporções maiores e a sua amplitude de visão ultrapassa os mais vastos limites do teatro. Os movimentos de massas de muitos milhares de homens são, hoje, familiares aos cineastas. As extensões infindas das stepes, as reconstituições históricas dos tempos mais recuados, os abismos insondáveis das geleiras milenarias, os palacios fantasticos dos rajás, as mais audaciosas concepções do pensamento humano desfilam no *ecran*, num caleidoscopio alucinante de grandeza.

A' soberana magestade da cinematografia de hoje, ás portentosas realizações duma *Monna Vana* ou duma *Intolerancia* não bastam as pequenas casas de espetaculo ou os teatros adaptados á pressa.

O local de exhibição dos films teve pois que acompanhar o desenvolvimento da pelicula.

A super-produção exigia o super-cinema.

E Lisboa acaba de ver realisada essa maravilhosa adaptação ao progresso cinematografico com a construção do

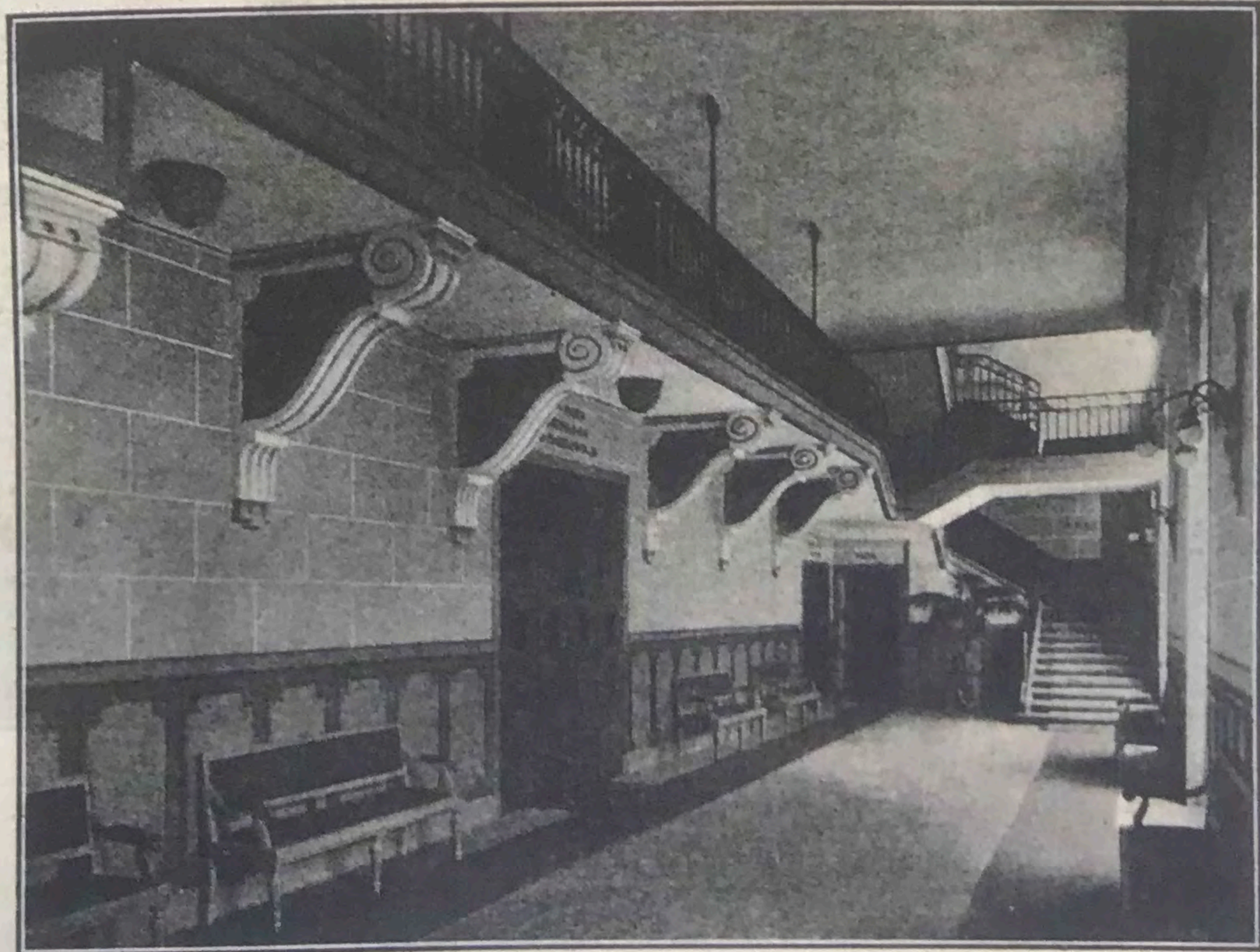
Tivoli. Dentro das vastas proporções dessa moderna casa de espectaculos, dentro das suas linhas arquitetonicas, cabe qualquer film por mais grandioso que seja. Não ha conflito a temer entre o estado de receptividade do publico e a ação do film; uma vez na sala, o

publico sente-se integrado num ambiente grandioso, de comodidade e bem estar, que o dispõe á recepção do espetaculo.

Marca o Tivoli um enorme passo no meio português, pela demonstração cabal de que, entre nós, são possiveis as grandes iniciativas, quando conduzidas para o melhoramento das condições de vida.

O Tivoli tem uma vasta plateia de *fauteuils*, mas de autenticos *fauteuils*, onde comodamente, sem aglomerações indecorosas, nem dificuldades de visão, se podem instalar umas centenas de espetadores.

E já que falamos dos *fauteuils* do Tivoli, seja-nos permitido contar uma anedota sucedida com um grande artista da scena portuguesa, e dizemos grande no sentido mais generico da palavra, grande pelo seu incomparavel talento e grande pelo seu não menos incomparavel fisico. O artista em questão, que nunca conseguiu sentar-se na plateia dum teatro de Lisboa, apesar da sua longa carreira artistica, dirigiu-se uma noite ao



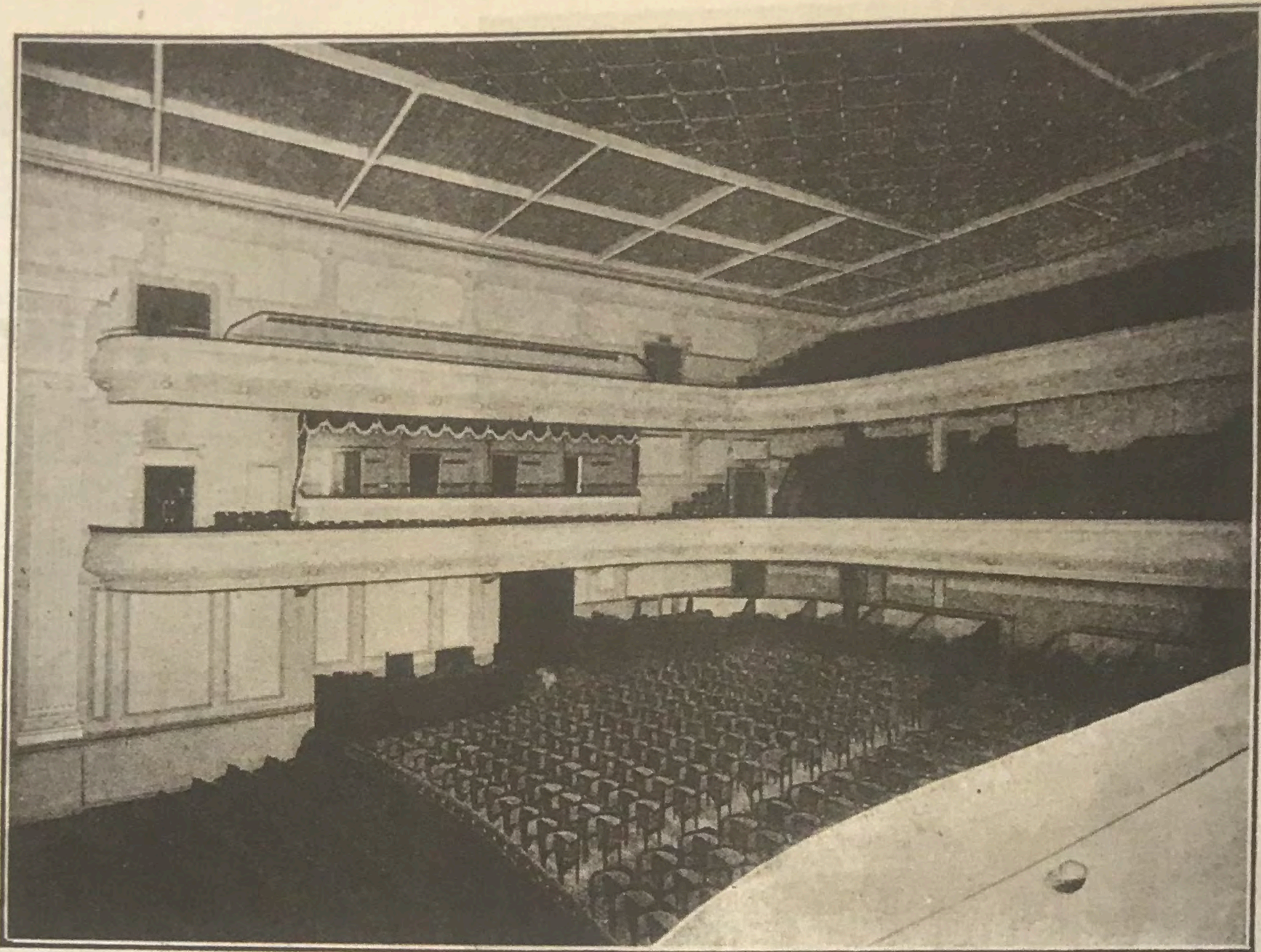
O foyer

Tivoli, e como estivessem vendidos todos os camarotes, viu-se obrigado a aceitar um logar na plateia... estava escuro, e com um suspiro, com as cautelas que Henri Beraud descreveu no seu *Martyre de l'Obèse*, o artista em questão desceu á plateia e... coube, coube plenamente, pela primeira vez na sua vida, numa cadeira de plateia.

Raul Lino, o arquiteto do Tivoli, dotou-o com uma ornamentação sobria, inteligentemente adaptada ás linhas austeras da sala e á tonalidade ambiente, que são um excelente repouso para os olhos fatigados com a violencia emotiva

do espectáculo. Construido para atender ás urgentes necessidades dum publico de selecção, esse mesmo publico compreendeu o gesto audacioso de Frederico Mayer, acorrendo todas as noites á magnifica sala de espectaculos.

A frequencia do Tivoli é a melhor sociedade de Lisboa, o novo cinema



A sala

mal abriu as suas portas tornou-se o rendez-vous elegante.

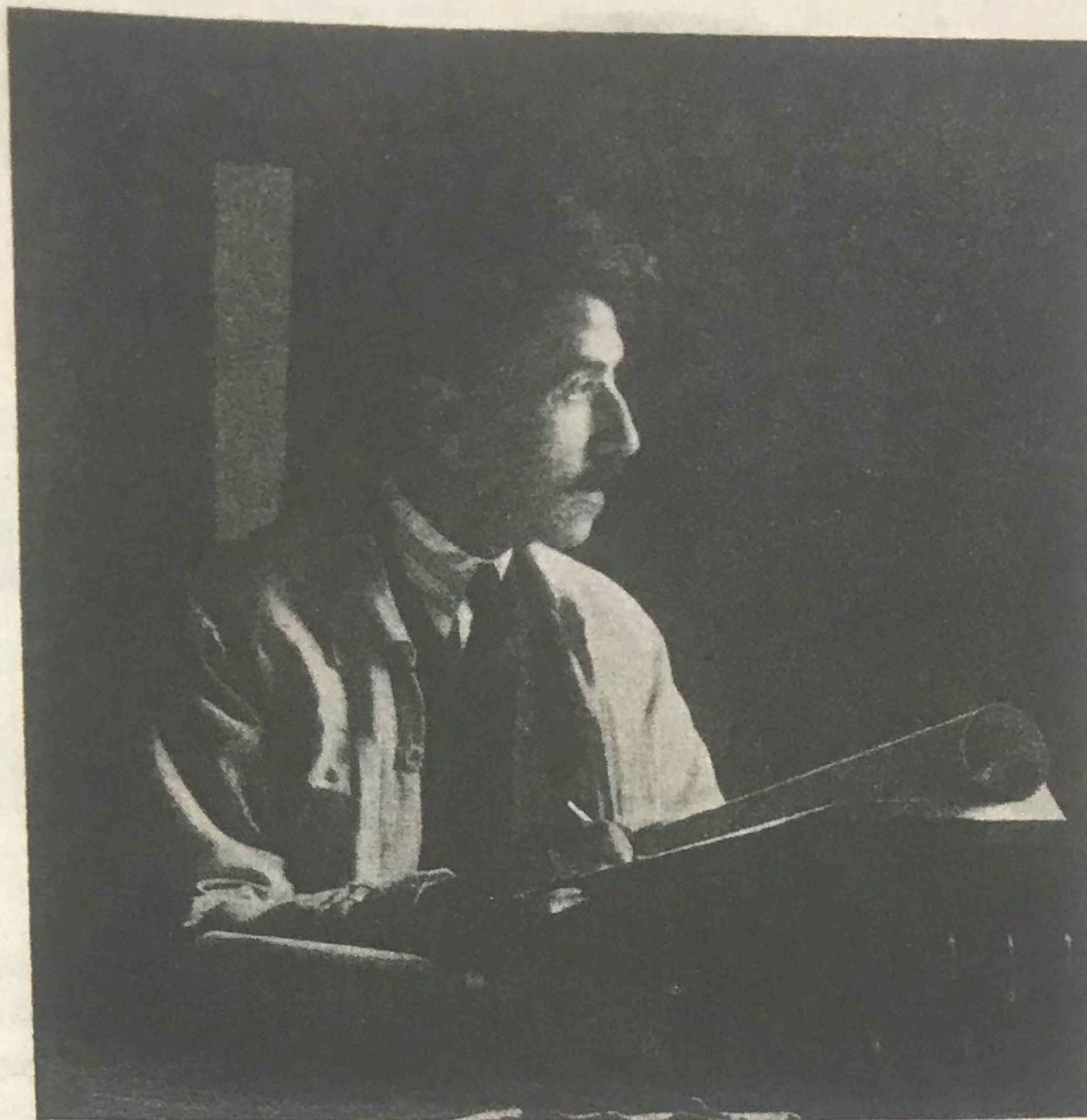
Num valioso reclamo, gratuito, uma longa fila de automoveis e trens enchem todas as

ckie Coogan, Charlot, Lil Dagover, etc. etc., reis, principes e estrelas são os convidados permanentes do Tivoli.

Repetiremos aqui a opinião dum ilustre diplomata estrangeiro, que considera o Tivoli como uma das melhores casas de espectáculo europeias e a primeira da Península Iberica.



O atrio



Raul Lino o arquiteto do Tivoli

CRONICA LITERARIA



A escritora francesa M. Rachilde e Homem Christo, autores de *Au seuil de l'Enfer*

"Ao Sol," — por Mota Cabral. — Um cantico entusiastico [á planura luminosa do Ribatejo. O Dr. Mota Cabral num estilo muito seu, cheio de vigor e colorido, terça lanças pela vida sã da campina, pela rudeza nobre dos homens que lidam com os toiros. Paladino da grande festa peninsu-

lar, o autor arrasta-nos atraz da sua opinião com a força da sua forma literaria. O capitulo de *Pancas* do *Ao Sol* é incontestavelmente um belo trecho de prosa portuguesa, castiza e emotiva.

"Pierrot e Arlequim," — por José Almada Negreiros. — Pierrot e Ar-

lequim, os titeres simbolos, degladiam um dialogo magistral o dualismo eterno da essencia e da materia.

Almada Negreiros poz na boca dos seus palhaços, em palavras fa- ceis e sonoras, a duvida filosofica da inutilidade da vida, e a inco- gnita dolorosa baixa com os literes

à sua sepultura, insolúvel e eterna.

Almada que realizou, quanto a nós, uma bela obra com o seu dialogo de Pierrot e Arlequim, julgou necessario acrescentar a este um capitulo de comentarios. Para que? Para explicar as suas figuras? Para desenvolver ideas inexpressas.

Absolutamente dispensaveis, os comentarios afiguram-se-nos uma repetição da ideologia do dialogo e uma desconfiança ante a compreensão do leitor...

"Epopéia Maldita," — por Antonio de Certima.

Historia tragica da nossa campanha de Africa; ante o grandioso pano de fundo da selva africana ecôa o coro da tragedia, a sua voz, ora estridula, ora roufenha, anathematiza os covardes e os incapazes.

Escrevendo acerca duma derrota, Antonio de Certima abeirou-se do grave perigo de cair numa planencia monotona; mas com a tecnica e a força literaria dum grande escritor venceu-o completamente e o seu choro é o clamor heroico do guerreiro vencido.

A *Epopéia Maldita* ficará como a demonstração cabal de que a literatura masculina encontra entre os novos brilhantes cultivadores.

"Cavalgada do Sonho," — por Ju-



Antonio de Certima

lão Quintinha — O autor das *Terras de Fogo* dá-nos um novo livro de novelas em que deixa galopar o seu sonho de Liberdade e de Bondade.

Sedento de justiça, Julião Quintinha imprimiu á sua obra uma orientação simplista e unilateral, desprezando psicologias complicadas, traçou as suas personagens dentro de um quadro de evolução, por vezes convencional; mas sempre sincero e apaixonado.

Cavalgada do Sonho é um belo livro de emoção e um pouco... um livro de combate.

"A Invasão dos Judeus," — por Mario Saa.

— Um audacioso livro de combate construído habilmente em torno d'uma... verdade.

Peca a obra de Mario Saa pelo *parti-pris* politico das conclusões e pela demaziada esquematização da materia; contudo revela a notavel erudição e as brilhantes qualidades de investigador do seu autor.

Frente a frente ficou abordado um problema racico... e antes de se acusar Mario Saa de provocar mais uma divisão da *família* portugueza, será bom demonstrar que os cidadãos que se degladiam, periodicamente, na Rotunda, pertencem á mesma *família*.

"In Memoriam," — de Camilo Castelo Branco. — Edição da Casa Ventura Abrantes. — Obra magnifica que coroou plenamente o centenario camiliano.

O TEATRO NOVO

GALHARDAMENTE, Antonio Ferro lançou a idea de um teatro, onde sem as peias habituais nos palcos portugueses, se podesse dar á arte senica, aquela vida e aquele desenvolvimento que a rutina assassina nos tablados existentes entre nós.

O Teatro evoluiu, obedecendo á lei fatal das coisas, as suas convenções caíram minadas pela visão eterna, mas os pontífices cristallizados nas posições conquistadas não querem ver o seu movimento, não querem, ou não podem, sentir a nova emoção.

Um vibrante *bravo!* pela sua iniciativa, Antonio Ferro, se está decidido a lutar contra a força da inercia. O Teatro Novo, ou é todo novo, ou morre certamente!

A realização dum teatro livre tem de ser efetuada dentro da maxima liberdade de acção; não pode estar suborinada a prisões financeiras e muito menos a imposições artisticas.

O Teatro Novo é uma necessidade da arte portugueza, é um anseio daqueles que sentem pela scena, ameaçada pelo cinema, um cari-



Antonio Ferro, organizador do Teatro Novo

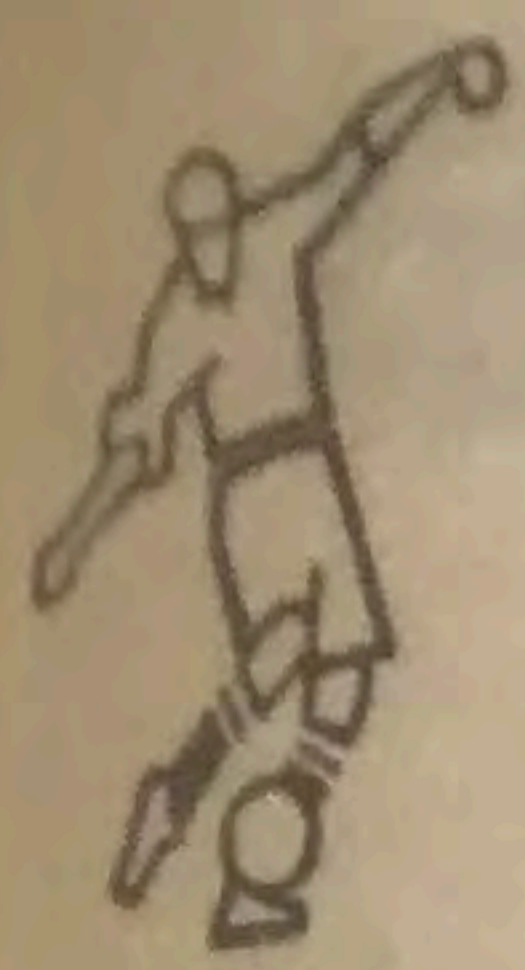
nho muito grande, é uma esperança dos que que querem realizar uma coisa que não existe entre nós: uma literatura teatral.

Antonio Ferro, vamos dizer-lhe: ha já realizadas entre nós valiosas obras teatrais, que nem sequer, ainda, foram regeitadas nos palcos portugueses, e que seriam um valioso elemento no seu Teatro Novo.

Segundo lemos o Teatro Novo, grito de revolta contra a servidão a que tem estado condenada a concepção teatral, vai abrir com o *knok*, isto é, com uma peça estrangeira, com uma tradução, a eterna mula do pseudo teatro nacional!

E contudo, como acima lhe dissemos, existem já obras portuguesas dignas da sua scena. Um exemplo?... O *Gebo* e a *Sombra*, a maravilhosa obra de Raul Brandão.

Dentro desta Revista encontrará Antonio Ferro o mais franco apoio, certos, como estamos, de que o porta-ban teira da nova geração não ouvirá a missa para conquistar... Paris.



S P O R T

A situação desportiva

SE, no momento que passa, histórico e solene, o mundo parasse na sua marcha, — como era sua obrigação, se fôsse bem educado, — para saudar o advento do nosso magazine, eis, a traços largos, a situação desportiva que Portugal nos depararia:

Assistencia oficial: — Sob o impulso agitador de Sua Excelencia o Sr. Presidente da República; do Grupo Parlamentar Desportivo de que tem sido alma o Dr. José Pontes; e do Comité Olimpico Português, idem, idem; os nossos poderes públicos, esfregando os olhos extremunhados, para sacudir o sono e a poeira dos séculos, reconheceram finalmente a existencia de um factor inteiramente novo, desabrochado apenas desde Adão e Eva, de equilibrio e conservação da vitalidade das raças.

Preguntando surpreendidos o nome da Nova Ideia, a historia antiga respondeu *Educação Física*, a historia moderna respondeu *Desporto*; e os Pretores nacionaes puzeram-se a curar afanosamente dessas coisas tão mínimas.

Competição Internacional. — Na última Assembleia Olimpica, e nos Matches Internacionaes, conjuntamente realizados, o nosso ignorado país, por um peregrino milagre da raça, ousou fazer bonita figura em hipismo, em esgrima, em tiro de espingarda e revólver de guerra e em pistola livre. Em hipismo e em pistola conquistamos prémios collectivos; em espingarda, revólver e pistola, mais de 70 premios individuaes; na esgrima os nossos atiradores marcaram, e estão marcando ainda na Belgica, o seu lugar de honra entre os melhores do mundo.

Preparação Olimpica. — O C. O. P. resolveu não dormir sobre os loiros, e vae efectivar três anos consecutivos de preparação

progressiva dos nossos homens de classe, em todos os ramos. Sob a sua vigilancia e estímulo é de esperar que em 1928 Portugal possa evidenciar as faculdades excepcionaes do seu povo.

Desportos em evolução. — A todos sobreleva a prática do *Association* em que os nossos jogadores vão ganhando uma tal classe que já não ha fortes agrupamentos estrangeiros que passem impunemente pelos nossos campos. Todos elles levam o carimbo nacional, marcado com uma ou mais derrotas, tornando-se notavel na applicação da chancela, o brioso *onze* dos Liões, S. C. P.

Em *Velocipedia*, possuímos um grande núcleo de admiraveis estradistas que se apresentariam brilhantemente em qualquer parte do mundo. E' infinitamente lastimavel que, entre os Cresos nacionaes, não surja um, bastante amigo do desporto, para subsidiar a inscrição de dois ou três dos nossos azes do pedal, na corrida do *Tour de France*.

Em *Natação*, faltam-nos as piscinas, verdadeiras academias da arte de nadar, absolutamente imprescindiveis para o aperfeiçoamento dos estilos. Dêem piscinas aos portugueses, aos velhos amigos do mar, que já herdaram dos fenícios o amor das ondas, — e ninguém nadará melhor.

Em *Remo* poderíamos estar mais avançados; em *Atletismo*, em *Tennis*, em *Yachting*, *Water-polo*, etc., estamos na fase de aprender.

Desportos Femininos. — A mulher portugêsa já começa a nadar, — um pouco assustada por ter de molhar os pés aos dias de semana. Algumas, mais heroicas, afoitam-se a pegar numa raquete e outras, muito raras, atrevem-se a montar escandalosamente um cavalo ou a guiar uma bicicleta, mas são

acerbamente criticadas pelas outras, pelas bolinhas de cebo, anquilosadas e trôpegas, que desmaiam pelo susto de um rato, que não sustentam uma marcha ao longo da rua Augusta e mal podem sopezar a malinha do *boton rouge*.

A reacção inteligente contra a inércia da mulher portugêsa está, infelizmente, muito longe de se esboçar; apenas umas classes infantis de ginástica, e a iniciativa arrojada e feliz do Lisboa Gimnásio Clube, criando uma classe de dança artística para meninas. A dança artística é a mais completa, a mais perfeita e a mais formosa das gymnásticas e o desporto ideal para a cultura física feminina.

Este desprezado problema requiere uma solução inadiavel, porque, emquanto a população portugêsa fôr gerada por mães anémicas, cloróticas, adiposas, linfáticas e histéricas, é estúpido aspirar-mos a ser uma raça forte.

Desportos em embrião. — O Hockey em Campo e o Golf estão esboçando os seus ensaios de aclimatação. O Lawn-Tennis Internacional ocupa-se da propaganda do Ping-Pong, — tennis de mesa —; e o S. C. P. está-se esforçando por introduzir o Rugby no nosso país.

Não nos parece, francamente, que seja o Rugby um desporto adquado ao temperamento e á estrutura da nossa raça: prestando-se a todo o género de violencias, é demasiadamente perigoso e provocador para o génio impulsivo dos meridionaes; exigindo vantagens de força e de peso, torna impossivel a lucta entre a nossa pequena estatura e as avantajadas proporções dos gigantes do norte.

Eis, com muito pouca luz, um embaciado instantâneo do momento desportivo nacional.

FELIX BERMUDES

FABRICAS VULCANO E COLARES

CARLOS ALFREDO DA SILVA, L.^{DA}

SUCESORES DE

CARLOS ALVES & C.^A — COMPANHIA PERSEVERANÇA — MONIZ GALVÃO & C.^A

Telegramas

VULCANO
LISBOA

LISBOA

Telefones

CENTRAL 69
70

Largo do Conde Barão -- Boqueirão do Duro -- Rua 24 de Julho

Grandes Oficinas de Construção e Reparação

Fundições, Serralherias, Forjas e Caldeirarias

* * * * Montagem de Fabricas * * * *

VIGAMENTOS E COLUNAS DE FERRO, CHUMACEIRAS E VEIOS DE AÇO PARA TRANSMISSÕES,
TAMBORES, CORREIAS E SEUS PERTENCES

REPARAÇÕES DE NAVIOS

Bombas e Tubagens em Ferro e Chumbo

Fogões de Cozinha e Sala "Salamandras,"
Soldagem a oxi-acetilene e electricidade

MATERIAL AGRICOLA

BOCAS DE REGA, BOMBAS CENTRIFUGAS, CHARRUAS EM FERRO, CHARRUAS AMERICANAS
e CHARRUAS BRABANT, CILINDROS CULTIVADORES, DESTRIUIDORES DE ADUBO,
ENFARDADEIRAS MANUAIS PARA PALHA, GADANHEIRAS, GRADES,
PRENSAS MABILE, PRENSAS HYDRAULICAS e MANUAIS
COM RESPECTIVAS BATERIAS DE BOMBAS,
SEMEADORES TARÁRAS e TRILHOS
PARA PALHA

MAQUINAS PARA REFRIGERANTES

MOTORES

PETTER DE 1 1/2 a 42 H. P.
VICKERS - PETTER DE 23 A 500 H. P.

ELEVADORES e MONTA-CARGAS

GRANDE EXPOSIÇÃO DE MAQUINAS

Julio Worm

Armazem Fotografico

MAQUINAS, ACESSORIOS

E TODOS OS

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA

ULTIMAS NOVIDADES

TRABALHOS DE AMADORES
COM PERFEIÇÃO E RAPIDEZ
QUARTO ESCURO PARA OS CLIENTES

135, Rua da Prata, 137
LISBOA

Bernardino Pinto, Filhos

Limitada



AUTOMOVEIS e TRENS
de ALUGUER

7-B, Arco do Cego, 7-B
LISBOA

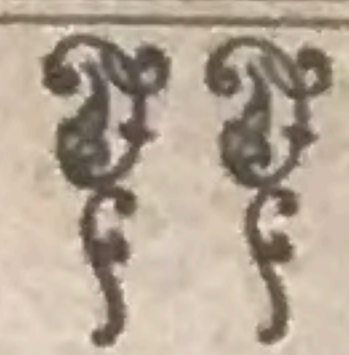
INSTALAÇÕES

PARA

ELETRICIDADE

AGUA

e **GAZ**



Rua 1.º de Dezembro,

33 a 37

LISBOA

A Garrett

Rua Garrett, 97

Patisserie et restaurant

O rendez-vous elegante
de Lisboa

Chás concerto — Esmerado serviço
de restaurant

Finissima doçaria

A melhor casa de chá
da sociedade elegante

Telefone — C. 2663



Use diariamente
os productos

Rainha da Hungria

Água, Creme e Pó d'Arroz
Os melhores para os cuidados da pele
das senhoras

Tonico, Loção, Brilhanfina e Tintura

Yildizienne

Os melhores preparados para os cuidados
dos cabelos

Experimentem todos os nossos productos de Beleza e Higiene

Tratamentos de Beleza pela Eletricidade aplicada sob todas as suas formas

TRATAMENTOS DE ALTA FREQUENCIA

Massagem Medica, Esthetica e Higienica, Manual e Combinada
de Eletricidade, Vibratoria e Pneumaticas

LAVAGEM DE CABEÇA com secagem eletrica — PINTURA DOS CABELOS em todas as cores

Ondulação Mareel e Permanente com o aparelho Gallia-Manucure

Visitem a nossa casa e peçam listas de preços á

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23

LISBOA

Rua 7 de Setembro, 166

RIO DE JANEIRO

Tele { fone C. 1701
gramas:
Belezak

Tele { fone N. 5641
gramas:
Belezak

Cruz de Merito
e Medalhas de Ouro
na Exposição
de Milão 1920

— — —
Grande Prix
Exposição
Internacional
Rio de Janeiro
1922



Compre Pneumáticos Goodyear na primeira oportunidade

A resistencia e utilidade de um pneu, especialmente de um pneu "BALÃO", dependem do material com que êle é construido. "SUPERTWIST", a nova construção da Companhia Goodyear, é um material acordado de enorme resistencia, grande elasticidade e larga duração.

Os pneus "GOODYEAR"—e sómente estes pneus—são construidos com as extraordinárias "cordas" SUPERTWIST.

**GOODYEAR significa larga duração
Pneumáticos BALÃO GOODYEAR**



GOODYEAR

BALLON TYRES

OLEOS ESSENCIAES

DE

E. SADISSE & C^o, LEIPZIG

e demais Produtos para a Perfumaria e Produtos de Beleza

Unicos depositarios: — **A. M. ESTEVES, L.^{da}**

Rua dos Correeiros, n.^o 224-2.^o D.^{to}

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Banco Emissor das Colonias

SÉDE — Lisboa — Rua do Comercio
AGENCIA — Lisboa — Caes do Sodré

Capital Social
Esc. 48.000.000\$00

Capital Realizado
Esc. 24.000.000\$00

Reservas
Esc. 34.000.000\$00

Filiaes e Agencias no Continente — Aveiro — Barcelos — Beja — Braga — Bragança — Castelo Branco — Chaves — Coimbra — Covilhã — Elvas — Evora — Estremoz — Famalicão — Faro — Figueira da Foz — Guarda — Guimarães — Lamego — Leiria — Olhão — Ovar — Penafiel — Portalegre — Portimão — Porto — Regoa — Santarem — Setubal — Silves — Tomar — Torres Vedras — Viana do Castelo — Vila Real Traz-os-Montes — Viseu e Vila Real de Santo Antonio.

Filiaes nas Ilhas — Funchal (Madeira) — Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

Filiaes e Agencias nas Colonias — **Africa Occidental** — S. Vicente de Cabo Verde — S. Tiago de Cabo Verde — Loanda — Bissau — Bolama — Kinshassa (Congo Belga) — S. Tomé — Principe — Cabinda — Malange — Novo Redondo — Lobito — Benguela — Vila Silva Porto — Mossamedes e Lubango. **Africa Oriental** — Beira — Lourenço Marques — Inhambane — Chinde — Tete — Quelimane — Moçambique e Ibo. **India** — Nova Gôa — Mormugão — Bombaim (India Inglesa) **China** — Macau. **Timor** — Dilli.

Filiaes no Brasil — Rio de Janeiro — S. Paulo — Pernambuco — Pará e Manaus.

Filiaes na Europa — **Londres** — 9 Bishopsgate E. **Paris** — 8 Rue du Helder.

Filiaes nos Estados Unidos — New York — 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros

EMPRESA TECNICA INDUSTRIAL

LIMITADA

SÉDE EM LISBOA

Rua da Boa Vista, 43

FILIAL NO PORTO

Rua das Carmelitas, 40

Telef. — C 3.999, C 442 Teleg. — TECNICA

MAQUINAS

para todas as industrias

MAQUINAS para a agricultura

AÇOS POLDI

DE CONSTRUÇÃO E PARA FERRAMENTAS

MOSAICOS

G. & C.^ª

GOARMON & C.^ª

A MAIOR FABRICA DO PAIZ

Escritório: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21 LISBOA
Rua do Corpo Santo, 32

A maior produção de Portugal. Os de melhor fabrico
RESISTENTES DURÁVEIS IMPERMEAVEIS

As maiores vantagens

DEPOSITOS

Angra do Heroismo.	Amadeu Monjardino.
Alcanena	M. nuel Lopes dos Santos.
Braga	Joaquim M. Gomes da Fonseca.
Beja	José Joaquim de Matos.
Beja (Africa Oriental)	Agência Geral da Beira.
Cartaxo	José Maria Coelho.
Caldas da Rainha	Ribas, Sobrinho, Ld. ^ª .
Coimbra	Bizarro, Casimiro & C. ^ª , L. ^ª .
Covilhã	Anacleto Alves da Silva Irmão.
Cintra	Palmela & Sebastião.
Elvas	Costa & Lino.
Evora	Antonio José David.
Faro	Empresa do Sul Produtos Quimicos.
Ferreira do Alentejo.	Inácio Fialho de Maceta & C. ^ª .
Funchal	J. Quirino de Castro & C. ^ª .
Figueira da Foz	Luiz Neto Braz & Filhos.
Portimão	Dias, Diniz e Murta, Ld. ^ª .
Setubal	José Sebastião Ferreira Irmão.
Torres Vedras	Joaquim dos Santos Pio.
Vila Franca de Xira	Francisco Lima Martins.
Vizeu	Almeida & Ct. ^ª .

ARTIGOS DE CIMENTO ARMADO

Pintura artistica em azulejos: Santos, paisagens, fotografias, etc.

Azulejos, Cimentos, e outros materiais de construção

Telefone C. 1:244



BNP



EFG0000833375

